

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**DISSERTAÇÃO**

**ASPECTOS COGNITIVOS E METACOGNITIVOS EM ATIVIDADE DE  
LEITURA DO GÊNERO CONTO DE MISTÉRIO: A INFERÊNCIA E A  
DESCRIÇÃO DE PERSONAGENS VINCULADAS AOS  
CONHECIMENTOS PRÉVIOS.**

**ANDREIA CRISTINA FEITOZA DO NASCIMENTO**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**ASPECTOS COGNITIVOS E METACOGNITIVOS EM ATIVIDADE DE  
LEITURA DO GÊNERO CONTO DE MISTÉRIO: A INFERÊNCIA E A  
DESCRIÇÃO DE PERSONAGENS VINCULADAS AOS  
CONHECIMENTOS PRÉVIOS.**

**ANDREIA CRISTINA FEITOZA DO NASCIMENTO**

*Sob a Orientação da Professora Doutora*  
**Maria do Rosário da Silva Roxo**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Curso de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Área de Concentração em Linguagens e Letramentos.

Seropédica - RJ  
Fevereiro de 2018

## UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N244a Nascimento, Andreia Cristina Feitoza, 1988-  
Aspectos cognitivos e metacognitivos em atividade  
de leitura do gênero conto de mistério: a inferência  
e a descrição de personagens vinculadas aos  
conhecimentos prévios. / Andreia Cristina Feitoza  
Nascimento. - 2018.  
138 f.: il.

Orientadora: Maria do Rosário da Silva Roxo.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Mestrado Profissional em Letras -  
PROFLETRAS, 2018.

1. Cognição e Metacognição. 2. Inferência. 3.  
Leitura. I. Roxo, Maria do Rosário da Silva, 1961-,  
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS  
III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**ANDREIA CRISTINA FEITOZA DO NASCIMENTO**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de Concentração em Linguagens e Letramentos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 08/02/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Rosário da Silva Roxo – (UFRRJ)  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Cianconi Vianna Nogueira – (UERJ)  
Avaliador externo

---

Prof. Dr. Mario Cesar Newman de Queiroz – (UFRRJ)  
Avaliador interno

SEROPÉDICA, 2018

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a realização do presente trabalho à minha mãe, que desde minha infância priorizou os meus estudos, fazendo-me morar com meus avós paternos para que eu pudesse ter um ambiente com tranquilidade, espaço e recursos para me concentrar durante o período escolar. Além disso, fez-me perceber a importância de estar ampliando cada vez mais meu conhecimento e de se ter fé diante dos momentos de dificuldades.

Ao meu avô Alair (*in memoriam*), pela minha criação e por ter exercido honrosamente o papel de um pai para mim: ao assistirmos aos jogos de futebol na TV, durante os passeios ao shopping, com suas conversas sobre o tempo de adolescente, mas principalmente, pelas atitudes de um cidadão de bem, que pensa no próximo e honra seus compromissos de forma séria e respeitada. À minha avó, Layse, e minha tia, Márcia, que sempre me incentivaram e acreditaram que eu pudesse ter um diploma de graduação.

A todos os meus amados familiares, principalmente minha prima Priscila, que pesquisou como se chegava à UFRRJ e se disponibilizou a ficar me aguardando por horas durante a realização da prova de ingresso ao mestrado PROFLETRAS.

Ao meu companheiro Diogo, por quem tenho muito amor e respeito, por me escutar reclamando todos os dias sobre estar desestimulada e que iria desistir, mas me confortava com palavras de apoio e vídeos motivacionais.

Aos amigos que compreenderam meu afastamento e minha ausência nas festinhas e encontros, sem qualquer tipo de cobrança ou mudança na forma de tratar nossa amizade.

À minha querida turma 901, que desde o oitavo ano do Ensino Fundamental mostrou-se empolgada em participar da minha pesquisa.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Rosário da Silva Roxo por ter aceitado ser minha orientadora e pela gentileza e contribuições que me foram fornecidas durante os encontros de orientação na UFRRJ e nos últimos dias de prazo.

Ao professor Dr. Mario Cesar Newman de Queiroz e à professora Dr.<sup>a</sup> Vanessa Cianconi Vianna Nogueira, pela leitura do meu trabalho que muito contribuiu e enriqueceu a presente pesquisa.

Aos colegas professores e mestrandos do PROFLETRAS, em especial, Paulo e Ana Paula, pelas palavras de incentivo, pelos textos compartilhados, pelas angústias e por tornarem minhas terças-feiras na UFRRJ mais agradáveis.

“(...) a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa incerteza”.

Lygia Fagundes Telles

## RESUMO

NASCIMENTO, Andreia Cristina Feitoza do. **Aspectos cognitivos e metacognitivos em atividade de leitura do gênero conto de mistério: a inferência e a descrição de personagens vinculadas aos conhecimentos prévios.** 2017. 138p. Dissertação (PROFLETRAS). Instituto Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Comunicação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

A presente pesquisa tem por objetivo colaborar para o aprimoramento de práticas que envolvam a leitura no Ensino Fundamental e que viabilizem durante a aprendizagem entendermos como o sujeito-leitor cogniza ao ler um texto, em especial as narrativas de mistério, isto é, como o leitor utiliza as informações contidas naquele texto, fazendo inferências e apresentando conclusões lógicas como resposta. Para isso, foram analisadas atividades de leitura aplicadas para alunos do 9º ano e elaboradas a partir do conto de mistério “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles. Os aportes teóricos que fundamentam o trabalho estão ancorados no campo da Cognição e do Ensino e nos quatro níveis de leitura postulados por Applegate *et al* (2002), dedicando-nos ao alto nível inferencial, e considerações apresentadas por diversos teóricos para a definição de gênero conto e narrativa de mistério. Como metodologia de pesquisa, foram criadas atividades pré-textuais para que os alunos fossem construindo o conceito de gênero conto de mistério, inferência e descrição física e psicológica até a aplicação da proposta final para a investigação da compreensão leitora dos participantes no alto nível inferencial de Applegate *et al* (2002). Após a aplicação, a professora-pesquisadora notou que o nível alto de complexidade quanto ao entendimento sobre o comando da questão permitia que os alunos apresentassem a realização de uma ação em vez de todas e que enunciados extensos requer maior atenção do leitor, originando dúvidas quanto aos processos cognitivos e linguísticos no que tange à leitura de textos.

Palavra-chave: Cognição e Metacognição, Leitura, Inferência.

## ABSTRACT

NASCIMENTO, Andreia Cristina Feitoza do. **Cognitive and metacognitive in reading activity of the mystery tales genre: character inference and description attached to previous knowledge**. 2018. 138p. Dissertation (PROFLETRAS). Institute of Humanities and Social Sciences, Department of Letters and Communication, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

The aim of the present research is to collaborate on the improvement of practices that involve reading in Elementary School and also enable us to understand, during learning, the way the reader thinks at the moment he reads the text, specially mystery narratives, in other words, how the reader utilizes information contained into the text, doing inferences and presenting logical conclusions as answer. Therefore, reading practices directed to students from the ninth grade and prepared with inspiration on Lygia Fagundes Telles's mystery tale called "Venha ver o pôr do sol" was analyzed. The theoretical contribution that gave support to this work was based on Cognition and Teaching scope and also on the four levels of reading mentioned by Applegate et al. (2002), with dedication to the high inferential level and cogitations presented by several theorists to define tale genre and mystery narrative. As research methodology, pre-textual activities were created to make students compose the mystery tale genre concept, the inference and the physical and psychological description until the application of the final proposal to the investigation of the participants' reading comprehension on the high inferential level from Applegate et al. (2002). After the application, the teacher and researcher realized that the high level of complexity about the understanding of the question command enables students to executate only one action instead of executating all of actions. She also realized that large questions request for more attention from the reader, creating doubts about the cognitive and linguistic process that involves reading.

Keywords: Cognition and Metacognition, Reading, Inference.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	5
1.1 As estratégias que envolvem a situação de aprendizado do aprendiz .....	5
1.2 Metacognição no processo de ensino escola .....	10
1.3 Níveis de leitura de Applegate <i>et al</i> (2002).....	13
1.4 O terceiro nível de leitura (Alto nível inferencial) .....	14
1.5 Inferências .....	15
1.6 Descrição física e psicológica nas narrativas .....	17
1.7 O gênero e sua relatividade .....	21
1.8 Considerações sobre o gênero conto .....	24
1.9 A narrativa de mistério .....	31
<b>2. ANÁLISE DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS DOS ALUNOS SOBRE O TERMO “MISTÉRIO”</b> .....	35
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	39
3.1 A pesquisa e o perfil dos participantes .....	39
3.2. Análise do conto .....	39
3.2.1. Análise do conto: “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles.....	40
3.3 Elaboração da proposta didática .....	42
3.4 Aplicação da proposta de atividade .....	50
3.5 Procedimentos na aplicação da atividade final.....	58
<b>4. ANÁLISE DA ATIVIDADE APLICADA</b> .....	71
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	87
<b>APÊNDICE</b> .....	92
<b>APÊNDICE 1 – Proposta de atividade: SEÇÃO I – Atividade 1</b> .....	92
<b>APÊNDICE 2 – Proposta de atividade: SEÇÃO I – Atividade 2</b> .....	95

<b>APÊNDICE 3 – SEÇÃO II: Atividade 1</b> .....	97
<b>APÊNDICE 4 – SEÇÃO II: Atividade 2</b> .....	101
<b>APÊNDICE 4 – SEÇÃO II: Atividade 3</b> .....	107
<b>APÊNDICE 5 – SEÇÃO II: Atividade 4</b> .....	115
<b>ANEXO</b> .....	121
<b>ANEXO A – Termo de autorização</b> .....	121
<b>ANEXO B – Termo de consentimento</b> .....	122
<b>ANEXO C – SEÇÃO III: Atividade 1</b> .....	123
<b>ANEXO D – SEÇÃO III: Atividade 2</b> .....	132
<b>ANEXO E – Capa de livro</b> .....	138

## INTRODUÇÃO

Despertar o gosto pela leitura literária associada ao ensino de língua tem sido um dos grandes desafios do professor de Língua Portuguesa em tempos de crescente interesse dos jovens pelas redes sociais. Com base nessa observação, notou-se que os alunos apresentam grande interesse pelas narrativas que envolvem o sobrenatural, aquilo que não está presente na nossa realidade, mas perpassa pelo imaginário coletivo, e as que se desenvolvem em torno de algum crime a ser solucionado. Todavia, essa compreensão tem sido motivo de dificuldade por parte dos alunos, visto que esses precisam inferir significados e relacioná-los aos conhecimentos armazenados para obterem uma informação lógica apoiada no texto.

É nessa perspectiva de colaborar para futuras práticas de ensino de leitura no Ensino Fundamental II, que esse estudo pautar-se-á em estratégias que possibilitarão a mediação professor/aluno no que tange às dificuldades encontradas por ambos no processo de aprendizagem das competências e habilidades de leitura e compreensão textual em Língua Portuguesa, a fim de entender como esse sujeito-leitor cogniza ao ler um texto, em especial as narrativas de mistério, visto que essas precisam que o leitor esteja atento aos pequenos indícios que poderão levá-lo a solucionar aquele enigma, estabelecendo, desse modo, uma integração do conhecimento prévio a elementos presentes no texto para chegar a conclusões lógicas como resposta. A ótica que se pretende estabelecer nessa pesquisa é corroborar para o aprimoramento de práticas que envolvam a leitura, porque

(...) não basta a alfabetização para que os alunos se tornem leitores, pois decodificar textos não significa lê-los: é necessário que haja, de fato, o letramento, ou seja, o processo de ler deve fazer com que os alunos assimilem o conhecimento à sua volta, como seres sociais que são fazendo inferências e levantando hipóteses. (SANTOS, 2015, p. 40)

A partir da concepção acima, conclui-se que o ato de ler está para além de atividades mecânicas de transcrição e decodificação. A leitura é uma atividade que requer participação de todos os envolvidos nesse processo: autor, texto e leitor. Como reforça o trecho a seguir, retirado dos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (PCN's, 1998, p. 69-70)

Para isso, esta pesquisa procurará trabalhar pedagogicamente a narrativa de mistério, tendo como referência o conto “Venha ver o pôr do sol”, da autora Lygia Fagundes Telles, no que tange ao desenvolvimento dos alunos em suas capacidades leitoras e de compreensão textual, além das possibilidades de construir e reconstruir discurso e imagens sugeridas pelos recursos próprios da linguagem literária, através de inferências e descrições físicas e psicológicas das personagens com base em acontecimentos de uma história; mostrando que essa construção não ocorre de maneira aleatória.

Dessa forma, o trabalho apresentará estudos de Metacognição, Cognição e Leitura, pautados em uma perspectiva situada, em que os aprendizes não sejam vistos com os mesmos comportamentos, independente do contexto em que estejam inseridos (SINHA, 1999), mas também na pesquisa de Applegate *et al* (2002), da qual analisaremos o conceito de níveis de leitura, dentre eles, o alto nível inferencial; na pesquisa de autores como Célia Ribeiro (2003), Koch (2016), que acreditam que o processo de ensino-aprendizagem deve ser pautado em como os alunos cognizam, considerando a realidade que os cercam e associam esses processos de cognição aos significados construídos na relação aluno e escola, vinculando, assim, o conhecimento de mundo às informações propostas pelo texto; pois reconhecer que a mente atua e se desenvolve de forma articulada com o ambiente ao seu redor, possibilita um aprendiz ativo nesse processo de leitura (GERHARDT, 2016, p. 25).

Por fim, e não menos importante, o estudo do gênero conto a partir da perspectiva da teoria dos gêneros do discurso de Mikhail Bakhtin que “centrava-se sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos” (ROJO, 2005, p. 185), ou seja, buscaremos atrelar esse estudo às considerações concernentes à origem do gênero conto e suas possíveis definições. Quanto à seleção dos textos que, inicialmente, irão compor a pesquisa teve sua escolha motivada pelos interesses dos discentes por histórias

cuja atmosfera esteja relacionada ao sobrenatural ou enigma que envolve as narrativas de mistério, como dito anteriormente. Após analisar alguns livros didáticos adotados pela escola, notou-se que não apresentavam algum capítulo que desenvolvesse tal conteúdo em suas páginas e, quando abordam questões de compreensão de texto, a abordagem empregada nas atividades é mais voltada para transcrições e/ou aspectos gramaticais sem relacioná-los a função exercida naquele contexto. Outra motivação se deu por conta do eixo das habilidades e competências de leitura do Currículo Básico, do 9º ano, da Secretária de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) que no 2º Bimestre os professores são orientados a ministrar o gênero conto e no 3º Bimestre a trabalhar habilidades e competências de *identificar e diferenciar características físicas e psicológicas dos personagens e utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências a respeito do conteúdo*.

Assim, o presente estudo está organizado em mais quatro capítulos, a saber:

No capítulo 1 consta a fundamentação teórica do trabalho, na qual pretendo situar a perspectiva teórica que permeará a discussão sobre a construção do significado que leva em conta a mente cognizando situadamente. Para isso, de forma geral, será apresentado o conceito de *situatividade* e a aprendizagem sob orientação metacognitiva. Esses conceitos permitirão uma visão e compreensão mais aprimorada da proposta que será defendida nessa dissertação. Em linhas gerais, será delineado o impacto dessas teorias na contribuição da aquisição do significado linguístico, no qual o significado é visto como algo dado e internalizado passivamente pelas pessoas, que independente do contexto comunicativo em que estão inseridas cognizam da mesma maneira.

Além disso, o capítulo discorrerá sobre o papel do professor enquanto mediador desse processo de aprendizagem metacognitiva, sobre os níveis de leitura sugeridos por Applegate *et al* (2002) e considerações apresentadas por diversos teóricos para a definição do gênero conto e narrativa de mistério. Nesse sentido, o trabalho discorrerá buscando relacionar os conteúdos teóricos ao estudo dos conceitos sobre *gênero conto de mistério* em sala de aula, uma vez que nesse gênero o leitor exerce um papel ativo na construção dos significados permitidos pelo texto, correlacionando noções prévias às ideias implícitas e explícitas na narrativa.

O segundo capítulo apresentará os resultados obtidos por meio da pergunta-questionário “Para você, o que é uma história de mistérios?”, aplicada para a turma de oitavo ano do Ensino Fundamental, com faixa-etárias entre 14 a 16 anos. O objetivo desse capítulo é compreender os mecanismos adotados pelos aprendizes participantes para definirem a

pergunta proposta, levando em consideração os processos cognitivos desenvolvidos por esses como sujeitos atuantes na construção dos significados. Diante dessa interrogativa, espera-se que os alunos ativem informações armazenadas em sua memória para criarem uma definição ao termo *mistério*, mas, sobretudo, ressaltar que os sujeitos não cognizam do mesmo modo, mesmo havendo a possibilidade de suas respostas apresentarem pontos em comum, pois o conhecimento vai sendo construído a partir de experiências individuais, ou seja, como o aluno se relaciona os estímulos que lhe é oportunizado durante a construção de sentido.

No terceiro capítulo, há a apresentação da metodologia de ensino que auxiliará, a meu ver, na melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa nos aspectos de leitura e compreensão do texto, sendo norteada nos pressupostos metodológicos propostos por Applegate *et al* (2002), que nos apresenta os diferentes níveis de leitura, aplicados ao conto em estudo. Para tal, serão desenvolvidas estratégias e perguntas de interpretação que viabilizem o desenvolvimento dessas práticas educativas e que permitam ao sujeito-leitor autonomia na relação leitor e texto e possibilidades de atuarem como sujeitos ativos e críticos nas esferas comunicativas da sociedade.

Esse capítulo se dividirá em cinco partes. Inicialmente, será feita uma breve contextualização sobre o perfil dos participantes e análise sobre o conto que será objeto de estudo. A terceira parte consistirá na elaboração de uma proposta de atividade voltada para o desenvolvimento das habilidades de compreensão textual e que contribua para o desenvolvimento metalinguístico dos aprendizes no que tange ao estabelecimento de inferências e das descrições de personagens. A quarta parte diz respeito à aplicação da proposta de atividade elaborada para a turma de nono ano do Ensino Fundamental. Por fim, a seção destinada ao procedimento de análise. Além disso, essas partes comporão a pesquisa juntamente com as informações sobre o tipo de pesquisa a ser adotada e os sujeitos investigados neste trabalho.

O penúltimo capítulo destina-se à análise da proposta de atividade de leitura do conto “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles, na qual se buscou ampliar por meio do alto nível inferencial de leitura habilidades de inferência, em que leitor/aluno associe conhecimentos prévios com as ideias do texto, dando conclusões como resposta. Por fim, o quinto refere-se às considerações finais.

# 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1. 1 As estratégias que envolvem a situação de aprendizado do aprendiz

Ao falar em aprendizagem e como seu processo se constrói deve-se considerar a subjetividade do aprendiz na contribuição das situações que envolvem o aprendizado e sua percepção em âmbito discursivo. Para isso, em “Pessoas situadas: aprender a ser um aprendiz” (traduzido por Aline Mendes Amantes), Chris Sinha propõe um estudo sobre o aprendiz a partir de uma perspectiva situada, abandonando ideias que veem os aprendizes com os mesmos comportamentos independente do momento e local em que estão inseridos.

Assim, ressaltando uma abordagem que atribua relevância ao contexto, tanto em nível sociocultural (*macro*) quanto em situações que priorizem o aprendizado e as experiências na aquisição deste, percebe-se a preocupação em se romper com pensamentos tradicionalistas sobre a aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa, uma vez que esses pensamentos excluem a ideia de que as práticas cognitivas e as atividades interativas são constituídas de significados. As pessoas elaboram significados e os ressignificam de acordo com as situações socioculturais em que são expostas. Desta forma, adotar uma visão naturalista de aprendizagem promoveria o distanciamento entre o aprendiz e as circunstâncias que acompanham essa construção.

A perspectiva naturalista é um marco do entendimento científico, e negligenciarmos ou rejeitarmos os frutos de sua implicação não terá qualquer serventia.

Entretanto, quando a perspectiva naturalista é adotada, nas ciências cognitivas, de *forma exclusiva* e despida de uma atenção rigorosa à construção sociocultural da cognição e da subjetividade humana, torna-se facilmente um cientificismo limitado e empobrecido. (Sinha, Chris, 1999, p. 35)

Nota-se a crítica feita pelo autor à visão exclusivamente universalista, já que o contexto implica significados. Para Sinha, o que se pretende com tal estudo é observar a pessoa durante seu desenvolvimento cognitivo, como esta o adquire e se posiciona em determinadas práticas discursivas e não discursivas, tornando-se um sujeito-aprendiz.

Portanto, teorias que tendem a naturalizar os conhecimentos apreendidos pelo aprendiz e os mecanismos que o levaram a desenvolver suas capacidades, acabam por limitar a aprendizagem a uma concepção inata, em que o aprendiz não é valorizado; excluindo a construção sociocultural da cognição e da subjetividade humana, ou seja, não criando significados para as atividades nas quais participam. Desta maneira, observa-se que a inquietude de muitos docentes ao se referirem à aprendizagem de seus alunos, perpassa pelo prisma de que certas habilidades e estratégias utilizadas em sala de aula para a faixa-etária X e turma Y devem ser realizadas pelos aprendizes da mesma forma, por conseguinte, obtendo os mesmos resultados.

Para exemplificar essa relação, o autor através da observação de sua filha/aprendiz em um cenário “acidental”<sup>1</sup> favorável à compreensão da construção do aprendiz como sujeito do aprendizado e com a pretensão de explicar que a associação entre o aprendiz e a realidade cultural em que esse se encontra situado, quando incompatíveis, pouco corroboram para as perspectivas de aprimorar ou auxiliar o aprendizado. Vejamos o ocorrido na ocasião analisada, em que Kate, filha de Chris Sinha e que na época tinha sete anos, acompanhara seu pai a uma aldeia onde crianças eram observadas no estudo de Kristine, aluna e colega do estudioso. Kate fora convidada a participar de uma atividade que estava sendo desenvolvida por uma professora e outras crianças do local, a modelagem de um pote. A menina iniciou o processo com entusiasmo e tentou emular as técnicas da professora, mas não o modelo criado. A professora pegou o artefato e o remodelou para que se assemelhasse aos demais produzidos. Neste momento, Kate pegou-o novamente para mudá-lo. Essa situação acabou despertando constrangimento em ambos os envolvidos, pois esta ficou bastante desapontada e aquela não conseguiu perceber por que o fato tornou-se um problema.

A partir da ilustração acima, pôde-se presumir que o quadro construído se assemelha a de um ensino técnico. A professora envolvida em seu contexto habitual de demonstrar as estratégias para a construção do pote e a aquisição do conhecimento por parte do aprendiz tinha por objetivo induzi-lo a adquirir comportamentos próprios de observação, além de levá-lo a dominar as técnicas para aquela execução que envolvia o trabalho individual em um contexto no qual a família é a unidade básica da economia. Nesse sentido microcontextual, o aprendizado técnico foi associado a um panorama de práticas sociais produtivas, isto é, dentro de um contexto não discursivo, para uma situação específica de ensino-aprendizado, que podemos chamar de “demonstração e emulação” (SINHA, 1999). Ou seja, o professor por

---

<sup>1</sup> “O cenário não foi previamente selecionado como lugar de observação, e cuja natureza não serviria à reprodução artificial para fins de estudos experimentais posteriores” (SINHA, 1999, p. 36).



meio da demonstração conduzirá o aprendiz a perceber as estratégias que perpassam naquela produção, o que o levará à emulação, e, provavelmente a igualar-se ou se tornar superior no domínio daquela técnica mostrada.

A contextualização do fato apresentado serviu para embasar outra análise sobre a situação de aprendizagem: o comportamento do aprendiz. A proposta na qual foi inserida, exigia de Kate uma experiência prévia, ou seja, as atividades em que outrora participara, favoreceram para o enquadramento àquela situação de aprendizado, como postura, observação, interferência da professora na realização da tarefa; reforçando o conceito de que ser um aprendiz não é um “dado a priori”, muito menos inato (SINHA, 1999).

Logo, é possível identificar os diferentes sentidos do aprendizado que Chris Sinha procura abordar: 1- aquele com finalidade de formar produtores habilidosos de mercadorias com valor financeiro, prática que segue a linha do ensino técnico; 2- aquele com valor predominantemente expressivo, isto é, não são produzidas mercadorias com valor de venda. Esse último sistema de ensino-aprendizagem é bastante utilizado nas escolas ocidentais na atualidade. Os aprendizes produzem artefatos (vasos, desenhos, etc) cujo valor sociocultural está relacionado à criatividade, sem viés comercial.

Na escola, a criança estaria sendo estimulada a criar, a expressar um valor estético individual simultaneamente à assimilação das técnicas. Entretanto, faz-se necessário salientar que o discurso cognitivista ultrapassa essa percepção que enquadra a aprendizagem a uma ocasião desenvolvida apenas para manifestar a criatividade, considerando a situatividade sociocultural que permite ao aprendiz refletir sobre sua própria construção; compreendendo as características que influenciam a dificuldade cognitiva e as estratégias disponíveis para essa realização.

Digamos que um mesmo professor trabalhe em duas unidades escolares posicionadas em regiões diferentes dentro de uma mesma cidade, porém pertencentes à mesma rede de ensino (municipal, por exemplo). Ainda que o material didático e o currículo sejam os mesmos, o contexto, assim como a personalidade, em que os alunos se encontram irá afetar a percepção e, conseqüentemente, o aprendizado. Ou seja, “sem situacionalidade e inserção cultural, não há como interpretar o texto” (MARCUSCHI, 2008). O que se pretende com tal afirmação é mostrar que a compreensão de um texto se faz efetiva, à medida que o sentido passa a ser entendido como situado, sendo analisado e entendido a partir de uma determinada situação e inserção cultural e cognitiva.

Retornando à reação emocional de Kate, podemos entender que a escola ao anular a individualidade ou identidade de seus alunos prejudica os processos que envolvem a formação do aprendiz, ao partir do pressuposto de que os significados serão os mesmos adquiridos:

“Assim, embora a microestrutura seja comum às atividades produtivas exercidas pelos aprendizes no ensino técnico e pelos aprendizes escolares (criativos), os *produtos* dessas atividades adquirem um significado diferente para o aprendiz em cada uma das duas macroestruturas” (SINHA, 1999).

Por exemplo, os alunos que são levados a criar receitas culinárias, ainda que elas não possuam um valor de mercado naquela comunidade específica. Entretanto, se dentro de um determinado grupo a culinária representar uma fonte de renda, os significados atribuídos a esse gênero textual serão diversos. Ademais, outro fator importante no estudo dos processos nos quais a aprendizagem se situa é a subjetividade como componente integrante da construção do significado e nas práticas discursivas, oferecendo uma nova forma de reconstruir a ideia de autocriação. O que, segundo Marcuschi (2008), funcionaria como uma ocorrência que atualiza sentidos e não como uma portadora de sentidos que independe dos sujeitos envolvidos naquelas operações.

Em situação hipotética apresentada por Sinha (1999), uma criança que esteja reunida com seus amigos de mesma faixa-etária resolve iniciar uma brincadeira a partir de um objeto, uma tiara dourada. Percebe-se que através desse material alguns valores e posicionamentos vão sendo incorporados àquela prática discursiva. A criança que usufruir da tiara irá se mostrar com gestos e fala similares aos de uma princesa de contos de fadas, além de se intitular Princesa Bela. As demais passam a agir como súditos e obedecem a cada pedido feito pela usuária. Deste modo, podemos inferir que através de um artefato, tiara dourada, tanto a interação das crianças quanto a recriação do objeto auxiliaram na construção de um novo significado, caracterizando um sentido extra àquele item. Ou seja, o sentido de “algo” não é determinado apenas pelo valor a que lhe foi conferido, podendo ter seu conceito amplificado em diferentes níveis:

O próprio Vygotsky desenvolveu a analogia entre sinais e ferramentas: um sinal é como uma ferramenta, segundo ele, embora, enquanto a ferramenta está direcionada

para a transformação da realidade externa e material, o sinal é automotivado, no sentido da transformação da realidade psíquica ou da atividade mental. Os episódios de interação que discutimos nos mostram que o inverso também é possível: não apenas sinais podem ser vistos como ferramentas (ou mercadorias), mas também os objetos podem ser vistos como sinais, ou significantes, que entrelaçam a posição e a perspectiva do sujeito, com os contextos de práticas discursivas e não discursivas que enquadram significativamente a aprendizagem e outras atividades. (SINHA, 1999, p. 46)

Para a realização da atividade lúdica entre as crianças, foi necessário que elas ativassem estratégias metacognitivas para auxiliá-las a compreender e atribuir novos sentidos a representação da tiara dourada, ou seja, os participantes acionaram conhecimentos pré-existentes sobre o que é uma tiara, o papel daquela figura da nobreza na sociedade, como os outros personagens deveriam agir naquele contexto para organizar e regular a atuação de cada indivíduo na brincadeira.

Em síntese, o posicionamento a que o texto se propõe é o de refutar tarefas que considerem a aprendizagem como produto desassociado à subjetividade do aprendiz. Observa-se que os valores conferidos a um artefato não assumem uma significação somente ao sentido primário desse, mas também as possibilidades de significado que o mesmo apresenta mediante a posição e perspectiva do participante em determinada prática discursiva. Logo, o processo de ensino-aprendizagem deve se pautar pela definição de como os alunos, com realidades diversas a que se deparam em sala de aula, cognizam considerando a realidade que os cercam e como esses processos de cognição estão associados com os significados construídos na relação aluno e escola.

Dessa forma, Gerhardt ressalta que a “cognição como distribuída significa reconhecer que a mente das pessoas funciona, atua e se desenvolve de forma articulada e constitutiva com o ambiente à sua volta” (2016, p. 25), isto é, o ambiente da sala de aula representa não somente um local de conhecimento, mas também de construção afetiva, sendo indissociáveis na composição do *eu- aprendiz*.

## 1.2 Metacognição no processo de ensino escola

Como lido anteriormente, os participantes do ato comunicativo podem apreender os conceitos a que são expostos de diferentes formas, evidenciando, assim, que a conceptualização de dado referente que constitui o significado é compreendida à medida que se relativiza o lugar onde estão inseridos.

Assim, por ora, nos deteremos aos fatores que envolvem a aprendizagem de habilidades leitora e de compreensão de leitura por meio de estudos metacognitivos e suas contribuições significativas para o desempenho escolar. Dessa forma, será necessário entendermos o conceito de Metacognição desenvolvido por Flavell & Wellman na década de 70, que busca novas estratégias para potencializar o aperfeiçoamento da aprendizagem, ou seja, como e quais recursos metacognitivos podem levar o aprendiz a refletir sobre aquela aprendizagem; analisando o próprio pensamento e verbalizando de maneira que consiga externar o que entendeu durante aquele processo (*apud* Célia Ribeiro, 2003).

(...) no seu modelo de *Bom Utilizador de Estratégias* - “*Good Strategy User*”, realça que, em termos de realização escolar, para além da utilização de estratégias, é importante o conhecimento sobre quando e como utilizá-las, sobre a sua utilidade, eficácia e oportunidade. A este conhecimento, bem como à faculdade de planificar, de dirigir a compreensão e de avaliar o que foi aprendido, Flavell atribuiu a designação de metacognição. (RIBEIRO, 2003, p. 109)

Rever o aprendizado com a perspectiva de que o aluno é o protagonista de seu desenvolvimento cognitivo, requer do professor uma postura de auxiliador e potencializador de práticas significativas capazes de estimular a reflexão do sujeito-aprendiz sobre aquela atividade a ser realizada, e não uma atuação profissional focada em exercícios textuais de natureza superficial, que não ultrapassam as habilidades de localização e transcrição de informações do texto. Por isso, ter consciência do processo de aprendizagem envolve o papel do sujeito, do mediador, do contexto e as estratégias presentes na compreensão, logo, as atividades que envolvam leitura devem despertar a ampliação da capacidade do aluno como leitor.

Deste modo, este trabalho apresenta interesse em torno dessa temática, uma vez que estudar a língua, é despertar a consciência do aluno sobre o seu uso. Aprendizes aptos à utilização de estratégias metacognitivas percebem com mais facilidade a maneira de agir, organizar e utilizar suas aptidões cognitivas. Devido a isto, o que propomos é o ensino de leitura e compreensão de textos que provoquem uma evolução gradativa das estratégias criadas pelos alunos, instigando-os desde uma leitura básica até a reflexão e exercícios que os impulsionem a acionar conhecimentos desta e outras áreas para um desempenho crítico diante do que o texto carrega.

Para tanto, preocupa-nos dar ênfase à leitura e compreensão textual, oferecendo uma conclusão lógica, no que tange a descrição do espaço e ação das personagens e permitir que os alunos façam inferências a partir das ideias do texto; conseguindo relacioná-las aos conhecimentos prévios adquiridos. Por exemplo, diante de uma narrativa de mistério, é interessante fazer o discente perceber que ele precisará relacionar as partes que compõem esse texto como a sequência em que ocorrem os fatos, a gradação em que são narradas as ações das personagens, à construção do cenário em que se desenrolará os acontecimentos e que contribuem para a coerência. Vale ressaltar que essas relações entre partes de um texto podem se desenvolver em ordem não linear, ou seja, quando o autor para despertar o interesse do leitor, começa pelo final dos fatos ou o tempo cronológico mistura-se ao psicológico.

Roland Barthes em *Introdução à análise estrutural da narrativa* menciona essa marca nas ações das personagens dentro da narrativa:

“[...] e porque mobiliza uma espécie de confiança na memória intelectual, substitui sem cessar a significação da cópia pura e simples dos acontecimentos relatados; segundo a “vida”, é pouco provável que, em um encontro, o fato de se sentar não siga imediatamente o convite para tomar um lugar; na narrativa, estas unidades, contíguas de um ponto de vista mimético podem ser separadas por uma longa sequência de inserções pertencendo a esferas funcionais completamente diferentes: assim se estabelece uma espécie de *tempo lógico*, que tem pouca relação com o tempo real [...]” (BARTHES, 2011, p. 57)

Deste modo, a ausência desse entendimento, sobre as situações vividas pelos personagens, proporcionará uma leitura deficiente, gerando comportamentos de dúvida ou incompreensão frente àquele material.

O que será abordado por Koch (2016) como estratégias de processamento textual, sendo divididas em cognitivas, textuais e sociointeracionais. No momento, interessa-nos entender a estratégia cognitiva, já que essa consiste em analisar as estratégias de uso do conhecimento vinculadas às situações de realização daquele discurso: objetivos dos usuários, as hipóteses de significação permitidas pelo texto, convicções e conhecimentos de mundo.

Desta forma, as estratégias cognitivas consistem em *estratégias de uso* do conhecimento, E esse uso, em cada situação, depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimento disponível a partir do texto e do contexto, bem como de suas crenças, opiniões e atitudes, o que torna possível, no momento da compreensão, reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos, não previstos ou mesmo não desejados pelo produtor. (KOCH, 2016)

Assim, faz-se necessário delimitar a noção de leitura a que o trabalho pretende adotar. Uma leitura focada não só no texto, mas também no processo de significação preenchido pela percepção do leitor diante daquelas informações presentes no texto impresso, oportunizando o acesso desse leitor ao seu próprio conhecimento. Pensando nessa relação texto/leitor, observa-se a importância da elaboração de atividades de leitura que possibilitem o leitor utilizar os dados contidos naquele texto, fazendo inferências e externando seus pensamentos.

A leitura [...] é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização e um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH e ELIAS, 2006, p. 11 *apud* OLIVEIRA e SILVEIRA, 2014, p. 93)

Desta maneira, nesta pesquisa, buscarei uma abordagem que avalie a compreensão leitora para além da identificação e extração de informações, sendo proposta uma atividade pautada nos níveis de leitura apontados por Applegate *et al* (2002), que foram baseados no resultado de questionários avaliativos sobre a compreensão leitora de alunos da primeira até a

sexta série de Ensino Fundamental nos Estados Unidos. Os pesquisadores concluíram que, embora os alunos avançassem no ano de escolaridade, as questões utilizadas para avaliar o rendimento e a relação de entendimento sobre as ideias presentes no texto, permaneciam em nível básico – transcrições e reprodução das ideias do autor. Logo, houve uma ineficiência no resultado, pois esses itens a que os alunos eram submetidos não foram precisos quanto aos grupos de crianças que conseguiam apenas extrair informações superficiais do texto dos que conseguiam expressar pensamentos sobre ele.

À medida que vão sendo inseridos na escola, os alunos precisam passar por experiências que promovam a autorregulamentação e os possibilitem entender as características pertencentes para a realização da tarefa proposta pelo professor. Este atuando como mediador e comprometido em oportunizar o aperfeiçoamento e aumento das experiências metacognitivas. Especificamente no que tange à leitura, dar ênfase a itens que exijam um comportamento participativo dos discentes, proporcionar exercícios que os despertem a darem respostas críticas sobre aquele conteúdo, acompanhar como esses leem e propor estratégias que contribuam para o avanço das habilidades de leitura. Todavia, esse comprometimento para que seja satisfatório, dependerá essencialmente de uma postura ativa dos alunos e também do professor, que não pode mais esperar a reprodução de respostas dadas *a priori* (VARGAS, 2012).

### **1.3 Níveis de leitura de Applegate *et al* (2002)**

Como mencionado, a pesquisa de Applegate *et al* (2002) tinha por objetivo, por meio de questionários, analisar o nível de compreensão leitora a que as crianças de primeira a sexta série apresentaram, classificando-se em quatro diferentes níveis de leitura. São eles:

Nível 1 – **linear**: exige que o leitor recorde o que leu, a resposta encontra-se clara e explícita no texto;

Nível 2 – **baixo nível inferencial**: as respostas não estão tão claras no texto, mas podem ser facilmente recuperadas, exigindo uma mínima conclusão ou inferência do leitor

com base nas informações presentes no texto, por exemplo, através de paráfrase, relações lógicas;

Nível 3 – **alto nível inferencial**: o leitor associa conhecimentos prévios com as ideias do texto, oferecendo uma conclusão lógica como resposta. Neste nível, espera-se que o aluno consiga criar uma alternativa para uma situação específica do texto, e/ou explicar o que motivou a ação do personagem;

Nível 4 – **inferência reflexiva global**: o leitor faz reflexões sobre o texto como um todo, expressando e defendendo uma ideia relacionada com as ações dos personagens ou com o resultado dos eventos. Agora, as respostas requerem do leitor um posicionamento crítico sobre um problema complexo descrito na história, levando-o a elaborar e/ou responder concordando ou discordando de um personagem.

#### **1.4 O terceiro nível de leitura (Alto nível inferencial)**

O objetivo desta pesquisa dedica-se ao terceiro nível de leitura, o alto nível inferencial, no qual é exigido um nível de inferência mais elevado por parte do leitor. Nesse momento, espera-se que o leitor/aluno relacione conhecimentos pré-existentes com os que estão presentes no texto. A realização desse nível de leitura faz-se necessária, uma vez que o leitor tem por hábito explicitar e/ou transcrever informações facilmente recuperadas, encontrando dificuldades em ressignificar e associar os elementos disponibilizados pelo autor aos fatos contextuais. Ao pedirmos para que o aluno explique o que pode ter motivado a ação de determinado personagem, mesmo que esse dado não esteja tão claro no texto, estaremos solicitando uma habilidade que ultrapassa a estratégia de localizar e narrar fatos ocorridos no texto com suas próprias palavras, mas de criar uma alternativa plausível para um acontecimento dentro daquela narrativa.

Desse modo, conforme descrito por Applegate *et al* (2002), pode ser observado cinco situações abaixo. Este trabalho focará nos dois últimos tópicos.



- i. o aluno concebe uma solução alternativa para um problema específico descrito no texto;
- ii. o aluno descreve uma motivação plausível que explica as ações das personagens;
- iii. o aluno fornece uma explicação plausível para uma situação, problema ou ação;
- iv. o aluno prevê um passado ou ação futura com base em características ou qualidades desenvolvidas no texto;
- v. o aluno descreve um personagem ou uma ação baseado em acontecimentos de uma história.

Logo, para desenvolvermos atividades que colaborem com o progresso dos alunos na compreensão de um texto, será necessário definir o que se entende por inferência, uma vez que a proposta desse trabalho é ampliar esse conhecimento acerca das possibilidades disponíveis pelo texto associando-o aos conhecimentos prévios de que esses possuem.

## **1.5 Inferências**

Ao desenvolver um trabalho de compreensão textual, é necessário situar-se frente a dois tipos de concepção: compreender como decodificar e como inferir. As pesquisas fundadas na compreensão de texto como decodificação vão analisar as informações que se encontram facilmente recuperáveis no texto, isto é, o leitor não apresenta dificuldades para identificá-las e extraí-las do texto. Por outro lado, há aquelas informações que, para que sejam compreendidas, precisam ativar conhecimentos que “não está nem no texto nem no leitor nem no autor, e sim numa complexa relação interativa entre os três e surge como efeito de uma negociação” (MARCUSCHI, 2016, p. 248). A essa que nos dedicaremos a estudar neste trabalho, as inferências.

As inferências funcionam como hipóteses coesivas para o leitor processar o texto. Funcionam como estratégias ou regras embutidas no processo. Não se pode, pois,

definir e medir compreensão pela quantidade de texto reconstruído pelo leitor, pois ler compreensivamente não é apenas reproduzir informações textuais, nem parafrasear. Isto seria o mesmo que supor que compreender um texto seria traduzi-lo em outro equivalente, de modo unívoco, já previsto pelo original. (MARCUSCHI, 2016, p. 249)

Na acepção apresentada por Koch (2016, p. 36), as inferências

[...] constituem estratégias cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo), constrói novas representações mentais e/ ou estabelece uma ponte entre segmentos textuais, ou entre informação explícita e informação não explicitada no texto.

Dessa forma, percebe-se pela definição apresentada, o papel atuante do leitor na relação com o texto. A leitura para que seja compreendida, requer de seu interlocutor uma postura ativa, na qual o leitor utilize os conhecimentos de que dispõe para relacioná-los com a mensagem vinculada pelo texto. Apesar da possibilidade dos sujeitos apresentarem experiências distintas sobre as representações de mundo, pode-se chegar a uma construção de sentido específica através de uma leitura textual direcionada e pautada nos recursos linguísticos disponíveis pelo autor do texto em análise. Espera-se que as respostas dos alunos não sejam meras transcrições, mas, que esses consigam relacionar, por exemplo, motivações plausíveis para uma determinada ação do personagem. Assim, na narrativa em estudo, o aluno partindo de uma informação descrita, como o cenário de encontro das personagens Raquel e Ricardo (o cemitério), ative seus conhecimentos de mundo sobre as significações atribuídas a esse local na nossa cultura – um local sombrio, habitado por mortos e que causa medo.

Assim, chega-se a conclusão de que “a habilidade de leitura, portanto, além de estar ligada ao conhecimento de mundo e das relações textuais, engloba a capacidade de ler nas entrelinhas, observando o uso do vocabulário e pressuposições, percebendo o contexto de comunicação” (Santos, Riche e Teixeira, 2015)<sup>2</sup>. Ou seja, a atribuição de sentidos a um texto está relacionada com as experiências subjetivas acumuladas ao longo da vida do falante/ leitor somadas às informações disponibilizadas pelo texto. O que Oliveira e Silveira, com base em

---

<sup>2</sup> SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Claudia Souza. Análise e produção de textos. - 1ªed. , 2ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2015

autores como Marcuschi (1985, 2008), Kleiman (1992) e Silveira (2005), no artigo “A compreensão leitora e o processo inferencial em turmas do nono ano do ensino fundamental”, irão enfatizar que a estratégia inferencial como fator essencial para alcançar a compreensão leitora

[...] exige que o leitor, em contato com as ideias do texto, as analise comparando-as com as informações que tem consolidadas em sua memória. Isso ocorre regularmente quando as informações aparecem de forma explícita no texto. No entanto, sabemos que muitas informações aparecem de forma implícita, ou seja, são *deduzidas* a partir de pistas textuais e da ativação do conhecimento prévio do leitor sobre o assunto abordado no texto. Essa habilidade de dedução é chamada de *inferência* ou *habilidade inferencial*. (OLIVEIRA e SILVEIRA, 2014, p. 94)

Entende-se que nesse processo há uma variação quanto aos tipos de inferências, que podem se realizar desde informações simples encontradas no texto a mais complexas. Todavia, mesmo com essa variedade identifica-se uma característica comum às inferências: o acréscimo de informação por parte do leitor/ ouvinte para obtenção de uma informação que não está explícita no texto. Segundo Coscarelli (2002) deve-se estabelecer um limite para que a noção de inferência não se torne ampla demais. A pesquisadora irá restringir a duas condições de realização. Na primeira, a “condição de a informação não explícita no texto ser acrescida a ele pelo leitor e a segunda seria a de que esse acréscimo fosse feito respeitando-se as indicações do texto, e não seguindo cegamente as vontades do leitor”. Dessa forma, percebe-se que, embora a construção de inferências dependa do leitor, esse processo inferencial não será linear para os leitores. Ele irá variar de acordo com o grau de complexidade exigido pelo texto e o conhecimento prévio sobre o assunto abordado naquela leitura.

## **1.6 Descrição física e psicológica nas narrativas**

Descrição define-se a partir da apresentação de um ser, objeto, paisagem ou outro elemento no qual se pretende atribuir características sobre ele. Ela contribui para o desdobramento ou representações imagéticas criadas pelo leitor. As descrições podem ser

objetivas ou subjetivas, físicas ou psicológicas, literária. Essa seção focará na conceituação das descrições físicas e psicológicas.

Na narrativa a caracterização de personagens é apresentada através do narrador. Logo, o ponto de vista desse é de extrema relevância para entendermos o processo de caracterização de um personagem. Se o narrador for personagem, em primeira pessoa, tais informações podem sofrer modificações em relação à realidade, uma vez que contado sob a perspectiva dele, dependendo de sua ligação com o material a ser analisado apresentará as impressões desse, “limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 1985, p. 43). Já, a descrição feita por um narrador em terceira pessoa exigirá desse certa imparcialidade quanto à imagem analisada, pressupondo uma descrição mais próxima da realidade, ou seja, “procura-se um determinado foco narrativo que permita ver de maneira mais completa, ainda que não necessariamente mais verdadeira”. (FIGUEIREDO, 2004, p. 24)

Beth Brait (1985), em *A personagem*, estabelece uma analogia entre o narrador e uma câmera para, desse modo, tentar definir a relevância do narrador nas narrativas. A autora aponta para a possibilidade de considerarmos o narrador como um elemento que nos permite extrair diferentes possibilidades na construção de personagens, funcionando como um ponto de vista capaz de caracterizá-los. Ora, agindo como uma câmera a capturar o que acontece diante dele, mas sem se envolver, ora como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos. Logo, ao encontramos uma narrativa em terceira pessoa deve-se atentar para o fato de que essa escolha focará nos momentos mais importantes para o andamento da história.

No romance policial, por exemplo, o registro detalhado do comportamento das personagens é tarefa, via de regra, de um narrador colocado fora da história e encarregado de acumular traços que funcionam como indícios da maneira de ser e de agir dos agentes das ações compreendidas pela narrativa. Através desses traços, a personagem vai sendo construída, e o leitor, por sua vez, pode descobrir, antes do final, a dimensão ocupada pela personagem no desenrolar dos “acontecimentos”.

(BRAIT, 1985, p. 56)

Assim, na prosa de ficção, segundo Garcia (2010), as descrições vão sendo delineadas com base em traços físicos e psicológicos

“[...] em geral se vai delineando gradativamente, ao longo de toda a narrativa, pela acumulação dos traços físicos e psicológicos, revelados em breves e sumárias ou longas e detalhadas descrições de sua aparência física, dos seus gestos, atitudes, comportamento, sentimentos e ideias – principalmente no discurso narrativo de feitiço tradicional – se concentram num só parágrafo, ou em parte dele.” (GARCIA, 2010, p. 249)

Nos parágrafos descritivos, os traços físicos são realizados para facilitar a representação do objeto. A perspectiva do observador vai sendo desenvolvida progressivamente, apresentando um caráter objetivo sobre a apreciação. Na descrição psicológica, o material analisado estará revestido de impressões captadas pelo narrador ou analista, como atitudes, comportamentos, sentimentos e ideias. Por exemplo, suponhamos que uma pessoa tenha ido a uma palestra e lá fosse convidada a descrever o palestrante. Essa pessoa teria de descrevê-lo fisicamente e psicologicamente. Ao sair do local, ela entregou a ficha preenchida com as seguintes observações:

- Descrição física: o palestrante é um homem de aproximadamente 50 anos, cabelos grisalhos, alto, forte, sem barba e olhos castanhos; vestindo calça jeans, blusa social e calçando sapatênis.
- Descrição psicológica: o palestrante era um senhor atencioso com a plateia. Brincava, sorria e explicava com calma o desenvolvimento da sua pesquisa.

Nota-se nas informações acima que ao descrevermos um mesmo objeto, atribuímos a esse pontos de vistas diversos a depender da finalidade e características que se pretende ressaltar, para que o interlocutor disponha daquela imagem.

Essa abordagem, a depender do objetivo de quem descreve, também pode ser observada no conto “O outro” de Rubem Fonseca. Nele a história é contada por meio do personagem principal, um executivo muito atarefado e que sofria com as frequentes abordagens de um pedinte. O executivo começa a desencadear problemas de saúde que vão piorando após a aparição do homem, que, de acordo, com a descrição do narrador-personagem, “era um homem branco, forte, de cabelos castanhos compridos”. O sujeito permanece a cada dia a espreitá-lo para pedir dinheiro: sua mãe estava doente e, em seguida,

para o velório dela. Após conseguir o que queria, o pedinte diz não ter ninguém no mundo para ampará-lo e, implorando mais uma vez por ajuda segura o executivo pelo braço. Este pela primeira vez vê como era o rosto do outro, “cínico e vingativo”.

Até esse ponto da narrativa temos a descrição do pedinte através do olhar de um homem atarefado e, que, estava se sentindo pressionado e amedrontado por um desconhecido (“Ele era mais alto do que eu, forte e ameaçador”). Com o desfecho da história, descobrimos que o pedinte “era um menino franzino, de espinhas no rosto e de uma palidez tão grande que nem mesmo o sangue, que foi cobrindo a sua face, conseguia esconder”. Nota-se que a imagem que o autor queria que tivéssemos do sujeito/pedinte fosse a de um homem aproveitador, o que não se mostra ao final do conto. O que nos leva a ter essa percepção é a descrição desenvolvida pelo personagem principal, que também o narrador. Em meio a uma vida corrida, com muitas atividades a serem realizadas, não tinha tempo para observar as coisas ao seu redor (inclusive o rosto de um jovem rapaz) sem pressa e sem os estereótipos presentes na sociedade. Logo, o ponto de vista, inicial, psicológico desse narrador em 1ª pessoa, faz “com que veja apenas o que *quer* ou pensa *ver* e não o que *está para ser visto*” (GARCIA, 2010, p. 248), fazendo uma descrição física e psicológica do rapaz distorcida, alheias a realidade do mundo objetivo.

Vemos tudo através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de “conhecer-se” e expressar esse conhecimento, conduz os traços e os atributos que a presentificam e presentificam as demais personagens. Se essa forma de caracterização e criação de personagens for encarada do ponto de vista da dificuldade representada para um ser humano de conhecer-se e exprimir para outrem esse conhecimento, então seremos levados a pensar que esse recurso resulta sempre em personagens densas, complexas, mais próximas dos abismos insondáveis do ser humano. (BRAIT, 1985, p. 61-2)

Identificamos essa relação em outro exemplo, a descrição de Ricardo, personagem do conto “Venha ver o pôr do sol”, remete a um homem calmo, gentil e ingênuo, que vê no encontro com sua ex-namorada a chance de reviver uma época mal resolvida de sua juventude. Todavia, o narrador em 3ª pessoa, que não participa dos fatos mas o observa, vai nos dando pistas de uma personalidade cínica e calculista (“Ele sorriu entre malicioso e ingênuo”). Além disso, nota-se que ao retratá-lo fisicamente, o narrador associa as “inúmeras ruguinhas” de Ricardo a uma “expressão astuta” que aparecia sempre que se sentia

contrariado, ficava sério e deixava transparecer por instantes que o homem não era tão jovem assim. Porém, ao voltar a sorrir, voltava-lhe “novamente o ar inexperiente e meio desatento” típico de um adolescente.

Assim, temos a descrição física em prol da caracterização psicológica da personagem, que vai tendo sua personalidade moldada a partir de rastros apresentados por quem nos conta a narrativa, nesse caso, em terceira pessoa. O narrador mostra-se de forma diferente em relação aos exemplos tradicionais em que o narrador coloca-se como “alguém” que apenas se limita a descrever os fatos sem se envolver com os mesmos. Ao contrário, ele aparece de maneira pessoal, dando pistas através das expressões faciais do personagem e do espaço em que se passa o conto um empenho em fazer dessa descrição um instrumento atemorizante.

Como observou Beth Brait (1985) ao analisar a obra *The glass key*, publicada em 1931 e traduzida para o português como *A chave de vidro*. No trecho analisado pela autora, extraído das duas primeiras páginas, o leitor é apresentado a duas importantes personagens. O narrador através da descrição da personagem, Madvig, vai permitindo ao leitor visualizar os traços físicos desse. Há um trabalho minucioso em se destacar os gestos, as roupas e a linguagem empregada.

A descrição, a narração e o diálogo funcionam como os movimentos de uma câmera capaz de acumular signos e combiná- los de maneira a focalizar os traços que, construindo essas instâncias narrativas, concretizando essa existência com palavras, remetem a um extratexto, a um mundo referencial e, portanto, reconhecido pelo leitor. (BRAIT, 1985, p. 59)

## **1.7 O gênero e sua relatividade**

No intuito de aperfeiçoar a expressão oral e escrita do aluno, a fim deste ampliar sua competência na utilização eficaz da linguagem verbal em situações comunicativas diversas, o ensino de gêneros têm norteado as aulas de Língua Portuguesa.

A caracterização do gênero é influenciada, segundo pesquisas recentes na área da linguagem, por fatores linguísticos, retóricos e sociais. Segundo Bakhtin (1992), os gêneros do discurso são tipos *relativamente* estáveis de enunciados, produzidos pelas mais variadas esferas da atividade humana. Essa relativa estabilidade se dá, pois os enunciados são passíveis de transformações dependendo do contexto de uso da linguagem. Assim sendo, “cada campo da utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 262) e ainda, segundo o autor:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Bakhtin, em outro momento, afirma que “se os gêneros do discurso não existissem e nós não o dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível!” (BAKHTIN, 2003 p. 283).

Deste modo, podemos afirmar, que toda a comunicação perpassa por gêneros e que não criamos um novo gênero a cada interação dialógica, optamos pelo gênero de acordo com o contexto da atividade humana a qual estamos inseridos.

Shnewly (2004, p. 25) demonstra resumidamente o que é gênero a partir da obra de Bakhtin,

- cada esfera de troca social elabora tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros;
- três elementos os caracterizam: conteúdo temático – estilo – construção composicional;
- a escolha de um gênero se determina pela esfera, as necessidades da temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor.



Com natureza variada, os gêneros recebem diversas designações, como artigo de opinião, conto, romance, crônica, novela, aula expositiva, resenha, palestra, entre outras. Para Shneuwly (2004, p. 26) três elementos são essenciais nessa definição:

1. Há a escolha de um gênero, em função de uma situação definida por um certo número de parâmetros: finalidade, destinatários, conteúdo, para dizê-lo na nossa terminologia. Dito de outra maneira: há a elaboração de uma base de orientação para uma ação discursiva.
2. Essa base chega à escolha de um gênero num conjunto de possíveis, no interior de uma esfera de troca dada, num lugar social que define um conjunto possível de gêneros.
3. Mesmo sendo "mutáveis, flexíveis", os gêneros têm uma certa estabilidade: eles definem o que é dizível (e, inversamente: o que deve ser dito define a escolha de um gênero); eles têm uma composição: tipo de estruturação e acabamento e tipo de relação com os outros participantes da troca verbal. Dito de outro modo: eles têm uma certa estrutura definida por sua função; eles são caracterizados por aquilo a que chamamos, juntamente com Joaquim Dolz e Schneuwly, um plano comunicacional. Finalmente, eles são caracterizados por um estilo, que deve ser considerado não como um efeito da individualidade do locutor, mas como elemento de um gênero. Gramática e léxico, por um lado, e estilística, por outro, separam-se essencialmente pelo ponto de vista que os define: língua de um lado, gênero de outro: "Mesmo a seleção que o locutor efetua de uma forma gramatical já é um ato estilístico" (Bakhtin 1953/1979, p. 286). Propusemos, em outra obra, o termo configuração de unidades linguísticas (Bronckart et al. 1985).

Conclui-se, portanto, que os gêneros são imprescindíveis para o convívio social. Resultam das práticas de linguagem dos diferentes grupos sociais, em distintos momentos históricos, norteadas por uma intenção comunicativa específica. Deste modo, constatamos que a perspectiva de gênero a que o conto está inserido faz-se presente na acepção bakhtiniana, gênero do discurso, devido ao conteúdo temático, forma composicional e estilo, associados às condições sociais de produção e recepção.

## 1.8 Considerações sobre o gênero conto

Todo e qualquer texto lido ou escrito, falado ou ouvido, enfim, tudo que é dito ou dizível pertence a algum gênero, por mais que, por vezes, não se saiba designá-lo ou reconhecê-lo. (BARBOSA, 2001, p. 23)

Sabe-se que o ato de contar histórias sempre se fez presente na sociedade, principalmente por meio da oralidade. Essa prática mantinha os laços entre as pessoas e o grupo no qual elas pertenciam, desde os tempos remotos. Por meio dessa atividade, a comunidade garantia que suas crenças e costumes permanecessem vivos e presentes em suas memórias.

Logo, muitas foram as tentativas de se explicar este modo de narrar. Nádya Battella Gotlib (2006), em *Teoria do conto*, assinala que a origem do conto trata-se de uma informação imprecisa, mas que podemos afirmar que essa tradição de se contar histórias é bastante antiga, na cultura egípcia “– *Os contos dos mágicos* – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo” (GOTLIB, 2006, p.6). Outro fator importante é que ao olharmos para esse gênero, percorremos a história de nossa cultura e constatamos momentos como o seu processo de transição da oralidade para uma nova tecnologia, o registro escrito. Dessa forma, deixamo-nos envolver pelas histórias que o compõem dia após dia, como em *Mil e uma noites*, em que a personagem Sheherazade, para evitar a sua morte, contava histórias todas as noites ao rei Shariar; este buscava desposar uma virgem por noite, matando-as em seguida, e ao conhecer as histórias de Sheherazade acabou se encantando. Ela por sua vez, aguçando a curiosidade do rei, conseguia distraí-lo e prolongar a própria vida. Outro clássico citado pela autora é *Iliada* e *Odisséia* de Homero, que marcam a existência da arte de contar histórias através da forma oral.

Assim, através dos séculos, vários contistas foram se consagrando e solidificando essa forma de escrever. No século XIV, Bocaccio com os contos eróticos no seu *Decameron* (1350): “são traduzidos para tantas outras línguas e rompem com o moralismo didático: o contador procura elaboração artística sem perder, contudo, o tom da narrativa oral” (GOTLIB, 2006, p. 7). Posteriormente, Marguerite de Navarre. Na Espanha, Cervantes. Na França, no século XVIII, La Fontaine. Já no século XIX,

o conto se desenvolve estimulado pelo apego à cultura medieval, pela pesquisa do popular folclórico, pela acentuada expansão da imprensa, que permite a publicação dos contos nas inúmeras revistas e jornais. Este é o momento de criação do conto moderno quando, ao lado de um Grimm que registra contos e inicia o seu estudo comparado, um Edgar Allan Poe se afirma enquanto contista e teórico do conto. (GOTLIB, 2006, p. 7)

Assim, muitos escritores, como Mário de Andrade, Júlio Cortázar, Edgar Allan Poe, Ricardo Piglia e Machado de Assis (“É um gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade”<sup>3</sup>) dissertaram sobre a dificuldade de se delinear definições para o gênero conto. Gotlib (2006) afirma que, para Julio Casares, há três acepções para a palavra conto: 1. relato de um acontecimento; 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las. Essas acepções como destacado pela autora apresentam algo em comum: “são modos de se contar alguma coisa” e, por isso, são todas narrativas. (GOTLIB, 2006, p. 11)

De fato, toda narrativa apresenta: 1. uma sucessão de acontecimentos: há sempre algo a narrar; 2. de interesse humano: pois é material de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós: “e é em relação com um projeto humano que os acontecimentos tomam significação e se organizam em um série temporal estruturada”; 3. e tudo “na unidade de uma mesma ação”. (GOTLIB, 2006, p. 11-2)

Em “Alguns aspectos do conto”, Julio Cortázar destaca a necessidade de termos uma ideia do que é o conto, uma vez que sua própria estrutura pode ser considerada enigmática. O teórico menciona que muitos críticos literários buscando uma conceptualização, comparam o conto ao gênero romance e traçam semelhanças e diferenças entre eles, que auxiliam no esforço para uma definição. Desse modo, o conto diverge do romance, pois parte primeiramente da noção de limites, isto é, o conto para ser considerado como tal, não deve ter mais de vinte páginas<sup>4</sup> já que, na França, ultrapassar esse limite o tornaria *nouvelle*<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Machado de Assis em 1873 manifestara-se sobre essa problemática em relação ao conto. (MACHADO DE ASSIS. Instituto de nacionalidade. In: ---, *Obras completas*. 3.ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1973, v. 3. p. 806)

<sup>4</sup> No Brasil, há escritores como, Machado de Assis, que escreveram contos (*O alienista*, por exemplo) que ultrapassaram essa limitação de páginas; reforçando o caráter sócio-histórico-cultural dos gêneros discursivos serem *relativamente estáveis* (BAKTHIN, 2003, p. 262).

<sup>5</sup> Gênero a cavaleiro entre o conto e o romance propriamente dito. (CORTÁZAR, Julio. Valise de cronópio. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006).

O autor estabelece entre o romance e o conto uma analogia com a fotografia e o cinema. De que maneira essa comparação nos proporciona entender as características do conto? Na medida em que no cinema, assim como no romance, temos uma visão mais ampla, acumulativa e com maior detalhamento do fato capturado. O que ocorre na fotografia é a limitação do campo visual a ser fotografado, ou seja, no conto interessa olhar para aquilo que é expressivo. Temos a noção de parte de um acontecimento, um recorte daquela realidade, cabendo ao leitor preencher as lacunas daquele texto que por desejo do autor ou não ficaram ausentes.

[...] numa fotografia ou num conto de grande qualidade se procede inversamente, isto é, o fotógrafo ou contista sentem a necessidade de escolher e limitar uma imagem ou acontecimento que sejam *significativos*, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (CORTÁZAR, 2006, p. 151-152)

Ainda nessa perspectiva, um bom conto será penetrante, envolvente desde suas primeiras linhas. O contista sabe que não possui o tempo e espaço hábil para desenvolver sua história, por isso, “têm de estar, assim como, que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual” (CORTÁZAR, 2006, p.152)

Por conseguinte, Cortázar constrói a ideia de que um conto para ser bom deve apresentar noções de significação como: *intensidade* e *tensão*. Aqui, “a ideia de significação não pode ter sentido se não a relacionarmos com as de intensidade e tensão, que já não se referem apenas ao tema, mas ao tratamento literário desse tema, à técnica empregada para desenvolvê-lo” (CORTÁZAR, 2006, p.153).

Façamos essa demarcação quanto às ideias presentes em cada elemento. A *intensidade* é a “eliminação de todas as ideias ou situações intermediárias, de todos os recheios ou frases de transição que o romance permite e mesmo exige”. O que interessa é o próprio drama, por isso as descrições devem estar voltadas para ampliar a intensidade do drama no qual estaremos diante. Por outro lado, a *tensão* “é uma intensidade que se exerce na maneira pela qual o autor nos vai aproximando lentamente do que conta”. Para ele, o conto para ser excepcional deve além de apresentar um bom tema, permitir que o leitor seja sequestrado

momentaneamente, prendendo sua atenção e o isolando de tudo que o rodeia tamanha a comoção que o conto pode causar, tornando-se inesquecível para quem o lê.

Para Ricardo Piglia (2004) há duas teses a serem consideradas ao analisarmos um conto. A primeira: *um conto sempre conta duas histórias*.

O conto clássico (Poe, Quiroga), narra em primeiro plano a história 1 (o relato do jogo) e constrói em segredo a história 2 (e o relato do suicídio). A arte do contista consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1. Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário. (PIGLIA, 2004, p. 89-90)

Tendo como referência o trecho destacado, essa assertiva pode ser constatada no conto “A Missa do Galo” de Machado de Assis, por exemplo. Temos duas histórias dentro de um mesmo conto. A história 1 é sobre sr. Nogueira que está na sala esperando um colega para assistirem à Missa do Galo e compartilha da presença de d. Conceição, esposa de Meneses, que havia saído para ir encontrar com a amante. A história 2 trata-se do que realmente pode ter acontecido naquela noite, enquanto o jovem esperava o horário para a Missa. Os dois conversavam em torno de um livro de romance e assuntos banais. O narrador, sr. Nogueira, vai inserindo informações ambíguas sobre as impressões de que tem dela: “essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite”; “Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos”.

Ele segue a narração descrevendo detalhes sobre as ações realizadas por ela, como os olhares, os gestos, a sonolência, principalmente o diálogo. Vai-se aumentando a expectativa sobre aquela cena, até que sr. Nogueira afirma: “Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima”. É nesse intervalo fragmentado pela ausência de um relato claro, mas permeado por ambiguidades, que se constrói a história 2 abordada por Piglia (2004).

A segunda tese a que o autor se refere é a *história secreta ser a chave da forma do conto e de suas variantes*.

A versão moderna do conto, que vem de Tchekhov, Katherine Mansfield, Sherwood Anderson e do Joyce de *Dublinenses*, abandona o final surpreendente e a estrutura fechada; trabalha a tensão entre as duas histórias sem nunca resolvê-la. A história secreta é contada de um modo cada vez mais elusivo. O conto clássico à Poe contava uma história anunciando que havia outra; o conto moderno conta duas histórias como se fossem uma só. (PIGLIA, 2004, p. 91)

Partindo disso, Clarice Lispector, no conto “Laços de Família”, aborda uma temática bem popular, a relação entre mãe e filha. Todavia, essa relação é marcada por ausências de afeto. O conto começa com a mãe de Catarina indo embora da casa da filha, depois de um fim de semana. As duas mal se cumprimentam. O genro e o neto também aparentam não ter simpatia pela presença da senhora na casa. Presenciamos durante a leitura, qualquer indício de afetuosidade entre elas. Até que o táxi que está levando-as ao aeroporto, dá uma brusca freada, então, mãe e filha se esbarram. A princípio espera-se que esse fato não vá despertar nenhuma alteração no desenvolvimento da narrativa, mas é a partir desse acontecimento que Catarina transforma-se. A filha já não é mais a mesma. Ao chegar a casa para a sua rotina, ela percebe que não quer mais ter a vida de antes.

O leitor acompanha a todos os seus passos, sem saber para onde irá, porém, tomado por um impulso de sentir aquela experiência vivenciada pela personagem. Temos, então, duas histórias dentro de uma. A relação de Catarina com sua mãe e a de Catarina com sua vida de mãe e esposa. Ambas completam-se para traduzir a mudança de atitudes e destino da personagem, que não quer ter com o filho a mesma relação que tem com sua mãe, restando ao marido olhá-la pela janela e dizer: “ela está tomando o momento de alegria - sozinha. Sentira-se frustrado porque há muito não poderia viver senão com ela”.

Daí a conclusão a que se chega Piglia (2004) o “conto é construído para revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta” (p. 94). No conto de Clarice Lispector, esse momento especial é caracterizado por alguns autores como epifania, como a concebeu James Joyce, segundo Gotlib (2006), isto é, uma manifestação súbita espiritual, em que o objeto se desvenda ao sujeito.

Ainda em *Teoria do conto*, Gotlib (2006) apresenta a proposta de A. L. Bader (1945). Para o autor o conto permaneceu com a mesma estrutura do conto antigo, só que agora o que muda é a sua técnica. Essa premissa baseia-se na evolução do modo tradicional para o modo moderno de narrar. O modo tradicional vinculava-se com a arte clássica (do período greco-

latino), o Renascimento (XVI) e o Classicismo (XVII), que na época determinavam o fazer literário; este pautado em modelos a serem aprendidos e imitados. Já no modo moderno de narrar, perde-se o caráter fixo e de representação do todo, para a representação parcial de uma parte desse todo; ou seja, o que antes apresentava um modelo a ser seguido por todos, agora é uma realidade questionável, podendo ou não ser seguida.

O escritor Edgar Allan Poe também teorizou sobre as características desse gênero. Poe (*apud* GOTLIB, 2006) considera que sobre o conto recai a relação entre a extensão do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor. Segundo ele, é preciso “conseguir com o mínimo de meios, o máximo de efeitos”, assim, o contista reforça que as leituras feitas com interrupções, por serem mais extensas, interferem no impacto sobre o leitor.

É sobre a questão da *brevidade* que Tchekhov (*apud* Gotlib, 2006, p.42) irá coincidir com a teoria de Poe. Para o contista russo, esse aspecto continua sendo o elemento caracterizador do conto, valendo-se mais dizer pouco do que prolongar-se e falar demais. Além disso, assim como Poe, ele reforça que o conto deve causar um efeito ou impressão total no leitor, mas também força, clareza e compactação. As demais exigências podem ser notadas em outras narrativas, exceto a compactação.

[...] para conseguir compactar os elementos do conto, ou apresentá-los com concisão, o autor tem de controlar a tendência aos excessos e ao supérfluo.

[...]

Daí a série de conselhos, espalhados por suas cartas, recomendando evitar personagens, episódios, detalhes e explicações em demasia. E àqueles que criavam muitas personagens aconselhava: diminuir o seu número, ou então escrever romances...

(GOTLIB, 2006, p. 43-4)

Assim, após apontamentos de vários estudiosos sobre o gênero, conclui-se que o conto é um gênero discursivo complexo e de difícil conceituação. Deste modo, elementos como a brevidade, a compactação, a tensão, a intensidade e o efeito impactante sobre o leitor traçam as características mais frequentes na composição do gênero conto. Gotlib (2006) ao refletir

sobre o modo peculiar como o conto é narrado, reitera seu papel breve no modo de se contar a estória<sup>6</sup>.

Porque cada conto traz um compromisso selado com sua origem: a da estória. E com o modo de se contar a estória: é uma forma breve. E com o modo pelo qual se constrói este seu jeito de ser, economizando meios narrativos, mediante contração de impulsos, condensação de recursos [...] Além disso, são modos peculiares de uma época da história. E modos peculiares de um autor, que, deste e não de outro modo, organiza a sua estória [...] como são também modos peculiares de uma fase ou de uma fase da produção deste contista, num tempo determinado, num determinado país. (GOTLIB, 2006, p.82).

Traçamos até aqui as definições frutos de grandes pesquisas feitas por diversos teóricos. Dessa maneira, certifica-se que contar uma estória está além de relatar qualquer fato. O contar estórias presente no conto implica em perceber e situar os sujeitos dentro de diversas atividades. Essas atividades podem ter como tema: o amor, a amizade, o companheirismo, a perda, juventude e tantos outros. O conto poderá sofrer mudanças a depender do estilo e do autor que assim o produziu, como escolhas lexicais para organizar sua narrativa. Portanto, compreendemos o estilo como “modos peculiares de uma fase ou de uma fase de produção deste contista, num tempo determinado, num determinado país” (GOTLIB, 2006, p. 82). Por exemplo, no conto que será trabalho na unidade didática dessa pesquisa, “Conto de mistérios”, o texto é assinado por Stanislaw Ponte Preta, entretanto, este nome era um pseudônimo para Sérgio Porto. A maior parte de sua produção literária foi durante a Ditadura Militar no Brasil, por isso, a escolha por um nome no qual pudesse criticar de forma sarcástica o governo da época.

Assim, com esta dissertação, acredita-se que estudar o gênero discursivo conto como objeto de ensino-aprendizagem é necessário à medida que ao estudá-lo retomamos uma prática presente desde tempos de outrora e que, atualmente, permanece no cotidiano das pessoas. Além disso, levar o aluno a perceber que essa prática é utilizada por ele ao contar uma história sobre algo que lhe aconteceu ou inventou.

---

<sup>6</sup> Termo adotado por Gotlib (2006) para se referir ao “que se conta numa narrativa e que pode ser recontado, recompondo-se os fatos numa sequência cronológica, sem a preocupação de obedecer à ordem que tais acontecimentos ocupam na narrativa”. Atualmente, a distinção de estória e história encontra-se em desuso, empregando-se o termo *história* tanto para fatos fictícios quanto reais.



## 1.9 A narrativa de mistério

Para entendermos o universo misterioso nas narrativas faz-se necessário compreendermos como essas características foram observadas ao longo dos anos na literatura. Desta forma, ao definir a narrativa de enigma<sup>7</sup>, Todorov (2003), em *Poética da Prosa*, no capítulo “Tipologia do romance policial”, apresenta duas formas de analisarmos essas histórias: a história do crime e a história da investigação. O olhar do teórico sobre essas duas perspectivas não as aproximam em um ponto comum, mas pontua que a história do crime é finalizada antes que a da investigação se inicie. De que maneira isso se torna perceptível na narrativa? Os personagens da segunda história não agem, só tomam conhecimento, ou seja, a história da investigação se dá após a história do crime, não havendo mais a ação para a execução do assassinato, sequestro ou roubo. O teórico, então, as caracteriza como “o que de fato aconteceu” e “como o leitor (ou o narrador) tomou conhecimento dos fatos” (TODOROV, 2003, p. 67), mostrando dois aspectos existentes em uma mesma história.

No romance de enigma, há portanto duas histórias: uma ausente mas real, a outra presente mas insignificante. Essa presença e essa ausência explicam a existência de ambas na continuidade da narrativa. A primeira comporta tantas convenções e procedimentos literários (que nada mais são do que o aspecto "tema" do relato) que o autor não pode deixá-los sem explicação. Note-se que esses procedimentos são essencialmente de dois tipos, inversões temporais e "visões" particulares: o teor de cada informação é determinado pela pessoa que a transmite, não existe observação sem observador; o autor não pode, por definição, ser onisciente, como era no romance clássico. A segunda história aparece portanto como um lugar onde se justificam e "naturalizam" todos esses procedimentos: para lhes dar um ar “natural”[...].

(TODOROV, 2003, p. 69)

---

<sup>7</sup> O conceito de romance de enigma utilizado por Tzevan Todorov, em *Poética da Prosa*, assemelha-se ao conceito de romance policial clássico. Por isso, o emprego do termo narrativa de mistério é associado a esse gênero, uma vez que esta pesquisa adota como definição de narrativa de mistério histórias que envolvam um fato a ser revelado ou que não esteja presente na lógica racional.

Deste modo, a segunda história, a da investigação, recebe naquela situação um papel de mediadora entre o leitor e a história a ser revelada, pois nos relata uma informação anterior sem coincidir com o momento em que o crime ou fato oculto foi realizado, ou seja, os dados narrados são lembranças, retrospectivas de um acontecimento. Vejamos o conto “A porcelana” de Agatha Christie, por exemplo, temos a inversão cronológica dos fatos (*in media res*)<sup>8</sup>. A história é iniciada na investigação. A princípio, a única informação que temos é a de que o marido está desaparecido e a esposa está sendo interrogada pelo delegado. Essa promete colaborar com as investigações e durante o testemunho relembra os momentos de seu relacionamento. Posteriormente, sabemos através da personagem, a esposa, como aconteceram os crimes. Essa confissão dá-se por meio do discurso indireto livre, durante a chegada da mulher a casa dela. Ao delegado cabe acompanhar os fatos narrados pela depoente.

Com base nessa perspectiva, na busca de não sobrepor a primeira história (do crime) a segunda (da investigação), que surgiu o romance *noir*<sup>9</sup>. Atentemos que essa substituição dos acontecimentos passados pela ação ocorrendo no mesmo tempo da narrativa aconteceu de forma gradual. Sabe-se que a ausência de determinada característica em um gênero permite o surgimento de outro, assim como foi a substituição da carta, em alguns contextos, pela rapidez na entrega das mensagens por e-mail. Por conseguinte, surgiu a necessidade de atender a outros tipos de leitores, estes interessados não somente em iniciar a narrativa pela retrospectiva do dia do crime, mas pela curiosidade e o suspense nos quais nos mostram primeiro os motivos para a ocorrência daquele feito para, depois, os resultados daquela ação.

O que se observa no texto de Todorov é que a narrativa de mistério surge como uma das vertentes presentes no romance policial,

[...] a história está dada desde as primeiras páginas, mas ela é incompreensível: um crime foi cometido quase que debaixo de nosso nariz mas não conhecemos seus verdadeiros agentes, nem os verdadeiros móveis. A investigação consiste em voltar o tempo todo sobre os mesmos acontecimentos, em verificar e corrigir os mínimos detalhes, até que no fim surja a verdade sobre essa mesma história inicial. (TODOROV, 2003, p. 65)

---

<sup>8</sup> *In medias Res* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-02-16 14:34:57]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$in-medias-res](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$in-medias-res).

<sup>9</sup> No romance *noir*, o protagonista nem sempre é um detetive, mas um suspeito, uma vítima ou um criminoso.

Segundo Vanilda Salton Köche (2017), o conto de enigma é um gênero cujo elemento principal é um mistério, geralmente, o enredo constrói-se ao redor da vontade de saber, a curiosidade, o suspense, o medo frente ao desconhecido. Mais essa construção pode ser constatada na escolha lexical para descrever o ambiente e na linguagem empregada. Normalmente, a linguagem é comum, ou seja, a presença de diálogos e a fala utilizada pelas personagens aproximam-se da apresentada no âmbito familiar e popular.

De acordo com Barbosa, “o conto de enigma é um tipo particular de narrativa policial” (*apud* Köche e Marinello, 2017, p. 54), visto que o leitor precisa estar atento às pistas que vão sendo deixadas. Essa relação autor/texto/leitor é ressaltada por Köche e Marinello (2017) como uma boa oportunidade para se ter um leitor atuante, participativo na construção do sentido do texto, dado que essa interação contribui para o envolvimento dos leitores e permite que assumam uma postura investigativa sobre o mistério na narrativa. Ademais, à resolução do enigma, na sua maioria, tem um desfecho surpreendente e inesperado, aguçando ainda mais a curiosidade.

As principais tipologias utilizadas são a *narrativa*, a *descritiva* e a *dialogal*. A tipologia narrativa é base do conto de enigma, pois, através dela uma série de eventos vai ocorrendo como as ações, a presença de personagens, tempo e espaço de modo a formar um todo e situar o leitor dentro daquele texto. A tipologia descritiva também está presente nesse tipo de conto, já que possibilita o leitor recriar as personagens e o local em que se passa a história, pois permite a ele visualizar a cena apresentada. Nela predominam verbos de estado, adjetivos ou locuções adjetivas e advérbios. Por último, a tipologia dialogal que se caracteriza pela troca verbal entre os personagens, isto é, um enunciado determina o outro na produção do texto.

Discorrendo sobre o significado etimológico da narrativa em discussão, Furtado (2010) salienta que as frequentes ações presentes ao longo da história rica em suspense ou, mesmo, atemorizante, ainda que nunca incluam, de forma explícita, situações de algum modo conotáveis com o sobrenatural, centram-se no surgimento ou prévia de um mistério a ser resolvido.

Assim, as realizações possíveis do gênero estendem-se por um amplo espectro, conforme o teor insólito da ação evocada e a complexidade do que se pretende averiguar. Entre a vasta gama de textos por ela abarcada, contam-se a simples adivinha, o romance policial, o romance de espionagem, o thriller e, mesmo, as narrativas de terror não sobrenatural. Daí, naturalmente, decorrem narrativas com

esquemas diegéticos muito diversificados. Surgem, assim, problemas de solução mais ou menos difícil, questões de vida ou de morte envolvendo indivíduos, instituições ou estados, bem como situações em que, por momentos, se tornará admissível a intervenção de alheia à natureza desconhecida. (Furtado, 2010)

O mistério induz o leitor ou ouvinte a vivenciar um misto de sensações de ansiedade, dúvidas, impaciência perante aos acontecimentos de extrema importância. E, esse misto, é fomentado por diversos fatores atribuídos aos elementos narrativos, à descrição de personagens e espaço, o papel do narrador, o tempo em que os fatos se desenrolam ou o molde de leitura sugerido pelo próprio gênero que compõe o texto. Desta maneira, surgiu a necessidade de observar as características presentes nesse tipo de texto, para entendermos seu funcionamento.

As histórias relacionadas à solução de mistérios, normalmente, envolvem a resolução de casos policiais ou apresentam elementos sobrenaturais a serem decifrados. Como o núcleo do mistério presente nos contos escolhidos (de Lygia Fagundes Telles, Stanislaw Ponte Petra, Agatha Christie e Edgar Allan Poe) encobre-se de uma realidade aparente para revelar os desconfortos do ser humano frente às dificuldades da vida, optei por classificar de maneira ampla o objeto em estudo, pois ao defini-lo como narrativa de mistério policial pressuporia uma investigação e descoberta do criminoso. Além disso, para classificá-lo como narrativa sobrenatural, teria de apresentar aspectos não presentes na lógica racional. Essa realidade apresenta-se recheada de ambiguidades, tornando o texto mais instigante e fascinante pela tensão que proporciona ao estabelecer um vínculo entre leitor e texto. Por isso, a escolha por contos de mistérios. No conto “Venha a ver o pôr do sol” (analisado adiante), esse universo misterioso encontra-se nas ações do personagem Ricardo.

## 2. ANÁLISE DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS DOS ALUNOS SOBRE O TERMO “MISTÉRIO”

Durante nossa vida, conhecimentos vão sendo arquivados em nossa memória. Ao lermos um texto ou sermos perguntados sobre determinado assunto, retornamos a esses arquivos e os disponibilizamos para facilitar a compreensão e inferirmos o conteúdo no qual estamos diante. Esses conhecimentos prévios colaboram para a construção de sentidos do texto: conhecimentos linguísticos, textuais, enciclopédicos, intertextuais e contextuais (SANTOS, RICHE e TEIXEIRA, 2015).

Assim, os textos abaixo produzidos pelos alunos tiveram como objetivo sondar o conhecimento desses em relação às narrativas de mistério. Sem qualquer definição ou apreciação de informações que contribuíssem para a definição do gênero, os educandos foram convidados a dissertar sobre o tema a partir da pergunta: “Para você, o que é uma história de mistério?”.

A finalidade era levantar conhecimentos prévios sobre a significação daquele vocábulo por parte deles, quais fatos ou elementos esses julgavam como pertencentes a presente interrogativa.

<b>Alunos da turma 802<sup>10</sup></b>	<b>“Para você, o que é uma historia de mistério?”</b>
1. M. E.	”Uma história de mistério, pra mim é tudo aquilo que envolve segredos, passado das pessoas que conhecemos, mistério é algo que nos intriga, nos deixam curiosos para saber oque tanto se esconde. De todas as histórias que continham o tema mistério, sempre foram envolventes, fazendo com que eu me prendesse ao livro. Em minha opinião, mistério é “tudo” aquilo que envolve segredos ou coisas relacionas, basicamente é o que não temos ideia do que possa ser. Mas uma história de mistério pode ser mais que segredos, coisas que não sabemos.”
2. I.dos S.	“Por quê é uma história de um mistério e quando acontece nos filmes um coisa que só você perceba e mais ninguém... Tipo iguas nos filmes de terror tem vario mistérios e suspense como premunição do mal tem vários mistérios de sumir pessoas e aparecer mortas isso é um mistério... E eu tento descobrir quem foi que fes aquilo tudo”

<sup>10</sup> O material foi coletado em novembro de 2016. Atualmente, os alunos pertencem à turma 901. Além disso, os desvios ortográficos e de pontuação foram mantidos.

3. D. do N.	“É uma História que deixa curiosidades. Lembrei de um filme que falava assim. tem um inimigo no meio de vocês todo o mundo fico curioso Para Saber ai deixo um mistério no Pessoal. Muitos mágicos fazem mistério Para Empresciona a Plateia”
4. M. D.L.	“Eu acho que mistério pode ser uma surpresa, uma coisa oculta. Algo a ser descoberto.”
5. S. M. de O. F.	“Mistério é o filme que eu nunca vi e eu faco querendo saber o que tem no filme. Por isso é um mistério”
6. F. do S. de S.	“Misterio pra mim e uma coisa que fica se escondendo até o final de um filme ou novela ou coisa do tipo que as pessoas tem que ficar envestigam para ver oque realmente é, são coisas difíceis de se descobrir mais dependendo das pessoas fica mais dicifceio para descobrir.”
7. M. A.	“Pra mim mistério e aquilo que ninguem sabe oque e e aquela coisa que você quer tentar saber oquê e e aquele tipo de coisa que as pessoas vão tentando descobrir é ate desvendar o mistério deixa de ser um mistério”
8. L.N.	“Para mim, Mistério é algo a mais do que emoção. é algo que deixa as pessoas curioss e animadas para o que vai acontecer. As pessoas gostam do mistério como algo para ficarem impactadas com a história, como dar um <i>spoiler</i> de uma filme, a pessoa fica com raiva por terem contado o filme ou algo do tipo, mas ao mesmo tempo ficam com mais vontade de ver. Para mim isso é mistério. Curiosidade.”
9. M. V.S.	“Mistério é uma coisa difcil de descobrir é demorado etc... Mais nunca é Possível de descobrir mistério é um suspense que você Sempre descobrir no final da estória Mistério é uma coisa inesperada e vem da onde que você menos desconfia e você tenta descobrir fica curioso Pra Saber. o caso do mistério.”
10. A. V.	“Bom, pra mim ‘história de mistério’ se resume um pouco co drama e co suspense, um pouco de cada. No entanto a tal ‘história de mistério’ é uma descoberta daquilo que de fato não está tão óbvio aos nossos olhos, na verdade investigamos o que está sendo misterioso ao descobrirmos. Um exemplo fácil ou talvez mais resumido é a série de TV: C.S.I! São policiais que investigam os casos que ocorrem de fato vão em cima do caso até desvendar o Mistério, também é chamado de

C.S.I. investigação criminal. Tem muito a ver com a questão em pauta... Policiais em si tem esse trabalho. Seja em qualquer ocorrido surje também nossa curiosidade de saber, ou melhor de desvendar a 'história de mistério'."
---

Após a observação das respostas apresentadas, notou-se que os discentes associam mistério a um caso que precisa ser solucionado, a algo que não está tão óbvio, mas que no final será revelado ou a uma história que deixa as pessoas curiosas. Partindo disso, verificou-se quanto à perspectiva adotada na compreensão do significado da palavra que eles já apresentam conhecimentos prévios<sup>11</sup> sobre a temática a ser desenvolvida na pesquisa.

Nesse processo de construção do conhecimento, os alunos recorreram aos conhecimentos armazenados para fazer levantamentos sobre os elementos que poderiam ser relacionados e os sentidos possíveis para a definição da palavra *mistérios*. Assim, fez-se necessário uma participação intensa desses leitores, pois o questionamento apresentado pela pergunta pressupõe que o interlocutor complete aquela informação por meio de referências já adquiridas por eles.

Além disso, torna-se interessante ressaltar a maneira como os leitores explicaram e compreenderam as ações de personagens, aproximando-se ou afastando-se das ações de pessoas na vida cotidiana. Nesse caso, as informações apontadas revelaram que na concepção dos participantes, o mistério tende a estar mais frequente nos filmes do que no cotidiano. O que reforça a diferença na compreensão de cada realidade.

Para os alunos 2, 3, 5, 6, 8, a história de mistério pode ser encontrada nos filmes, restringindo à ficção os elementos que compõem esse gênero. Já os alunos 1, 4 e 7 interpretaram como alguma coisa que precisa ser descoberto, mas diferente dos demais relacionaram com o dia a dia. O aluno 9 menciona que mistério é algo que demora para ser resolvido e que nunca é descoberto. Essa última definição acrescenta outra possibilidade que adiante, no estudo do conto, será importante para entender o desfecho do texto. O último alude a uma série de TV, C.S.I., mostrando que mistério e suspense caminham juntos para o desenrolar enigmático desse tipo de trama.

Com base nos dados recolhidos, reafirma-se a ideia de que os sujeitos não cognizam do mesmo modo, uma vez que apesar de alguns pontos em comum, as respostas foram elencadas em conhecimentos prévios obtidos em um contínuo processo de aprendizagem tanto na esfera social quanto escolar, construídos a partir de experiências individuais.

---

<sup>11</sup> Entende-se por conhecimentos prévios as informações adquiridas anteriormente a que se pretende introduzir.

Logo, esta pesquisa considerará essas noções como um fator que auxiliará a entender as estratégias adotadas para as hipóteses iniciais acerca do texto até o seu final, podendo o leitor/aluno reconstruir a história mediante o desenrolar dos fatos. Em síntese, Koch (2015) afirmará “[...] a leitura é uma atividade de construção de sentido que pressupõe a interação autor-texto-leitor, é preciso considerar que, nessa atividade, além das pistas e sinalizações que o texto oferece, entram em jogo os conhecimentos do leitor”.



### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 A pesquisa e o perfil dos participantes**

Inserida na Linha de Pesquisa “Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes”, a pesquisa se propõe a contribuir com a Educação no Brasil, no que se refere à Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.

O trabalho foi realizado em um colégio da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, com a turma 901 da nona série do Ensino Fundamental, com faixa etária entre 14 a 17 anos. Verificou-se, por sondagem oral, que a turma apresenta grande interesse por textos que tenham como temática a resolução de assassinatos ou fatos sobrenaturais.

A escola situa-se no bairro de Areia Branca no município de Belford Roxo/RJ, cuja comunidade no entorno é pouco escolarizada e apresenta baixa expectativa de ascensão por meio da instituição escolar. Os alunos que a frequentam são de diferentes bairros, mas, em sua maioria, Areia Branca e Heliópolis, ambos com traços de pobreza e violência.

A turma iniciou o ano letivo com 42 alunos, entretanto, ao longo dos bimestres a frequência foi diminuindo e vários foram os motivos que influenciaram essa evasão (gravidez, desinteresse, trabalho, entre outros). Dentre os 25 que realizaram as atividades de intervenção apenas 9 entregaram o termo de consentimento assinado pelo responsável para a participação na pesquisa. Logo, a análise dos resultados da aplicação será pautada somente no material dos alunos cujos termos foram devidamente assinados e de ciência dos responsáveis.

#### **3.2. Análise do conto**

A presente seção objetiva-se em analisar o conto que servirá de material didático para os aspectos considerados na Dissertação, no qual o aluno deverá fazer inferências vinculadas aos seus conhecimentos prévios e as ideias do autor até chegar a uma conclusão lógica.

### 3.2.1. Análise do conto: “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles

Em “Venha ver o pôr do sol” deparamo-nos com a história de Ricardo e Raquel, ambos ex-namorados. O casal vivencia conflitos imprescindíveis do relacionamento em que os valores morais são corrompidos pelos econômicos e de interesses pessoais. Ricardo continua apaixonado pela antiga namorada e resolve marcar um encontro com a jovem, afirmando ser o último entre eles. O ambiente escolhido é bastante incomum: um cemitério.

Logo que chega ao local, Raquel questiona a sugestão sobre o lugar escolhido por ele, pois para uma simples conversa informal apresenta aspecto sombrio e frio. O rapaz alega a calma que o local traz e que ela não precisa ter medo, porque terá uma tarde inesquecível com o pôr do sol de pano de fundo.

Esse conto pertence ao livro *Mistérios* de Lygia Fagundes Telles e nele o clima de incerteza, dúvida sobre as ações das personagens no enredo destacam-se juntamente com os adjetivos, verbos e advérbios empregados para a descrição do espaço.

“*tortuosa ladeira*” (p. 203)

“*rua afastada*” (p. 204)

“*perplexa*” (p.204)

“*velho muro arruinado*” (p. 204)

“*foram andando vagarosamente*” (p.206)

“Um pássaro rompeu o cipreste e soltou um grito. Ela *estremeceu*” (p. 208)

“*terreno baldio*” (p.203)

Para Hartmann (2008, p.9, *apud* PRAXEDES, 2010 p. 49), o espaço “oscila com nuances de inquietações e suspense construídos a passos lentos, começando desde a luz do dia ao fim da tarde, projetada no início e no fim de cada conto, até a escuridão e sufocamento que envolve a narrativa num desenlace de agonia e desespero”. A descrição minuciosa do ambiente narrado, o cemitério, está na possibilidade de enfatizar o suspense e o medo. Dessa forma, os leitores vão sendo envolvidos por essa trama e convidados a organizar e tecer um sentido para o texto, ampliando a relação real versus imaginário desses.

O encontro das personagens é cercado por diálogos que, inicialmente, acontecem em um espaço aberto: “no meio da rua sem calçamento” (p.203) e à medida que as personagens se deslocam, a história passa a ser contada em um espaço fechado: “Na semiobscuridade do

subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento” (p.209). Logo, percebe-se que o espaço criado contribui para o que ocorrerá com a personagem Raquel, uma vez que Ricardo ao encontrá-la na parte externa do cemitério permite que ela deguste dos últimos instantes de liberdade antes do aprisionamento dela.

A caracterização das personagens vai delineando gradativamente traços físicos e psicológicos que contribuirão para que se entendam as atitudes, gestos, sentimentos, aparência física e ideias nas quais os participantes da trama estão envolvidos. Ricardo, por vezes, é descrito com uma fisionomia jovem, mas que olhando bem de perto se percebe as rugas de uma pessoa mais velha.

“Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante” (p. 203)

A sensação que perpassa por esse trecho é a de que Ricardo mantivera-se aprisionado ao tempo. O ar de jovialidade presente na personagem pode ser analisado como o desejo insistente dele em vivenciar aquela época em que outrora o trouxera tanta felicidade. Ao contrário de Raquel, que, agora, apresenta traços e comportamentos diferentes de quando era jovem e tinha se relacionado com ele.

“[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?” (p. 203)

Outro ponto pertinente são as expressões irônicas presentes na fala de Ricardo. Ao utilizar “*minha querida*” e “*meu anjo*”, nota-se a preocupação da personagem em se fazer despercebido e discreto quanto às suas reais intenções.

A história é contada por meio dos diálogos das personagens, sendo, assim, utilizado como recurso linguístico o discurso direto, pois “permite melhor caracterização das personagens, com reproduzir-lhes, de maneira mais viva, os matizes da linguagem afetiva, as peculiaridades de expressão (gíria, modismos fraseológicos, etc.)” (GARCIA, 2010, p.149). Ou seja, através do narrador emerge diante de nós o fato narrado, fazendo com que tenhamos a impressão de estarmos presentes no momento acontecido.

### 3.3 Elaboração da proposta didática

A proposta didática que direcionará a pesquisa pauta-se em estratégias de leitura que permitam ao aluno prever um passado ou ação futura com base em características desenvolvidas no texto e descrever o personagem baseando-se nos acontecimentos da narrativa. Essas propostas tiveram como aportes teóricos Applegate *et al* (2002) e Santos, Riche e Teixeira (2015). Três momentos foram formulados. O primeiro dedica-se à Seção I – *(Re)Construindo o conceito de Inferência e de Descrição física e psicológica com os alunos*. Os demais em: Seção II – *Recuperando e/ ou construindo o conceito de conto de mistério*; Seção III – *A Inferência e a descrição dentro da atividade de leitura com o conto “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles*.

As questões elaboradas nas seções foram de caráter discursivo, em sua grande maioria, e os exercícios que apresentavam alternativas de múltipla escolha exigiam uma justificativa. Esta possibilidade dá a oportunidade do aluno perceber, refletir e expor os meios que percorreram para chegarem àquela opção. Propiciando, assim, uma avaliação consciente desse processo.

Desta forma, realizar-se-ão leituras e atividades sobre contos de mistério com o intuito de identificar a relação dos discentes com a narrativa, o que pensam sobre a temática e explicitar os elementos que estruturam esse gênero.

Partindo disso, optou-se pela escolha das atividades de leitura desenvolvidas por Santos, Riche e Teixeira (2015), já que priorizam aspectos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Interessando-nos os dois primeiros aspectos.

Abaixo se encontram os objetivos de cada atividade e o que se pretendia avaliar no que tange ao nível inferencial de leitura ao se idealizar tais processos de construção de conhecimento, servindo como orientação tanto para a pesquisa quanto sugestão para uso em sala de aula por outros docentes.

## Seção I: (Re)construindo o conceito de inferência e de descrição física e psicológica com os alunos

<b>1. OBJETIVOS:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Possibilitar ao aluno inferir uma informação implícita no texto;</li><li>• Levar o aluno a fazer associações a partir do conhecimento prévio;</li><li>• Situar o aluno dentro de contextos possíveis de produção dos enunciados;</li><li>• Fazer com que o aluno perceba a relevância da descrição e da inferência para a compreensão da relação entre texto e leitor.</li></ul>
<b>ATIVIDADE 1:</b> Inferência
<b>APLICAÇÃO:</b> <p>Iniciar a aula com um relato sobre informações que não dizemos, mas devido ao contexto em que são proferidas acabamos inferindo alguma mensagem pautada em nosso conhecimento prévio;</p> <p>Em seguida, entregar a folhinha impressa sobre inferências e descrição física e psicológica.</p>
<b>ATIVIDADE 2:</b> Descrição física e psicológica
<b>APLICAÇÃO:</b> <p>Leitura da folhinha de definição e resolução das atividades sobre o conceito em estudo;</p> <p>Logo depois, desenvolvimento das dinâmicas “Quem sou eu?” e “Quem é meu amigo?”.</p>
<b>TEMPO:</b> 2 tempos de aula de 50 minutos.
<b>MATERIAL UTILIZADO:</b> Quadro branco; folhas de atividades impressas; folha de caderno/ A4.

### Apresentação da Seção I

Esta seção será dividida em duas partes. A primeira objetiva-se na conceituação de inferência, apresentando exemplos de como acontece essa realização e atividades para estimular os conhecimentos inferidos a partir do contexto de produção daquele enunciado. Os alunos terão contato com exercícios em que as inferências possam resultar em um ou mais

sentidos, sempre associados ao contexto em que foram usadas. Ao relacionar seus conhecimentos prévios com as ideias do texto, o leitor/aluno terá ampliado o seu nível de compreensão de leitura, desenvolvendo o alto nível inferencial proposto por Applegate *et al* (2002).

A segunda parte destina-se a conceituar e exemplificar o processo de descrição física e psicológica dos personagens nas narrativas. Os exercícios apresentarão relações de diferenciação entre as descrições físicas e psicológicas, mostrando que a escolha por um ou outro conceito implicará em posicionamentos distintos na história, tanto por parte do narrador quanto do leitor. Nesta etapa, os enunciados elaborados exigirão dos alunos um baixo nível inferencial. As respostas não estarão tão claras no texto, mas podendo ser facilmente recuperadas.

Para fins de observação do professor e compreensão dos alunos, será realizada a dinâmica “Quem sou eu?” e “Quem é meu amigo?”, que busca perceber se os alunos conseguiram entender a diferença entre descrição física e psicológica de maneira lúdica.

## Seção II: Recuperando e/ ou construindo o conceito de conto de mistério

### 1. OBJETIVOS:

- Valorizar a leitura como forma de conhecimento e fruição;
- Ampliar o repertório literário;
- Recuperar e/ou construir o conceito de gênero conto;
- Compreender o gênero conto de mistérios e identificar suas propriedades formais (poucas personagens, poucas ações, tempo e espaço reduzidos e limitação ao essencial);
- Perceber o foco narrativo, atentando-se ao posicionamento objetivo ou subjetivo do narrador;
- Desenvolver a compreensão leitora de inferência e descrição de personagens aplicadas ao texto.

### ATIVIDADE 1: Recuperando e/ou construindo o conceito do gênero conto

#### APLICAÇÃO:

Iniciar a aula conversando sobre o hábito de se contar histórias;

Entregar o texto motivacional “O conto se apresenta” de Moacyr Scliar;

Fazer a leitura na íntegra do texto e apresentar as características do gênero conto em folha impressa ou na lousa.

### ATIVIDADE 2: Introduzindo o gênero conto de mistérios.

#### APLICAÇÃO:

Distribuir o texto, “Conto de mistérios” de Stanislaw Ponte Preta;

Apresentar biografia do autor (ver apêndice 3);

Em seguida, iniciar a leitura na íntegra do texto e, posteriormente, analisar os elementos e a estrutura do gênero conto de mistérios;

Corrigir os exercícios para extrair possíveis elucidações.

### ATIVIDADE 3: Compreendendo o gênero conto de mistérios

<p><b>APLICAÇÃO:</b></p> <p>Entregar o conto “O gato preto” de Edgar Allan Poe;</p> <p>Apresentar biografia do autor (ver apêndice 4)</p> <p>Ativar conhecimentos prévios através de perguntas pré-textuais;</p> <p>Iniciar a leitura na íntegra do conto e, ao final, analisar a narrativa;</p> <p>Entregar cópias ou montar na lousa um quadro com as características do gênero conto de mistérios.</p>
<p><b>ATIVIDADE 4:</b> Ampliando o repertório literário sobre o gênero conto de mistérios</p>
<p><b>APLICAÇÃO:</b></p> <p>Distribuir o conto “A porcelana” de Agatha Christie;</p> <p>Apresentar a biografia da autora (ver apêndice 5)</p> <p>Ativar conhecimentos prévios através de perguntas pré-textuais;</p> <p>Fazer a leitura parcial do texto, analisar e realizar as questões de compreensão;</p> <p>Corrigir e finalizar a leitura do texto;</p> <p>Realizar perguntas sobre as sensações experimentadas pelos estudantes após o desfecho do conto.</p>
<p><b>TEMPO:</b> 2 tempos de aula de 50 minutos para cada atividade.</p>
<p><b>MATERIAL UTILIZADO:</b> Folhas impressas e quadro branco.</p>

## Apresentação da Seção II

A Seção II contemplará a realização de quatro atividades. Na atividade 1, realizar-se-á um levantamento, através de perguntas orais, se os alunos têm o hábito de contar histórias sobre aspectos dos seus cotidianos e que essas histórias contadas por eles podem servir de material para a elaboração de um conto. Nesse primeiro momento, o professor estará introduzindo através de uma conversa informal com a turma uma das características do gênero conto, propiciando, dessa forma, a ativação de seus conhecimentos de mundo atrelados ao conteúdo que será ministrado. Em seguida, os alunos terão contato com um exemplar do gênero, por meio de folhas impressas contendo o texto “O conto se apresenta” de Moacyr Scliar. Nesse conto o autor vai delineando aspectos existentes na história desse gênero.



Após a leitura motivacional, o docente, enquanto mediador, auxiliará os alunos a identificarem traços mencionados pelo autor que ajudam a definir o gênero conto como tal. Depois, será entregue uma folhinha com a conceituação proposta pela professora/pesquisadora (ver apêndice 1). Ademais, será pedido para que os alunos mencionem se já leram algum conto. O professor escolherá um dentre os sugeridos pelos discentes (aquele de conhecimento de boa parte da turma), pedirá para que relembrem a narrativa e apresentará na lousa os conceitos em estudo associados ao conto escolhido, para melhor visualização dos alunos.

Dando prosseguimento às atividades, a seção continua a abordagem sobre o gênero conto, delimitando essa noção aos contos cujas narrativas são envolvidas por acontecimentos misteriosos, logo, são utilizados textos destinados a desenvolver a compreensão leitora de inferência e descrição de personagens. Foram trabalhados três textos para a ativação e definição desse conteúdo: “Conto de mistério” de Stanislaw Ponte Petra, “O gato preto” de Edgar Allan Poe e “A porcelana” de Agatha Christie.

Na atividade 2, “Introduzindo o gênero conto de mistérios”, utilizar-se-á o texto “Conto de mistérios” de Stanislaw Ponte Preta. O docente apresentará a biografia e o contexto em que o texto foi produzido. Logo após, fará perguntas de conhecimento prévio para que os alunos possam criar expectativas acerca do texto e iniciará a leitura do conto. Ao finalizar a leitura, o texto será analisado e os estudantes responderão aos exercícios.

Sobre a formulação das questões, os exercícios do 4 ao 7 e o 10 buscam avaliar se os alunos atingirão o baixo nível inferencial de leitura, ou seja, exigirão que os alunos façam relações lógicas e apresentem respostas que não estão claramente expostas no texto, mas são recuperadas com facilidade. Quanto ao alto nível inferencial, as questões 1.b, 2, 3 e 8 pressupõem que o leitor realize maiores inferências vinculando conhecimentos prévios às ideias do conto. Já, a questão “1.a” busca-se a verificação do nível de leitura linear, isto é, aquele nível em que o leitor encontra a resposta de forma explícita no texto.

Por fim, a questão 9 avaliará a inferência reflexiva global de leitura, na qual o aluno deverá fazer reflexões e inferências mais profundas, apresentando um posicionamento crítico sobre um problema complexo descrito na história, questionando, defendendo ou discordando das ideias do texto como um todo. Nesse caso, a dificuldade em se conseguir um alimento para a sobrevivência, retratando a alta na inflação no período ditatorial no Brasil.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> <https://www.cartacapital.com.br/economia/a-economia-na-ditadura>

A atividade 3 corresponde ao conto “O gato preto” de Edgar Allan Poe. Mais uma vez o professor deverá apresentar a biografia do autor e, depois, fazer levantamentos sobre os conhecimentos socioculturais dos alunos em relação à figura de um gato preto. Sugerimos ao professor que faça a leitura em voz alta, dramatizada e/ou compartilhada a depender do contexto da turma.

Essa atividade tem por objetivo mostrar que o conceito sobre o gênero conto de mistérios também pode girar em torno de acontecimentos sobrenaturais, de difícil compreensão à lógica racional. Após a leitura, serão feitas perguntas que poderão ser respondidas oralmente. As questões de compreensão textual analisarão e servirão de roteiro para possibilitar a construção de imagens e discurso sugeridos pelos recursos próprios do texto. Depois de propiciar o desenvolvimento dos discentes em suas capacidades leitoras, o professor montará na lousa, com o auxílio dos alunos, um quadro apresentando as características do conto de mistérios.

Finalmente, a última atividade da Seção II, trabalhará com o conto “A porcelana” de Agatha Christie. Essa atividade tem como propósito ampliar o repertório literário sobre o gênero conto de mistérios. Para isso, antes da leitura, os estudantes responderão, por escrito ou oralmente, se conhecem o significado de porcelana e se podem dar exemplos em que a palavra seja empregada. O professor ou algum aluno fará a leitura dramatizada do texto. Nesse momento, é importante que o professor não mencione que a leitura será parcial, pois essa estratégia terá como finalidade surpreender o estudante quanto ao desfecho da narrativa. Ao finalizar a leitura, comentar brevemente sobre o conto e solicitar a resolução das questões. Após as correções, apresentar, então, a parte final do texto e fazer levantamentos sobre a receptividade da classe para com a narrativa.

Quanto ao nível de compreensão leitora postulados por Applegate *et al* (2002), as questões 6.a e 9 pretendem verificar o nível linear de leitura. A 15 busca avaliar a inferência reflexiva global, pois requererá que o aluno faça uma reflexão global sobre o texto, adotando um posicionamento frente a um problema complexo na história. Já os enunciados da 4, 6.c, 10, 12 e 13 exigem o baixo nível inferencial. Por último, o alto nível inferencial será analisado nas questões 1, 2, 3, 6.b, 7, 8 e 11.

**Seção III – A inferência e descrição física e psicológica dentro da atividade de leitura com conto “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles.**

**1. OBJETIVOS:**

- Valorizar a leitura como forma de conhecimento e fruição;
- Ampliar o repertório literário;
- Perceber o foco narrativo, atentando-se ao posicionamento objetivo ou subjetivo do narrador;
- Desenvolver a compreensão leitora de inferência e descrição de personagens, aplicadas ao texto;
- Levar o aluno a fazer associações a partir do conhecimento prévio;
- Situar o aluno dentro de contextos possíveis de produção dos enunciados.

**ATIVIDADE 1:** A inferência e descrição física e psicológica dentro da atividade de leitura com conto “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles.

**APLICAÇÃO:**

Distribuir o conto “Venha ver o pôr do sol” de Agatha Christie;

Apresentar a biografia da autora (ver apêndice 5)

Ativar conhecimentos prévios através de perguntas pré-textuais;

Entregar cópias do texto para a leitura.

Aplicar as questões de compreensão leitora sobre o conto.

**TEMPO:** 3 tempos de aula.

**MATERIAL UTILIZADO:** Folhinhas de atividades impressas e quadro branco.

**Apresentação da Seção III**

A seção III preocupar-se-á com as aplicações dos conteúdos vinculados ao conto “Venha ver o pôr do sol”, ou seja, os alunos colocarão em prática as ações de leitura presentes no alto nível inferencial de *Applegate et al* (2002) para a compreensão da narrativa. Nessa

etapa, destinada ao aprofundamento do estudo do gênero (ou módulos de análise), os discentes serão convidados a analisar a capa e o título do livro de onde foi retirado o conto e responderão às seguintes questões: “*Descreva a ilustração da capa*”, “*Levante hipóteses: por que há uma pessoa coberta com um lençol branco na capa?*” e “*Relacione o título do livro à ilustração da capa*”. Nesse momento, o importante é buscar explicações, criar possibilidades de interpretações sobre o material a ser analisado. Além disso, outras atividades pré-textuais serão utilizadas como estratégias de antecipação de conteúdo, para despertar expectativas no leitor e ativar o conhecimento prévio desse antes da leitura do texto; indo, por fim, à leitura na íntegra do conto, podendo ser feita em voz alta pelo professor ou compartilhada, devido à extensão da narrativa. Durante a leitura, espera-se que os alunos façam uma compreensão da mensagem passada pelo texto, pontuando o que é relevante e relacionando aos questionamentos feitos antes dela, a fim de confirmá-los ou refutá-los (CANTALICE, 2004).

O segundo momento privilegiará a aplicação da proposta didática elaborada pela professora-pesquisadora. Os participantes deverão respondê-las individualmente sem a interferência da professora-aplicadora quanto à análise do conto e resolução das questões. Nessa fase, espera-se que os alunos apresentem uma conclusão lógica para suas respostas, pautando-as nas ideias permitidas pelo texto.

### **3.4 Aplicação da proposta de atividade**

Essa etapa da pesquisa foi realizada no 4º bimestre, que corresponde aos meses de outubro a dezembro, durante as aulas de Língua Portuguesa da professora-pesquisadora. A disciplina contava com 4 (quatro) tempos de aula semanais, às segundas e quintas-feiras. No período de aplicação houve feriados e eventos na escola que prolongaram a realização da proposta didática. De todo modo, as atividades foram programadas e aplicadas em treze tempos de aulas, divididos em três seções.

Os exercícios da Seção I, II (exceto a aula 2)<sup>13</sup> e III foram lidos pela professora e respondidos de forma individual pelos alunos, pois o propósito era o de coletar dados mais expressivos quanto às respostas fornecidas por eles, isto é, identificar se as questões

---

<sup>13</sup> O texto “O gato preto” de Edgar Allan Poe foi trabalhado de forma oral com a turma, o que de todo modo não se realizou com a participação de todos que estavam presentes.

desenvolvidas mostraram-se eficazes para um desempenho qualitativo na realização das atividades de leitura relacionadas às ações mencionadas.

O envolvimento da turma com a proposta de atividade revelou-se satisfatório, mesmo tendo poucos termos assinados. Seis alunos já possuíam o hábito de ir à biblioteca da escola pegar livros emprestados, o que ajudou a estimular seus interesses pelas aulas. Os demais ao saberem que as atividades pertenciam a uma pesquisa de Mestrado ficaram empolgados e colaboraram para o andamento do trabalho.

Outro ponto a ser mencionado sobre os estudantes se deu em relação à extensão dos textos “O gato preto” e “Venha ver o pôr do sol”. Eles acharam-na muito longa. Por conhecer o perfil de boa parte da turma desde o oitavo ano, a professora-pesquisadora optou pela leitura em voz alta feita por ela e, em algumas aulas, compartilhada (em “O conto se apresenta” e “Conto de mistério”).

Apesar de não ser o foco da pesquisa, a professora organizou um concurso de contos de mistérios com a turma. A elaboração da proposta de produção textual começou na aula de Leitura e Produção Textual, cuja disciplina é ministrada por outra docente, que gentilmente cedeu os seus dois tempos de aula para o desenvolvimento do texto. A produção foi finalizada na aula da pesquisadora, totalizando 4 (quatro) tempos de aula para o feito. A culminância aconteceu na aula seguinte, quinta-feira, no mesmo dia da confraternização de encerramento da aula de Língua Portuguesa no 4º bimestre. O momento configurou a participação e o envolvimento da turma com o trabalho.

As seções a seguir propõem-se a relatar de forma breve a aplicação da sequência de atividades realizadas em classe, referindo-se às seções I e II. Neste trabalho analisaremos a seção III, que corresponde à análise da compreensão leitora dos alunos com base no conto “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles, como uma representação do processo didático da inferência e a descrição de personagens no conto de mistérios no tocante aos níveis de inferência postulados por Applegate *et al* (2002) nos enunciados.

## SEÇÃO I

### ATIVIDADE 1 e 2

Nos dois primeiros tempos de aula que aconteceram em uma segunda-feira, no horário de 7:00 às 8:40h, foram aplicadas as atividades da Seção I sobre inferências e descrição física e psicológica. Nesses tempos de aula, destinou-se 50 minutos para a construção de inferência e os outros 50 minutos para a descrição. A atividade foi realizada com dez alunos em classe. Os estudantes têm por hábito chegar a partir do terceiro tempo de aula. Além disso, vale destacar que essa seção foi desenvolvida no mesmo dia, uma vez que esse conteúdo já havia sido trabalhado durante o terceiro bimestre, pois, faz parte das habilidades e competências do Currículo Básico da Secretária de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ) de Língua Portuguesa para o nono ano, assim, como o gênero conto. Logo, a realização tinha como intuito reativar informações já trabalhadas em classe.

Assim sendo, a professora entregou as folhinhas com os conceitos e atividades para os estudantes, fez a leitura e lembrou junto com eles o que era inferência e como a percebemos em nosso cotidiano. Dois alunos recordaram-se do exemplo já trabalho em outro momento “Paula parou de tomar refrigerante”, em que inferimos a partir do sentido do verbo “parar”. Se ela parou é por que antes ela bebia. Em seguida, começaram a resolver as questões da atividade sobre inferência. Com o término dessas, foi feita a correção para elucidar quaisquer dúvidas.

Logo depois da correção, aplicou-se a atividade 2. Iniciei a leitura da folhinha que continha a definição sobre descrição física e psicológica. Os alunos não mostraram dúvidas sobre o conteúdo. Em seguida, destinou-se um momento para a realização das atividades e da correção. No intuito de verificar esse estágio da proposta, os alunos foram apresentados à dinâmica “Quem sou eu?” e “Quem é meu amigo?”. A prática buscou analisá-los de forma lúdica sobre o conceito estudado, a descrição. Dessa maneira, distribui duas folhas A4 para cada participante. Em uma pedi que se descrevessem fisicamente e psicologicamente e, na outra folha, pedi que descrevessem algum colega da classe. A turma foi avisada de que não poderia conter ofensas nem palavras inapropriadas ao contexto de sala de aula. Ao terminarem as descrições entregaram a professora-pesquisadora, que fez a leitura apenas das partes descritas, enquanto os demais deveriam adivinhar quem possuía aquelas características.

A dinâmica desenvolveu-se de modo satisfatório. Os estudantes disseram ter gostado bastante e que em outra oportunidade gostariam de refazê-la. Para concluir, a docente mostrou a diferença entre nos descrevermos e sermos descritos pelo olhar do outro, inserindo, de forma breve e oral, o papel do narrador ao descrever os personagens.

## **SEÇÃO II**

### **ATIVIDADE 1**

Nesta primeira aula da Seção II, iniciou-se o trabalho sobre o gênero conto. A princípio os discentes foram perguntados se tinham o hábito de contar histórias para amigos ou familiares. A maioria respondeu que sim e que costumavam contar mais para os amigos do que aos familiares. A pretensão dessa aula era possibilitar a realização da Seção II relacionada ao conhecimento prévio sobre o gênero abordado. Partindo disso, foi distribuído um texto motivacional, “O conto se apresenta” de Moacyr Scliar, que trata sobre a o surgimento do gênero conto, mostrando que ele nasce de forma oral e, com o advento da escrita, deixa de ser somente oral, para ter suas histórias registradas. Ademais, o narrador diz que qualquer boa ideia pode originar um conto. Depois da leitura, a professora juntamente com os alunos foi observando características, mencionadas no texto, que definiam o gênero conto. Foram entregues folhinhas expondo o conceito para o gênero (ver apêndice 3). Tanto esta seção quanto as demais tiveram seus textos contextualizados, apresentando informações que abordam rapidamente sobre vida, obra e estilo dos autores, uma vez que foram escritos em épocas distintas.

Continuando a atividade, os alunos foram perguntados se conheciam contos e quais eram. Alguns disseram que tinham escutado falar sobre o da “Chapeuzinho Vermelho” e “Contos de fadas”. A professora pediu que um aluno contasse para a turma o enredo do conto “Chapeuzinho Vermelho”. Dos presentes, a maioria ficou com vergonha, somente um aluno disse quealaria, porém só lembrava partes da história. A docente auxiliou durante o contar e aproveitou para estabelecer relações entre partes da narrativa exemplificada pelo estudante com a compreensão e identificação da estrutura do gênero conto,

## **ATIVIDADE 2**

A terceira atividade deu continuidade ao estudo de gênero conto, porém, devido ao perfil em se trabalhar com as narrativas de mistério, utilizou-se o texto “Conto de mistério” de Stanislaw Ponte Preta para fazer com que os alunos de forma indutiva percebessem e conseguissem explicar o que teria motivado o nome dado ao título do texto e que recursos empregados pelo autor justificavam essa escolha. Além disso, interessava analisar o que os discentes entendiam como mistério, mas também de que forma o identificava no texto. Tal identificação como estratégia para reconhecer, relacionar e ressignificar aquela informação, isto é, partindo do texto para no próprio texto criar associações ou através de informações não presentes nele, mas em suas vivências, adotarem um novo sentido.

A aula começou com a pergunta: “Vocês conhecem o autor desse texto?”. Todos disseram que não conheciam. Mencionei o texto “A velhinha contrabandista”, estudado outrora por eles e disse que pertenciam ao mesmo autor do conto que leríamos, logo, fez-se uma breve apresentação da biografia do autor (ver apêndice 4).

Antes da leitura, foram feitas perguntas pré-textuais para predições e uso de conhecimentos prévios (como, “Você sabe o que é mistério?”; “O que acontecerá em uma história com esse título?”). Em seguida, a leitura compartilhada na íntegra do conto e uma análise com o objetivo de rever e refletir sobre o conteúdo lido. As atividades duraram dois tempos de aula (correspondendo às 1h e 40 minutos). Por compor o processo de construção de sentido sobre o gênero conto de mistérios: inferência e descrição de personagens, os alunos realizaram-na e a professora fez a correção, assim como esclarecimento de possíveis dúvidas.

## **ATIVIDADE 3**

Os alunos foram apresentados a uma nova noção sobre mistério. Dessa vez, o mistério que perpassa pelo conto está relacionado ao sobrenatural. Assim, a narrativa “O gato preto” de Edgar Allan Poe nos conta a relação entre o narrador- personagem e seu gato preto, Pluto, de quem passa a ter extrema aversão. Essa atividade foi realizada oralmente. Antes da leitura



na íntegra, houve a apresentação do autor e a professora fez perguntas pré-textuais para preparar e despertar a curiosidade dos alunos sobre a história que leriam (O que pode ter motivado a escolha de um personagem, o gato, na cor preta? Se conheciam superstições envolvendo gatos pretos.). Muitos disseram conhecer histórias de que gato preto dá azar e que não podemos vê-lo na Sexta-feira 13, pois acontecerá algo ruim. Notou-se nesta fase a importância de situarmos esses leitores dentro do texto a partir de experiências de vida, pois, deste modo, relacionando conhecimento prévio às ações do personagem às situações narrativas.

Após a leitura compartilhada do texto, foi pedido para que os alunos comentassem sobre quais foram as impressões deles sobre a narrativa, se esta apresentava a mesma ideia de mistério do texto da “Atividade 2” e, respondessem, de forma oral, o roteiro de análise lido pela professora-pesquisadora. Os alunos responderam que não, pois o outro conto desde o começo já se mostrava misterioso, devido ao comportamento dos personagens e o suspense era por causa de um pacote de feijão. É relevante atentar para o fato de que essa aula buscou estabelecer conexões entre o lido e o conhecimento de mundo dos discentes, despertar a imaginação, a criatividade e estimular o gosto pela leitura.

Para finalizar a aula, com base na leitura dos dois contos de autores diferentes, cada um abordando um tema distinto, porém com traços que compõem o gênero, montou-se no quadro branco definições para caracterizar o gênero conto de mistérios. A atividade teve duração de dois tempos de aula.

Abaixo o modelo utilizado em aula com base no quadro explicativo de Köche e Marinello (2017, p. 58):

#### **CARACTERÍSTICAS SOBRE O GÊNERO CONTO DE MISTÉRIOS:**

- é um gênero cujo elemento principal é o mistério;
- tem como foco principal do enredo a elucidação de um enigma por meio do raciocínio lógico;
- apresenta pista para auxiliar no esclarecimento do mistério;<sup>14</sup>
- faz com que o leitor tenha um papel ativo na construção do sentido;
- é um tipo particular de narrativa, podendo apresentar histórias relacionadas à solução,

<sup>14</sup> Nem sempre há um esclarecimento sobre o mistério apresentado na narrativa, como ocorre, por exemplo, no conto “O gato preto” de Edgar Allan Poe.

normalmente, de casos policiais ou apresentarem elementos sobrenaturais a serem decifrados;

- pode conter diferentes sequências tipológicas a serviço da narração;
- estrutura-se em apresentação, complicação, clímax e desfecho.

#### **ATIVIDADE 4**

Encerrando a Seção II, o conto “A porcelana” de Agatha Christie aborda o modelo de contos de mistérios que tem por característica a investigação. A existência de um crime pressupõe um criminoso a ser detido. Mais uma vez, antes da leitura do texto, os alunos foram apresentados a uma breve exposição sobre a biografia do autor e levantaram hipóteses sobre a escolha do título e o que eles conheciam sobre a palavra porcelana. A professora realizou a leitura interpretativa. Diferentemente dos últimos contos, houve a leitura parcial, sendo interrompida no clímax para criar suspense e estimular a imaginação.

Os estudantes debateram sobre as possibilidades de desfecho e responderam às questões de compreensão textual. Ao término, receberam a continuação do texto; revelando, agora, um desfecho inesperado para boa parte da turma. Os alunos de forma oral e/ou escrita responderam ao item “Finalizando o conto”, que trata sobre as impressões deles frente à narrativa.

A grande maioria dos estudantes ficou surpresa com a ação da personagem principal, uma vez que ela se tratava de uma dona de casa aparentemente frágil, associando o desaparecimento do marido ao sumiço da amante, ou seja, partindo de seus conhecimentos de mundo vincularam aspectos negativos como interesses materiais e a culpabilização pelo fracasso matrimonial à amante.

### SEÇÃO III

#### ATIVIDADE 1

A última seção destinou-se à aplicação da proposta final de atividade. Essa etapa de construção de significados pertence ao objeto que será analisado mais profundamente na pesquisa, no que concerne ao uso das inferências e das descrições vinculadas aos conhecimentos do conto “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles para a compreensão leitora dos alunos. Sua realização iniciou-se em uma quinta-feira e sua finalização ocorreu na segunda-feira, destinando-se, respectivamente, dois tempos para o começo e um tempo para o término.

No primeiro dia de aplicação foi realizado um total de 14 (catorze) testes, sendo 9 (nove) com termos de autorização assinados pelos responsáveis. A baixa frequência deveu-se ao fato de que o calendário escolar já estava se encerrando e os estudantes começam a se ausentar da escola, aparecendo apenas no dia da prova ou outra avaliação. Além disso, muitos já haviam alcançado a pontuação de 20 pontos para aprovação na disciplina.

Os estudantes que estavam presentes durante o teste foram informados de que a atividade serviria de objeto de pesquisa para a dissertação de Mestrado da professora-aplicadora e que deveriam ser respondidos individualmente, sendo facultativa a participação deles na realização da atividade. Por esse motivo, a pesquisa irá analisar somente o material pertencente ao aluno que apresentou o termo de autorização assinado por ele e seu responsável (Anexo A). Além disso, a professora esclareceu que os nomes dos participantes não seriam divulgados, utilizando iniciais do nome. Todavia, para a organização da análise acabamos por escolher o uso de números com a finalidade de preservar a identidade do aluno no trabalho.

Em seguida, o texto para a leitura e a primeira folha da atividade foram entregues. A professora, então, iniciou mostrando a capa do livro de onde foi retirado o texto. Os alunos, partindo do título *Mistérios* e da imagem de um corpo enrolado em um lençol branco, disseram que a história que iríamos ler era de terror ou sobre quem matou a pessoa da capa. Todas as hipóteses foram consideradas, uma vez que posteriormente os estudantes poderão

confirmá-las ou refutá-las. Deste modo, prosseguiu-se a leitura das questões pré-textuais que giravam em torno de “*Você sabe o que é um pôr do sol?*” e sobre o título do conto.

Devido à reclamação dos discentes quanto à extensão do texto, a professora-pesquisadora fez a leitura em voz alta e os alunos acompanharam a partir das folhinhas recebidas. Após a leitura, a docente não fez qualquer interferência na realização das questões.

A aplicação dessa atividade, a princípio, manteve objetivo de despertar o interesse e o levantamento de hipóteses a cerca do texto, em seguida, a leitura na íntegra do material. A segunda aplicação ocorreu na aula seguinte, com a duração de 50 minutos. Os alunos receberam a última folha de atividades mantendo-se a mesma organização do primeiro dia. Dentre os participantes que terão seus textos analisados 6 (seis) estavam presentes.

### **3.5 Procedimentos na aplicação da atividade final**

Cada exercício dessa atividade teve por finalidade desenvolver enunciados que contemplassem os itens do nível de leitura proposto por Applegate *et al* (2002). Desta maneira, criaram-se questões que permitissem ao leitor compreender o texto e ampliar sua habilidade em realizar inferências no ato de leitura através de estratégias metacognitivas que ofereçam ao aluno o monitoramento do seu pensar. Diante disso, foram elaboradas questões que compreendessem o nível linear, baixo nível inferencial, alto nível inferencial e a inferência reflexiva global.

A atividade foi composta por 14 (catorze) exercícios nos quais três foram desmembrados em a), b) e c), totalizando 21 (vinte e uma) questões. Sendo as questões: i) de linear: 1 e 2; ii) de baixo nível inferencial: 4, 10, 8. b) e 12; iii) de alto nível inferencial (foco deste trabalho): 3, 5, 6, 7, 8.a) e 9; e, iv) de nível inferencial reflexiva global: 11 e 14.

Para as atividades Pré-textuais foram elaboradas 3 (três) questões que priorizavam o acionamento de conhecimentos prévios. Todavia, não serão classificadas quanto aos níveis de leitura de Applegate *et al* (2002), pois não era objetivo o aluno relacionar “conhecimento de mundo” e “informações do texto” para estabelecer significados:

.

**Antes de ler o texto, responda às perguntas abaixo. Elas ajudarão a ativar, em sua memória, informações importantes para a compreensão.**

- **Você sabe o que é um pôr do sol? Se sim, explique-nos. Caso, não saiba, que tal criar possibilidades?**
- 

- **Esse conto pertence ao livro *Mistérios* de Lygia Fagundes Telles. Levante hipóteses: por que ele faz parte dessa obra?**
- 

- **Levante hipóteses: O que o título “Venha a ver o pôr do sol” pode nos sugerir quanto à narrativa?**
- 

Assim, teve-se como resposta para as hipóteses levantadas:

(1)

- É quando o sol some no horizonte
- Porque é um conto de mistério
- Sugere que nesse conto os personagens “girarão” em torno do “por do sol”.

(2)

- Quando a luz do sol começa a somir e podemos contemplar as estrelas e a lua.
- Porque pode aver algum mistério ao longo da História
- Que todos os personagens iram ver o sol se pôr

(4)

- O por do sol e quando ele se esconde atrás da montanha
- por que faz parte de um mistério
- Todos os personagens no final do livro iram ver o por do sol

(5)

- Sim, pôr do sol é sai pra que se inicia a noite
- porque, quando sol sai, agora fica intrigada acha que algo misterioso na saída do sol
- porque, dar a si imaginar numa história sobre a saída do sol. alto mistério nessa saída

(6)

- Sim o pôr do sol é muito lindo
- Sim faz parte nessa obra venha ver o pôr do sol que e iluminada

- Sol e intenso e iluminado.

Diante dessas considerações iniciais, as questões que não se referem ao alto nível inferencial tinham por objetivo compor as atividades de compreensão textual, para que o aluno fosse aos poucos sendo conduzido a responder as questões de alto nível inferencial. Dessa forma, nesta pesquisa só será objeto de análise as respostas que foram obtidas nas questões de alto nível inferencial.

A seguir, apresentamos, a atividade-teste a que os alunos foram submetidos:

### **Seção III – A inferência e a descrição física e psicológica dentro da atividade de leitura com conto “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles.**

*Agora, vamos realizar uma atividade de leitura que aborda, entre outras ações de leitura, o uso das inferências e das descrições vinculadas aos acontecimentos do conto corroborando para a compreensão textual.*

Antes de ler o texto, responda às perguntas abaixo. Elas ajudarão a ativar, em sua memória, informações importantes para a compreensão.

- Você sabe o que é um pôr do sol? Se sim, explique-nos. Caso, não saiba, que tal criar possibilidades? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- Esse conto pertence ao livro *Mistérios* de Lygia Fagundes Telles. Levante hipóteses: por que ele faz parte dessa obra?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- Levante hipóteses: O que o título “Venha a ver o pôr do sol” pode nos sugerir quanto à narrativa? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Venha ver o pôr do sol**  
(Lygia Fagundes Telles)

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.

- Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

- Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele sorriu entre malicioso e ingênuo.

- Jamais, não é? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?

- Foi para me dizer isso que você me fez subir até aqui? - perguntou ela, guardando o lenço na bolsa. Tirou um cigarro. - Hem?!

- Ah, Raquel... - e ele tomou-a pelo braço, rindo. - Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado... Juro que eu tinha que ver ainda uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume. Então? Fiz mal?

- Podia ter escolhido um outro lugar, não? - Abrandara a voz. - E que é isso aí? Um cemitério?

Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.

- Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo - acrescentou, lançando um olhar às crianças rodando na sua ciranda.

Ela tragou lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro.

- Ricardo e suas ideias. E agora? Qual é o programa?

Brandamente ele a tomou pela cintura.

- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí. Vamos entrar e te mostrarei o pôr do sol mais lindo do mundo.

Perplexa, ela encarou-o um instante. E vergou a cabeça para trás numa risada.

- Ver o pôr do sol!... Ah, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr do sol num cemitério...

Ele riu também, afetando encabulamento como um menino em falta.

- Raquel, minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura...

- E você acha que eu iria?

- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada... - disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. Aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta: não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas

logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento. - Você fez bem em vir.

- Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

- Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.

- Mas eu pago.

- Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver um passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico.

Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.

- Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero só ver se alguma das suas fabulosas ideias vai me consertar a vida.

- Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado - prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos gemeram. - Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.

- É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros.

- Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo.

O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos enegrecidos como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando vagarosamente pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita ao som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. As vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos medalhões de retratos esmaltados.

- É imenso, hem? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, é deprimente - exclamou ela, atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada. - Vamos embora, Ricardo, chega.

- Ah, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa incerteza. Estou-lhe dando um crepúsculo numa bandeja e você se queixa.

- Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre.

Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

- Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo.

- É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

- Ele é tão rico assim?

- Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro...

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente ficou envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

- Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra?

Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.



- Sabe, Ricardo, acho que você é mesmo meio glingue-glongue... Apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele. Palavra que quando penso não entendo até hoje como aguentei tanto. Um ano!

- É que você tinha lido *A Dama das Camélias*, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora? Que romance você está lendo agora?

- Nenhum - respondeu ela franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: - *A minha querida esposa, eternas saudades*. - Fez um muxoxo. - Pois sim. Durou pouco essa eternidade.

Ele atirou o pedregulho num canteiro ressequido.

- Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja - disse, apontando uma sepultura fendida, à erva daninha brotando insólita de dentro da fenda - o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso.

Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

- Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim.

- Deu-lhe um beijo rápido na face. - Chega, Ricardo, quero ir embora.

- Mais alguns passos...

- Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! Olhou para trás - Nunca andei tanto Ricardo, vou ficar exausta.

- A boa vida te deixou preguiçosa? Que feio - lamentou ele empurrando-a para a frente Dobrando esta alameda fica o jazigo da minha gente e de lá que se vê o pôr-do-sol.- E tomando a pela cintura. Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.

- Sua prima também?

- Também. Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso que toda a beleza dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, tão brilhantes.

- Vocês se amaram?

- Ela me amou. Foi a única criatura que... - Fez um gesto. - Enfim, não tem importância. Raquel tirou-lhe o cigarro, tragou e depois devolveu-o.

- Eu gostei de você, Ricardo.

- E eu te amei. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?

Um pássaro rompeu o cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu.

- Esfriou, não? Vamos embora.

- Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos.

Pararam diante de uma capelinha coberta de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquiria a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre Os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapo de um manto que alguém colocara sobre os ombros de Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra, descendo em caracol para a catacumba.

Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naquelas ruínas.

- Que triste que é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui?

Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira.

- Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério e precisamente este abandono, esta solidão. As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.

Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semiobscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

- E lá embaixo?

- Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó - murmurou ele. Abriu a portinhola e desceu a escada. Aproximou-se de uma gaveta no centro da parede, segurando firme na alça de bronze, como se fosse puxá-la. - A cômoda de pedra. Não é grandiosa?

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se para ver melhor.

- Todas essas gavetas estão cheias?

- Cheias?... - Sorriu. - Só as que têm o retrato e a inscrição, está vendo? Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe - prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado, embutido no centro da gaveta.

Ela cruzou OS braços. Falou baixinho, um ligeiro tremor na voz.

- Vamos Ricardo, vamos.

- Você está com medo.

- Claro que não, estou é com frio. Suba e vamos embora, estou com frio!

Ele não respondeu. Adiantara-se até um dos gavetões na parede oposta e acendeu um fósforo. Inclinou-se para o medalhão frouxamente iluminado.

- A priminha Maria Camila. Lembro até do dia em que tirou esse retrato. Foi duas semanas antes de morrer... Prendeu os cabelos com uma fita azul e veio se exhibir, estou bonita? Estou bonita?... - Falava agora consigo mesmo, doce e gravemente. - Não, não é que fosse bonita, mas os olhos... Venha ver, Raquel, é impressionante como tinha olhos iguais aos seus.

Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.

- Que frio faz aqui. E que escuro, não estou enxergando...

Acendendo outro fósforo, ele ofereceu-o à companheira.

- Pegue, dá para ver muito bem... - Afastou-se para o lado. - Repare nos olhos.

- Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... - Antes da chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. - Maria Camila, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... - Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel. - Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti...

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou a olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso meio inocente, meio malicioso.

- Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso! Brincadeira mais cretina! - exclamou ela, subindo rapidamente a escada. - Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

- Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! - ordenou, torcendo o trinco. - Detesto este tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

- Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois, vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr-do-sol mais belo do mundo.

Ela sacudia a portinhola.

- Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente! - Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaçou um sorriso. - Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...

Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque.

- Boa-noite, Raquel.

- Chega, Ricardo! Você vai me pagar!... - gritou ela estendendo os braços por entre as grades, tentando agarrá-lo. - Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos! - exigiu, examinando a fechadura nova em folha. Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Esbugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorregando. - Não, não...

Voltado ainda para ela, Ricardo recuou até a porta e abriu os braços. Foi puxando as duas folhas escancaradas.

- Boa-noite, meu anjo.

Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.

- Não...

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrechocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano:

- NÃO!

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, lançou ao poente um olhar mortiço. Ficou atento. Nenhum ouvido humano escutaria agora qualquer chamado. Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda.

Nome: \_\_\_\_\_

***Agora que a leitura do conto foi finalizada, vamos às atividades textuais! Lembre-se de que neste momento você colocará em prática os conteúdos aprendidos associando-os ao conto.***

1) Em muitos contos, o narrador inicia o texto fazendo a descrição do espaço em que ocorrem os fatos. Transcreva, do 1º parágrafo, as expressões que mostrem essa informação.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

*Gabarito: “tortuosa ladeira”, “modestas casas espalhadas”, “ilhadas em terrenos baldios”, “rua sem calçamento”, “mato rasteiro”, “quietude da tarde”.*

2) Personagens, narrador e enredo são elementos indispensáveis para se contar uma história.

Pensando nisso, responda às perguntas:

a) Que tipo de narrador conta a história? Justifique a sua resposta com uma frase do texto.

---

---

*Gabarito: Narrador-observador ou de 3ª pessoa. Essa resposta pode ser compreendida no trecho “Ele a esperava encostado a uma árvore”.*

b) Podemos afirmar que o texto pertence ao gênero conto de mistérios? Explique. (Lembre-se de associar aos elementos do texto)

---

*Gabarito: Sim, porque o texto apresenta poucas personagens, a narrativa curta e a estrutura narrativa (apresentação, complicação, clímax e desfecho). Além disso, a trama envolve o leitor a continuar a leitura até descobrir as reais intenções de Ricardo ao marcar um encontro no cemitério.*

3) Analise as expressões empregadas por Ricardo à Raquel:

“Minha querida Raquel.”

“Meu anjo”

Elas foram empregadas em seu sentido usual? Justifique.

---

*Gabarito: Não, pois ao tratar Raquel por “querida” e “meu anjo”, Ricardo estava ironizando e disfarçando suas verdadeiras intenções.*

De acordo com os conteúdos adquiridos nas aulas anteriores sobre inferência e descrição física e psicológica, responda às questões de 4 a 6.

4) Com base no texto, descreva fisicamente e psicologicamente o personagem Ricardo:

a) **fisicamente:** *era esguio e magro, usava um largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.*

b) **psicologicamente:** *malicioso, insistente e, em alguns momentos, encabulava-se como um menino.*

*(Apesar de as descrições serem facilmente detectadas, essa questão auxiliará na explicação das ações desse personagem ao longo da história).*

c) Essas descrições colaboraram para ocultar as verdadeiras intenções do personagem? Justifique.

---

*Gabarito: Sim, pois o personagem tinha a aparência jovial e de ingenuidade.*

5) Como visto anteriormente, no conto as descrições não são escritas de maneira aleatória pelo autor. Podemos afirmar que nesse conto as descrições estão voltadas para ampliar a intensidade da trama? Justifique.

---

*Gabarito: Sim. À medida que a história vai se desenvolvendo mais elementos vão sendo inseridos para compor o mistério sobre o que acontecerá com as personagens durante o encontro no cemitério.*

6) Observe os trechos abaixo:

“Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante”.

“[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete léguas, lembra?”

A partir das descrições acima, respectivamente, de Ricardo e Raquel podemos inferir que:

- (a) Ricardo permaneceu sem vaidade e, por isso, não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.
- (b) tanto Raquel quanto Ricardo mudaram ao longo do tempo. Ela passou a se dedicar mais à aparência e ele melhorou a vida financeira.
- (c) ao contrário de Raquel, Ricardo permaneceu preso à época em que namoravam, enquanto, ela adquiriu novos hábitos e estilo. **X**
- (d) Raquel apareceu elegante ao encontro, justamente por se tratar de um encontro e esse tipo de situação requer formalidade.

Justifique:

---

*Gabarito: O primeiro trecho descreve Ricardo usando roupa e estilo iguais ao da época em que era jovem e namorara Raquel. Ela, ao contrário, mostra-se diferente nas roupas e comportamento.*

7) O local escolhido para a trama é o cemitério.

a) Por que a escolha desse ambiente nada comum para um encontro? (*Levante hipóteses relacionando-as ao texto e à narrativa de mistérios*).

---

*Gabarito: O cemitério foi escolhido como um local para encontro por ser um local deserto.*

8) Ao longo do texto, Ricardo vai dando pistas do que acontecerá à personagem Raquel:

“- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí.”  
“-Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos”.

Após a leitura completa do conto, podemos afirmar que o personagem usou as orações em destaque de forma ambígua.

a) Comente as duas possibilidades de sentido atribuídas às orações.

---

*Gabarito: “minha gente” e “meus mortos” apresentam dois sentidos: os familiares de Ricardo foram enterrados naquele cemitério ou as pessoas que ele assassinou.*

b) Que termo presente na oração destacada possibilitou a ambiguidade?

*Gabarito: “minha” e “meus”*

9) Ao iniciarmos a leitura do conto, dava para prever que algo de ruim fosse acontecer à Raquel? Cite elementos do texto para comprovar sua resposta.

---

*Gabarito: Sim. A personagem estava receosa devido ao local do encontro; o cemitério não era mais utilizado para enterros e estava anoitecendo.*

10) Vimos que o clímax é momento de maior tensão na narrativa. Em que momento o identificamos no conto?

---

*Gabarito: Quando Raquel percebe que a suposta prima de Ricardo tinha falecido em 1800 e, imediatamente, tenta ir em direção à saída do jazigo.*

11) Ao deixar Raquel presa no jazigo da capela, Ricardo acaba por surpreender os leitores uma vez que ele não a tortura fisicamente, mas psicologicamente.

a) Explique, com suas palavras, de que forma isso contribuiu para tornar o desfecho surpreendente.

*Gabarito: Pois, o leitor é levado a acreditar que Raquel sofrerá alguma violência física (como: apanhar, ser machucada ou morta), dando um fim imediato à situação a personagem; entretanto, Ricardo a abandona em um local onde não será encontrada. Essa escolha faz com que o interlocutor imagine uma morte sofrida, lenta e desesperadora.*

12) O conto apresenta bastante diálogos entre as personagens. A preferência pelo discurso direto pode ser explicada

(a) pois o narrador tentou nos aproximar do texto como se estivéssemos participando daquela conversação. **X**

(b) porque o diálogo serve para ilustrar o que o narrador sentiu ao contar tamanha crueldade.

(c) pois o narrador não queria proporcionar a impressão de que o leitor participa da cena.

(d) porque o narrador queria se participar e deixar o leitor saber da trama por ele mesmo.

Justifique: \_\_\_\_\_

*Gabarito: O discurso direto é aquele em que os personagens ganham voz e permite que traços da fala e da personalidade dos personagens sejam destacados e expostos no texto.*

13) O conto apresenta bastantes adjetivos, advérbios e verbos empregados para realçar as diferenças entre personagens. Abaixo, explique a ideia implícita nos termos destacados.

a) “- Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo.”

*Gabarito: Tem muito ciúme.*

b) “- Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado...”

*Gabarito: Antes a personagem não fumava.*

c) “- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima.”

*Gabarito: A personagem mostra-se bastante fiel.*

d) “Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos”.

*Gabarito: Anteriormente o personagem já havia pedido por um encontro que foi recusado, logo teve de insistir para que esse fosse realizado.*

e) “Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda”.

*Gabarito: o personagem era pobre e, atualmente, a condição financeira ficou mais baixa.*

14) O tema do conto é:

(a) o amor

(b) a vingança **X**

(c) a amizade de infância

Justifique associando ao conto:

---

*Gabarito: Após a leitura do conto, percebemos que o interesse de Ricardo ao marcar um encontro com Raquel era por vingança, já que ela não queria mais encontrá-lo e estava em outro relacionamento. Logo, o rapaz não aceitou o fim do relacionamento e a prendeu.*



#### 4. ANÁLISE DA ATIVIDADE APLICADA

Em virtude da proposta de leitura de *Applegate et al* (2002), este capítulo dedica-se à análise das respostas obtidas pelos alunos nas questões que exigiam o alto nível inferencial. Acreditamos que esse tipo de questão colabore para a construção de inferências mais complexas, ou seja, aquelas em que o conhecimento prévio do leitor associado às ideias do texto permitam que se chegue a uma construção de significados na linguagem em situações pedagógicas de leitura. Além disso, esse tipo de questão colabora para a percepção do aluno no ato de leitura, mas também dá autonomia para que gerenciem o processo de compreensão textual.

Assim, serão analisadas 6 (seis) questões: 3, 5, 6, 7, 8.a) e 9 realizadas no primeiro momento por 9 (nove) alunos, exercícios do 1 ao 7 e, no segundo dia, por 6 (seis) alunos, exercícios do 8 ao 14.

A pesquisa se propôs a analisar dois tópicos presentes dentro da habilidade de alto nível inferencial, a saber: iv) *o aluno prevê um passado ou ação futura com base em características ou qualidades desenvolvidas no texto* e v) *o aluno descreve um personagem ou uma ação baseado em acontecimentos de uma história*. A **questão 6** contempla essas duas possibilidades e a **9**, ao quinto item. Todavia, pretendia-se também analisar os conhecimentos prévios associados com as ideias do texto, para o trabalho pedagógico de linguagem. Outro fator da pesquisa é que a professora-pesquisadora acreditou ser necessário esse estudo para percebermos como essas relações se vinculam ao texto. Deste modo, a **3** e a **5** correspondem iii) *o aluno fornece uma explicação plausível para uma situação, problema ou ação* e as demais, **7** e **8 a)** ii) *o aluno descreve uma motivação plausível que explica as ações das personagens*.

Iniciaremos pela **questão 3 (três)** que exigia três comandos aos alunos:

- a) a análise de expressões transcritas;
- b) a explicação se essas foram empregadas em seu sentido usual;
- c) a justificativa de tais usos.

Desse modo, o primeiro comando reflete sobre as duas expressões transcritas e de fácil identificação no texto. O segundo comando permite ao aluno duas possíveis respostas:

afirmarem ou negarem o sentido empregado. Já no terceiro, deve-se dar uma resposta coerente com o segundo comando e autorizada pelas informações da própria narrativa.

**3) Analise as expressões empregadas por Ricardo à Raquel:**

**“Minha querida Raquel.”**

**“Meu anjo”**

**Elas foram empregadas em seu sentido usual? Justifique.**

---

---

Gabarito:

Não, pois ao tratar Raquel por “querida” e “meu anjo”, Ricardo estava ironizando e disfarçando suas verdadeiras intenções, pois essas expressões normalmente são utilizadas de forma afetuosa.

Este item se trata de uma questão de alto nível inferencial, pois exige que o estudante relacione recursos fora do texto, o conhecimento prévio, e os articule com as informações presentes no texto, para, após inferir, consiga estabelecer uma explicação plausível para o contexto em que foram empregadas.

Nesse momento, espera-se que o aluno recupere em sua memória quais os possíveis significados fora do texto para os vocábulos “anjo” e “querida” para fazer relações lógicas com o texto, principalmente para entender o uso da ironia atribuída aos termos, como descrito por Applegate *et al* (2002): *iii) o aluno fornece uma explicação plausível para uma situação, problema ou ação.*

Segundo o dicionário *Michaelis* (2008), **anjo significa**: “1. Ente puramente espiritual, dotado de personalidade própria, superior ao homem, segundo algumas religiões; 2. Pessoa muito virtuosa, bondosa ou inocente; 3. Pessoa muito formosa”. Com base no conto, é possível que o aluno infira que Ricardo chama Raquel de “anjo” de acordo com a acepção 2, uma mulher bondosa ou inocente. Note que ao longo de toda a narrativa, Raquel não percebe as reais intenções de seu ex-namorado. Diante da postura adotada pelo personagem ao marcar um encontro em um local incomum como o cemitério, o aluno precisará deduzir que os termos utilizados naquela situação, escondiam o plano diabólico dele. Já **querida significa**: “a quem se quer muito” (*Miniaurélio*, 2001) e no texto, Raquel menciona que só foi ao encontro devido à insistência do rapaz.

Os participantes ao responderem às perguntas já haviam feito a leitura de todo o texto. Logo, tinham como informação o desfecho da narrativa. O que os auxiliariam a responder ao primeiro comando da pergunta. As respostas apresentadas para esse enunciado foram<sup>15</sup>:

- (1) Não. Ele estava apenas tentando atrair-la para sua armadilha.
- (2) Não. Porque teria como atrair ela para o cemitério se ele não a tratasse bem. ele estava mentindo para ela.
- (4) Não, porque ele queria se aproximar e mostra carinho por ela para prender ela.
- (5) Não, porque estava tentando desfaça sua intenção
- (6) Não porque ele queria se vingar dela
- (8) Não. porque ele só queria atrair pra armadilha
- (9) Não. Ele só estava fingindo para leva-lá sem nenhum conflito o desconfiança.

Percebe-se pelas respostas que os alunos fizeram associações com seus conhecimentos de mundo sobre o que é ser um anjo e ser alguém querido, para inferirem as possibilidades de significação dentro de determinado contexto.

Além disso, forneceram uma explicação admissível para a situação em que as expressões foram empregadas, relacionando-as com o desfecho. Ao realizar a leitura completa do texto, obtemos a informação de que o suposto encontro para ver o pôr do sol era uma armadilha elaborada por Ricardo, para condenar Raquel a um local onde as pessoas costumam ter receio ou medo de frequentar e, pela descrição do narrador, até os fantasmas não estão mais ali. Logo, a associação entre desfecho e conhecimento de mundo permitiu aos alunos ressignificarem essas expressões como uma estratégia de Ricardo ocultar suas reais intenções.

Por outro lado, a resposta (3), apresentada a seguir, revela que o aluno não considerou o segundo comando sobre o sentido usual das expressões. O aluno considerou situações, possivelmente, presentes em sua vivência para responder a questão, posto que Ricardo é ex-namorado de Raquel e aparenta nutrir uma paixão pela jovem. Logo, essas expressões poderiam ser utilizadas pelo personagem para se referir a ela, enquanto namoraram. Em seguida, ele diz que o homem também fingia. Observou-se que a questão tomada de forma isolada sem a leitura na íntegra do texto e do contexto em que está inserida, permitirá dúvida.

---

<sup>15</sup> As respostas foram transcritas na íntegra, por isso, manteve-se os desvios de ortografia, concordância e pontuação.

Por isso, percebe-se uma tentativa de o aluno tentar expressar os significados atribuídos por ele.

*(3) Já havia um certo costume, uma intimidade. Ele também fingiu*

Já o aluno (7) não estabeleceu relações lógicas existentes entre a narrativa como um todo e os sentidos normalmente atribuídos aos termos “anjo” e “querida”, pois ao responder a questão ele afirma que as expressões foram utilizadas em seu sentido usual, ou seja, como demonstrações de afeto. Deste modo, tal consideração nos permite notar que ao retornar à narrativa para recuperar essas informações, o aluno priorizou as primeiras partes do texto, em que é sugerido que os personagens já tiveram algum tipo de relação além de amizade, “Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos”.

*(7) Sim, já que era a amada dele*

Outro fator a ser considerado para essa resposta é a ambiguidade permitida pelo termo “usual” no enunciado, “Elas [expressões] foram empregadas em seu sentido usual?”, que, pode ser associada ao uso das expressões para tratar alguém com afetuosidade ou a forma como Ricardo já estava acostumado a se referir à Raquel; possibilitando ao aluno inferir outros sentidos.

A questão 5 (cinco) tem como objetivo consentir ao aluno recuperar informações relativas à linguagem. Observe que o enunciado é iniciado com a expressão “Como visto anteriormente”, ou seja, esse tipo de pergunta mostra que para respondê-la deve relacionar seu conhecimento prévio quanto às características de um texto com base narrativa.

**5) Como visto anteriormente, no conto as descrições não são escritas de maneira aleatória pelo autor. Podemos afirmar que nesse conto as descrições estão voltadas para ampliar a intensidade da trama? Justifique.**

---

---

Gabarito:

Sim. À medida que a história vai se desenvolvendo mais elementos vão sendo inseridos para compor o mistério sobre o que acontecerá com as personagens durante o encontro no cemitério.

Partindo disso, nota-se pelas respostas apresentadas abaixo que os alunos precisaram acionar informações adquiridas ao longo da vida escolar e rerepresentadas durante as atividades pré-textuais sobre descrição de personagens e a função dessas na narrativa, principalmente no gênero conto, cuja uma das características é a *brevidade*, para relacionarem com as ideias do texto.

*(1) Sim, porque elas ajudaram a causar mais misterioso*

*(2) Sim, Porque nas descrições dos personagens não parecer que vai fazer algo ruim.*

*(3) Sim, porque as descrições era de um lugar assombrado e não abitual.*

*(4) Sim, porque elas ajudaram acausar um mistérios mais emocionante.*

*(5) Sim, porque as descrições São misteriosas parecia que ele não fazia mal para ninguém.*

*(6) Sim, porque a descrições do personagem não pareceu que ele não é ruim.*

*(7) Sim. O autor descreve o personagem como alguém ingênuo e apaixonado por Raquel, por isso o conto vai ficando intenso quando ele mostra as verdadeiras intenções.*

*(8) Sim, Porque as descrições não são de um lugar familiar e sim de um lugar criminalístico e assustador.*

*(9) Sim, as descrições da narrativa criaram mais mistério em volta dela.*

Na **questão 6 (seis)**, trata-se de um exercício de múltipla escolha que exige ao *aluno prevê um passado ou ação futura com base em características ou qualidades desenvolvidas no texto e descrever um personagem ou uma ação baseado em acontecimentos de uma história*. Para isso, o aluno deve marcar a alternativa que apresenta a informação implícita sobre as descrições físicas de Ricardo e Raquel no dia do encontro e, em seguida, justificar essa escolha. Ao pedirmos para que os alunos justifiquem esse tipo de questão, estaremos evidenciando a necessidade de eles monitorarem suas inferências e atuarem de forma consciente no processo de compreensão leitora, desempenhando práticas metacognitivas na aprendizagem.

**6) Observe os trechos abaixo:**

“Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante”.

“[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete léguas, lembra?”

**A partir das descrições acima, respectivamente, de Ricardo e Raquel podemos inferir que:**

- (a) Ricardo permaneceu sem vaidade e, por isso, não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.
- (b) tanto Raquel quanto Ricardo mudaram ao longo do tempo. Ela passou a se dedicar mais à aparência e ele melhorou a vida financeira.
- (c) ao contrário de Raquel, Ricardo permaneceu preso à época em que namoravam, enquanto, ela adquiriu novos hábitos e estilo. **X**
- (d) Raquel apareceu elegante ao encontro, justamente por se tratar de um encontro e esse tipo de situação requer formalidade.

**Justifique:** \_\_\_\_\_

Gabarito:

O primeiro trecho descreve Ricardo usando roupa e estilo iguais ao da época em que era jovem e namorara Raquel. Ela, ao contrário, mostra-se diferente nas roupas e comportamento.

O aluno terá de marcar a alternativa “c” a partir da inferência possível para a resposta, prevendo um passado ou ação futura com base nas características desenvolvidas, nesse caso, física. O primeiro trecho descreve Ricardo usando roupa e estilo iguais ao da época em que era jovem e namorara Raquel. Ela, ao contrário, mostra-se diferente nas roupas e comportamento. Logo, essas informações no texto, permitem que o aluno ative conhecimentos prévios relacionados ao mundo da moda, pois sabemos que a moda segue uma tendência e retrata uma determinada época. Além disso, ao caracterizar Raquel em um antes (“vestida esportivamente”) versus agora (com “essa elegância toda”), possibilita ao aluno perceber que por meio das vestimentas, podemos transmitir uma imagem de poder, status social, o grupo a que pertencemos ou o ambiente que iremos frequentar. Para tanto, é

necessário que o aluno faça essas associações para entender que essas características presentes no texto irão corroborar para justificar o apego de Ricardo ao tempo de namoro e supor um passado das personagens.

Dentro desta perspectiva, os alunos abaixo estabeleceram significado de linguagem pelo processo cognitivo de alto nível inferencial, pois marcaram a alternativa que pautada nas características físicas fornecidas pelo texto prevê um passado ou uma ação futura. Já noutra parte da pergunta, a resposta foi estabelecida pelos alunos sem associação do conhecimento para descrever o personagem. Desta forma, os alunos fizeram paráfrases da alternativa c), referindo-se ao baixo nível inferencial.

*(1) c ;*

*Justificativa: Porque ele nunca superou a época que namoravam*

*(2) c*

*Justificativa: Ele estava ligado ao passado e quis se vingar dela por ela ter terminado o namoro com ele.*

*(3) c*

*Justificativa: Ele ainda sentia falta dela, fez tudo isso por vingança termino que teve que enfrenta e por ela ter mudado.*

*(4) c*

*Justificativa: porque ele ficou preso no passado e ela teve mais vaidade com ela mesma.*

*(5) c*

*Justificativa: porque ele ainda amava ela é ficou preso á época em que namoravam*

*(6) c*

*Justificativa: porque ele amava ela ainda*

*(7) c*

*Justificativa: Ele parou no tempo, não conseguindo superar o fim do namoro, já ela foi ao contrário.*

*(8) c*

*Justificativa: Ele não parecia ter superado a época que eles namoravam.*

*(9) c*

*Justificativa: Por que ele ficou preso ao tempo pois amava ela*

Outra **questão** a ser analisada é a **7 (sete)**, em que se solicita, para o aluno, o estabelecimento de significados com a linguagem, relacionando-o às hipóteses construídas por ele. Portanto, ressaltamos que os conhecimentos não-postos são predominantes para o estabelecimento de inferências no texto. O aluno precisará recuperar seus conhecimentos sobre o que é um cemitério, como as pessoas o descrevem e quais sensações esse local transmite. Neste nível, o aluno explicará o que motivou a ação do personagem, Ricardo, a marcar um encontro em um cemitério como podemos perceber a seguir:

**7) O local escolhido para a trama é o cemitério.**

**a) Por que a escolha desse ambiente nada comum para um encontro? (*Levante hipóteses relacionando-as ao texto e à narrativa de mistérios*).**

---

---

Gabarito:

O cemitério foi escolhido para o encontro por ser um local deserto, frequentado, normalmente, quando se tem velórios; o que facilitaria a execução do plano de Ricardo. Além disso, o cemitério escolhido pelo personagem estava desativado, dificultando qualquer chance de Raquel de ser encontrada.

Agora, exigem-se três ações dos estudantes:

- a) criar hipóteses;
- b) relacioná-las;
- c) responder.

Assim, é importante salientar que enunciados, que possuam muitos comandos, tornam a questão mais complexa, possibilitando a realização de uma ação em vez de todas. Como podemos constatar nas respostas a seguir, em que se percebe que os alunos se limitaram, somente, às informações explícitas no texto, adquiridas após a leitura:

*(1) porque ele já pretendia inventar a história da prima e o pôr do sol para leva-la para a armadilha;*

*(3) Por que ele queria mata-la e se vingar num lugar apropriado. "cemiterio"*



- (4) Porque ele pretendia a morte dela. E ela ficou presa.*
- (6) não porque ele queria matar um Sentimento dela.*
- (7) O cemitério é a representação da morte do relacionamento, do fim do amor dele ao deixa-lá preso lá.*
- (8) Porque ele já tinha planejado prender lá naquele lugar.*
- (9) Por que ele queria assustalá e mata-lá.*

Observamos acima que os alunos não vincularam às imagens presentes no conhecimento de mundo sobre o que representa um cemitério em nossa cultura ou o que se espera de um local para encontro, ficando presos somente a informações adquiridas após a leitura do texto, exercendo um caminho inverso ao que se pedia. Desse modo, não desempenharam habilidades presentes no alto nível inferencial, desenvolvendo habilidades do baixo nível inferencial. Por outro lado, as respostas giraram em torno de assassinato, mas também vingança, transparecendo a interferência sobre os acontecimentos no desfecho da narrativa na resposta.

Entretanto, os excertos abaixo, apesar de criarem relação com crimes, abordaram o fato de o cemitério ser um local deserto, pouco frequentado pelas pessoas, o que, conseqüentemente, facilitaria os planos do personagem, contemplando plenamente tanto ao comando quanto ao alto nível inferencial.

- (2) Porque o cemitério quase ninguém vai e ele queria matar todos os sentimentos que ele ainda tinha por ela, ele achou que a melhor maneira seria matar ela;*
- (5) Não, porque ele matando ela ia matar todos os sentimentos e porque cemitério quase ninguém vai.*

A **questão 8 (oito)** possibilitou ao aluno a construção de inferências mais amplas, atrelando seus conhecimentos adquiridos fora do texto às ideias implícitas nele. Para isso, ele precisou inferir as possibilidades de significação permitidas pelas expressões destacadas para desfazer a ambigüidade provocada pela fala de Ricardo, oferecendo uma conclusão lógica.

**8) Ao longo do texto, Ricardo vai dando pistas do que acontecerá à personagem Raquel:**

“- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí.”  
“-Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos”.

**Após a leitura completa do conto, podemos afirmar que o personagem usou as orações em destaque de forma ambígua.**

**a) Comente as duas possibilidades de sentido atribuídas às orações.**

Gabarito: “minha gente” e “meus mortos” apresentam dois sentidos: os familiares de Ricardo foram enterrados naquele cemitério ou as pessoas que ele assassinou.

Todos os participantes estabeleceram significados às questões de leitura, propostas como atividades pedagógicas, manifestando, por conseguinte, os processos cognitivos em que atua a inferência no seu alto nível.

O participante (1), diferente dos demais, ao responder a segunda possibilidade de sentido associou a oração “Aqui estão meus mortos”, especificamente, à personagem Raquel, analisando-a como a próxima morta a ser enterrada por ele, por isso ela estava naquele local”, todavia, não comprometendo sua habilidade de compreensão leitora.

*(1) A primeira, ele fala da família dele e a segunda ele quis dizer que ela estava lá e seria dele*

*(2) Pode ser pessoas que ele havia matado ou alguns familiares.*

*(3) As pessoas que ele matou e as pessoas que morreu na família.*

*(4) As pessoas que ele matou e as pessoas que morreu na família.*

*(5) Pode ser familiares ou pessoas que ele matou.*

*(6) minha gente está enterrada ai. minha família.*

**Na questão (9)** acredita-se que o aluno irá prevê uma ação futura com base em características desenvolvidas no texto. Ele terá de vincular os elementos apresentados no início da narrativa, como a descrição feita do local em que Ricardo aguarda Raquel a locais

desertos e que possam suscitar situações de perigo, “À medida que avançava, as casas iam rareando”; “A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde”; “Nem os fantasmas sobraram”. Outro ponto refere-se ao horário em que eles marcam de se encontrar e que dá nome ao título, durante o pôr do sol em um lugar abandonado. Essas previsões permitidas pelas descrições contribuirão para a noção de perigo e de algo ruim que permeiam nossas memórias.

**9) Ao iniciarmos a leitura do conto, dava para prever que algo de ruim fosse acontecer à Raquel? Cite elementos do texto para comprovar sua resposta.**

Gabarito:

Sim. A personagem estava receosa devido ao local de encontro; o cemitério não era mais utilizado para enterros, ficava em um local com poucas casas e estava anoitecendo.

Os alunos apresentaram as seguintes respostas:

*(1) Sim. “As casas iam rareando”, “modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios”.*

*(2) Sim. O local marcado para acontecer o encontro era um cemitério, ao pô do sol e não havia ninguém no cemitério abandonado.*

*(3) Sim. Porque o encontro foi num cimitério, numa rua com terrenos baldios e etc.*

*(4) Sim. O lugar do encontro é misterioso e o personagem Ricardo age misteriosamente.*

*(5) Sim. Porque o encontro foi num cemitério, numa rua com terrenos baldios e etc.*

*(6) Sim, porque ele marcou um encontro, no cemitério da noite num lugar abandonado sem ninguém.*

O enunciado exigia que se atendesse a dois comandos: o de afirmar ou negar sobre a possibilidade de se prever um acontecimento na narrativa através de pistas mencionadas pelo narrador; e, o de citar elementos do texto que comprovassem seu posicionamento frente à questão. É importante salientar que a segunda parte da pergunta não delimitava os elementos à

transcrições, os alunos poderiam tanto transcrever quanto escrever com suas palavras, desde que suas respostas fossem coerentes com o respondido anteriormente.

Desta forma, ao responderem “sim”, que o início do texto apresenta elementos que marcam que alguma situação ruim acontecerá à Raquel, não encontramos essa ideia de forma explícita para serem classificadas como linear e, apesar de parecerem facilmente recuperadas no texto (baixo nível inferencial), necessitam de informações prévias, assimiladas no decorrer de nossas vidas. Assim, a questão continuou sendo considerada pertencente ao alto nível inferencial devido à previsão de uma ação futura com base nas características desenvolvidas no texto.

### **Considerações sobre os resultados da pesquisa:**

Após a aplicação, a professora-pesquisadora notou:

- a) o nível alto de complexidade quanto ao entendimento sobre o comando da questão;
- b) enunciados extensos requer maior atenção do leitor, originando dúvidas quanto aos processos cognitivos e linguísticos no que tange à leitura de textos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, buscou-se analisar o processo cognitivo de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental Regular como representação do processo didático sobre inferência e descrição de personagens vinculadas às ideias presentes em contos de mistério, considerando a cognição humana sob o viés reflexivo das situações que envolvem o ensino de leitura, o comportamento dos alunos durante o processo de aprendizagem e o papel do professor enquanto mediador.

Assim, neste trabalho, apresentamos uma fundamentação teórica a partir dos níveis de leitura para a compreensão leitora sugeridos por Applegate *et al* (2002), em especial, o alto nível inferencial, em que o conhecimento prévio do leitor associado às ideias do texto permite que se chegue a uma construção de significados na linguagem em situações pedagógicas de leitura. Desta forma, tais estudos somados aos da área de Metacognição e Cognição buscaram contribuir com novas estratégias para potencializar o aperfeiçoamento da aprendizagem, ou seja, como e quais recursos metacognitivos podem levar o aprendiz a refletir sobre aquela aprendizagem; analisando o próprio pensamento e verbalizando de maneira que consiga externar o que entendeu durante esse processo. Além disso, o capítulo discorre sobre as principais as definições atribuídas ao gênero conto e as narrativas de mistério, buscando relacionar essas reflexões à elaboração das propostas de atividades.

Para isso, elaborou-se uma pergunta-questionário com a finalidade de levantar conhecimentos prévios dos alunos sobre possíveis definições para o vocábulo “mistérios”. Com base nos dados recolhidos, reafirmou-se a ideia de que no processo de aprendizagem os sujeitos não cognizam da mesma forma e que as associações estabelecidas por eles são construídas a partir de experiências individuais. Observou-se que os alunos associam mistérios a algo oculto, que precisa ser revelado. Logo, concluiu-se que os alunos já possuíam informações relevantes de seus conhecimentos de mundo para criarem uma possível definição para o termo.

Partindo disso, na metodologia, foram elaboradas seis atividades prévias divididas em duas seções para que o aluno fosse percebendo os caminhos percorridos durante a construção de seu conhecimento sobre o gênero conto. Na primeira atividade, os alunos foram estimulados a perceber que a realização dessas inferências não acontece somente em uma situação específica, mas que esta pode ter seu sentido construído ou recuperado em diversos contextos. A segunda atividade priorizou a conceituação das descrições físicas e psicológicas

nas narrativas para a composição de um personagem. As duas atividades revelaram que o entendimento dessas duas habilidades foi de extrema importância para a realização da atividade final.

Na segunda parte, a escolha pelo gênero contos de mistério deu-se por acreditar que estes aguçam a curiosidade dos alunos em quererem desvendar o que pode ter acontecido a um personagem ou o que pode ter estimulado a ocorrência de um fato sobrenatural. Babosa e Rovai (*apud* Köche e Marinello, 2012) destacam que ninguém resiste a uma boa trama, sobretudo de crime e mistério. As autoras afirmam que ao trabalharem com esse gênero em sala de aula, estamos diante de uma ótima oportunidade de despertarmos jovens-leitores e trazê-los para o mundo da literatura de ficção.

Por esse motivo, o de valorizar a leitura como forma de conhecimento e fruição, que a seção II apresentou textos de diversos autores conceituados tanto por suas produções teóricas quanto literárias ligadas ao universo misterioso como, por exemplo, Edgar Allan Poe. É importante ressaltar que as atividades foram elaboradas como sugestões e que devem ser adaptadas à realidade de cada comunidade escolar.

Já a última seção representa o nosso objeto de estudo. Composta por uma proposta de atividade em que os alunos deveriam desenvolver suas habilidades e competências de inferir e descrever os personagens da narrativa ‘Venha ver o pôr do sol’ de Lygia Fagundes Telles pautados nas ideias fornecidas pelo texto. As descrições realizadas pelo narrador não foram construídas apenas para ilustrar um local ou um ser, mas para corroborarem na criação de um clima de suspense e tensão no desenvolvimento da trama, até o seu desfecho.

Desta maneira, as questões que compuseram a proposta final foram elaboradas propondo-se a colaborar para a percepção do aluno no ato de leitura, mas também dá autonomia para que gerenciem o processo de compreensão textual. Por isso, as questões de múltipla-escolha pediam ao aluno que justificassem aquela escolha, para possibilitá-lo perceber os procedimentos cognitivos, estabelecidos por eles, ao optar por uma ou outra alternativa.

Os dados analisados apontaram para diversos processos cognitivos desenvolvidos pelos participantes durante as atividades de leitura. Interessava-nos pensar que questões de linguagem (papel do personagem, conhecimento de mundo, desfecho, paráfrases entre outros), durante o processo de compreensão, são conhecidas, ou não, pelos alunos.

Nesta perspectiva, no capítulo IV, em virtude do que Applegate *et al* (2002) apresenta como alto nível inferencial de leitura para a construção do processo de leitura escolar, em que

se trabalha o conhecimento prévio associado às noções do texto, a análise revelou que nas questões 3 (três), 5 (cinco), 8 (oito) e 9 (nove) os pelo autor, ou seja, o aluno desenvolveu uma explicação do texto, considerando da própria experiência vivida, fazendo relações mais complexas entre as informações do texto e informações do mundo cultural e experiencial. Já o outro grupo que não fez esse tipo de associação desenvolveu apenas paráfrases, isto é, diante de questões mais complexas acaba utilizando um mecanismo linguístico, observado nesta pesquisa, de repetição, mesmo usando outras palavras.

Pelos conhecimentos desse processo, a professora-pesquisadora observou que para a contribuição de trabalhos pedagógicos voltados para o ensino de leitura de contos de mistério em uma visão cognitivista, faz-se necessário entender que:

- a) uma questão pode ter seu nível de complexidade elevado quanto ao entendimento, quando o enunciado pede para que o aluno dê várias respostas para a solução da pergunta;
- b) enunciados extensos suscitam maior atenção do leitor, originando dúvidas quanto aos processos cognitivos e linguísticos no que tange à leitura de textos;
- c) o gênero conto de mistérios favorece o processo de aprendizagem, pois possibilita ao aluno fazer inferências a partir das ideias do texto, relacionando-a ao seu próprio conhecimento de mundo e despertando a consciência do aluno sobre esses processos.

Logo, acredita-se que esta dissertação pode colaborar para a melhora da educação no ensino de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental, pois já não se faz mais necessário a adoção de materiais que não priorizam o aprendiz como um ser ativo e que não consideram a mente, pessoa e mundo. Portanto, é de extrema importância elaborarmos atividades que não se restrinjam à detecção de informações ou a descrições representacionais lineares sobre o mundo. Práticas pautadas na cognição surgem no intuito de identificar um problema a ser solucionado, levando os aprendizes a utilizar aspectos e artefatos do ambiente como recursos mnemônicos ou extensores de suas operações cerebrais. Deste modo, a aprendizagem envolve processos dos mais variados da cognição não só em relação à produção do conhecimento, mas de um fazer, um construir linguístico que envolvam conhecimentos da própria linguagem e culturais, atentando à dinâmica entre os padrões e o entorno ambiental.

As pessoas envolvidas em atividades de ensino-aprendizado estão operando cognitivamente para propósitos pedagógicos. Ao professor será encarregada a função de criar contextos em sala de aula que apresentam situações reais de linguagem que propiciem aprendizado sobre a língua, relacionando-o com os conhecimentos prévios do aluno e os conteúdos apresentados com seu uso.



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLEGATE, M. D., QUINN, K. B., APPLEGATE, A. J. Levels of thinking required by comprehension questions in informal reading inventories. **The Reading Teacher**, v.56, n. 2, pp.174-180, 2002.

ASSIS, M. de. “Missa do galo”. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1985. p. 605- 11.

BAKHTIN, M. ([1979]). 1992). *Os gêneros do discurso*. In Bakhtin , M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 261-306.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. *Trabalhando com os gêneros do discurso: narrar: narrativa de enigma*. São Paulo; FTD, 2011 (Coleção Trabalhando com gêneros do discurso).

\_\_\_\_\_. *Trabalhando com os gêneros do discurso: uma perspectiva para o ensino de língua portuguesa*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001. Disponível em: <[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/jacqueline\\_barbosa.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/jacqueline_barbosa.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2018.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto; ROVAI, Célia Fagundes. *Gêneros do discurso na escola: discutindo, princípios e práticas*. São Paulo: FTD, 2012.

BARTHES, Roland. “Introdução à análise estrutural da narrativa”. *Análise estrutural da narrativa*. Introdução à edição brasileira por Milton José Pinto. 7ª ed. – Petrópolis RJ: Vozes. pp. 19-62, 2011.

BRAIT, Beth. “A construção da personagem”. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985. pp. 53-69

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

CANTALICE, Lucicleide Maria. “Ensino de estratégias de leitura”. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.) vol.8 no.1. Universidade de São Francisco. Campinas, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572004000100014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572004000100014)>. Acesso em: 13 jan. 2018.

CORTÁZAR, J. “Alguns aspectos do conto”. In: *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CHRISTIE, AGATHA. “Porcelana”. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/contosdesuspense/2381293>>. Acesso: 21 out. 2017.

COSCARELLI, Carla Viana. "Reflexões sobre as inferências." *CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA*. 2002.

FIGUEIREDO, Vera Lucia Follain de. “O assassino é o leitor”. In: *Matraga* – Revista do Instituto de Letras da UERJ, v. II, n. 4-5, p. 20-26, jan.-ago. 1988.

FONSECA, R. “O outro”. *Feliz ano novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FURTADO, Felipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Horizonte, 1980.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 27. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GERHARDT, Ana Flávia. *Ensino de gramática e desenvolvimento metalinguístico: teorias, reflexões e exercícios*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

GOTLIB, Nádya Batella. *Teoria do conto*. – 11. ed. – São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção de sentido*. 10. ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V.M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed., 11ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. *Ler, escrever e analisar a língua a partir de gêneros textuais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios). pp. 43.

LISPECTOR, Clarice. “Felicidade clandestina”. *Felicidade clandestina*. 5. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. pp. 7-10.

\_\_\_\_\_. “Laços de família”. *Laços de família*. Digitalizado, revisão e formatado por SusanaCap. Editora Rocco, 1988. Disponível em: < <http://colegiocec.com.br/arquivos/lacos-de-familia---clarice-lispector---3-ano.pdf>> Acesso em: 27 dez. 2017.

MAIOLINI, Iara Lopes. *Uma proposta enunciativo-discursiva de leitura de contos para o ensino fundamental*. Dissertação de mestrado, 2013. 180 f.: il. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2013. Disponível em: <<http://file:///C:/Users/andreia/Documents/dissertação%20textos%20auxiliares/dissertação%20conto%20edg%20lygia.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Francisco Jailson Dantas de; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. “A compreensão leitora e o processo de inferencial em turmas do nono ano do ensino fundamental”. *Revista FAEBA: Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v. 23, n. 41, jan/jun, 2014, pp. 90-104.

PIGLIA, Ricardo. “Teses sobre o conto”. *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

POE, Edgar Allan. “O gato preto”. Disponível em: <[http://www.pedagogiaespirita.net.br/biblioteca/literatura/Edgar%20Allan%20Poe/gato\\_preto\\_allanpoe.pdf](http://www.pedagogiaespirita.net.br/biblioteca/literatura/Edgar%20Allan%20Poe/gato_preto_allanpoe.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2017.

PORTO, Sérgio (Stanislaw Ponte Preta). Conto de Mistério. Disponível em: <[www.casadobruzo.com.br](http://www.casadobruzo.com.br)> Acesso: 12 mar. 2017.

PRAXEDES, Maria Fernandes de Andrade. *Cemitério, formigas e caçada*: uma leitura com suspense em Lygia Fagundes Telles. Dissertação de mestrado, 2010. 134 f.: il. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, 2010. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp135535.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2017.

PRETA, Stanislaw Ponte. “Conto de mistério”. Disponível em: <<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/s/sergio20.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

RIBEIRO, Célia. “Metacognição: um apoio ao processo de aprendizagem”. *Psicologia: Reflexões e Crítica*, 2003. pp. 109-116.

ROJO, Roxane. Gênero do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEUER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. pp. 184-207.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Claudia Souza. *Análise e produção de textos*. – 1ª ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

SARMENTO, Leila Lauer. *Português: literatura, gramática, produção de texto*. Volume único. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

SCHNEUWLY, B. *Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas*. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. (Org. e trad.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 21-39.

SCLIAR, Moacyr; José Paulo; HATOUM, Milton, VARELLA, Drauzio. “O conto se apresenta”. Era uma vez um conto. São Paulo. Companhia das Letrinhas, 2002.

SINHA, Chris. “Pessoas situadas: aprender a ser um aprendiz”. In: Bliss, J.; Säljö, R.; Light, P. (Eds.) *Learning Sites: Social and Technological Resources for Learning*. Oxford, Pergamon, p. 32-48, 1999.

TELLES, Lygia Fagundes. “Venha ver o pôr-do-sol”. *Mistérios: ficções*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. pp. 203-212.

TODOROV, Tzvetan. *Poética da prosa*; tradução Claudia Berliner. – São Paulo: Martins Fontes, 2003. – (Tópicos)

WEISZ, Helena. *Literatura na escola – 7º ano: Contos de Edgar Allan Poe*. Nova escola. 02 de setembro de 2017. Disponível em:< <https://novaescola.org.br/conteudo/6466/literatura-na-escola-7-ano-contos-de-edgar-allan-poe>>

VARGAS, D. S. O plano inferencial em atividades de leitura: livro didático, cognição e ensino. *Trabalhos em Linguística Aplicada* (UNICAMP), v. 49. pp. 145-166, 2010.

## APÊNDICE

### APÊNDICE 1 – Proposta de atividade: SEÇÃO I – Atividade 1

Nome: \_\_\_\_\_

#### Seção I: (Re)construindo o conceito de inferência e de descrição física e psicológica com os alunos

Nesta seção, vamos desenvolver duas ações de leitura que auxiliam no aprimoramento da compreensão textual, com base no alto nível inferencial. São elas: inferência e a descrição física e psicológica. Começaremos com a inferência.

##### 1. Realizando Inferência

*Papai antes de trabalhar sempre vai ao meu quarto e me acorda para a escola. Hoje ele não me acordou. Com certeza não foi trabalhar.*

Por que o filho chegou a essa conclusão? Porque fez uma *inferência*. O pai pode ter levantado para trabalhar e se esqueceu de acordar o filho ou, realmente, não ter ido trabalhar. Essas possibilidades são permitidas porque o interlocutor tirou conclusões através de uma prática cotidiana em sua casa.

##### **Inferências**

Estratégia de leitura usada para extrairmos de um texto informações que não estão explícitas. Essas informações são descobertas tanto por meio de pistas que o texto apresenta quanto em conhecimentos que o leitor possui. Todavia, não são adivinhações aleatórias; sendo confirmadas ou não, ao final do texto.

Vale ressaltar que a inferência, em alguns contextos, podem gerar problemas de comunicação como boatos na vida profissional ou pessoal. Como no exemplo abaixo:

*Joana está namorando de novo.*

Infere-se a partir da afirmação acima que Joana tinha um relacionamento que não deu certo e agora está namorando outra pessoa. Ou, uma possibilidade com intenção de boato, foca seria inferir que ela está sempre mudando de namorado.

*Vamos ativar nos conhecimentos realizando as atividades abaixo!*

### Atividades – Inferências

1) As frases abaixo apresentam informações que não estão explícitas, mas que conseguimos inferir por meio de elementos do texto ou conhecimentos prévios. Identifique as informações que podem ser inferidas pelo leitor.

a) Amiga, será que daria para você trazer o meu CD amanhã?

---

*1 - A amiga pegou o CD emprestado; 2- A amiga pegou o CD emprestado e elas não estavam conseguindo se encontrar para a devolução; 3 – As amigas irão se encontrar e a dona do CD vai aproveitar a oportunidade para pegá-lo.*

b) “E você é simpático” (moça respondendo a um elogio feito por um admirador).

---

*A moça não acha o rapaz bonito.*

c) “Filho, leve o guarda-chuva” (mãe).

---

*A mãe indica ao filho que o dia está com tendência de chuva.*

Leia a tirinha abaixo para responder às questões 2 a 4.



2) Com base na leitura acima, infere-se que:

(a) o marido foi promovido no trabalho.

- (b) o marido encontra-se morto. **X**
- (c) o marido fez uma cirurgia plástica.
- (d) o marido mudou de profissão.

3) Agora que você já escolheu a alternativa acima, justifique sua escolha.

---

---

*Resposta: Espera-se que os alunos associem conhecimentos prévios acerca do significado da palavra “nugets” para compreender as duas questões. Chegando, assim, a conclusão de que por serem frangos, virar nugets representa abater o frango e transformá-lo em um produto para consumo.*

4) No trecho “Bom, senhora, lamento informar mas...”, a palavra “lamento” traz antecipações sobre a notícia a ser dada? Justifique.

---

---

*Resposta: Mais uma vez, espera-se que os alunos ativem conhecimentos prévios para inferir o sentido da palavra “lamento”, confirmando-os no quadrinho seguinte. Logo a resposta adequada seria: Sim, pois a palavra “lamento” nos faz lembrar de algum acontecimento negativo, triste.*



## APÊNDICE 2 – Proposta de atividade: SEÇÃO I – Atividade 2

Nome: \_\_\_\_\_

### 2. Descrição Física e Psicológica nas narrativas

Ao estudarmos as narrativas, percebemos que há momentos em que se faz necessária a descrição do ambiente e dizer como os personagens são fisicamente e psicologicamente e

**a) a física:** opta-se por fazer uma descrição objetiva ou subjetiva do objeto ou ser analisado; as características externas são priorizadas como altura, cor, peso, traços, idade.

*Ex.: Não podia deixar de notar aquela beleza que passava na rua: alta, loira, olhos verdes, vestido justo e aparentando uns 25 anos.*

**b) psicológica:** ocupa-se em descrever os aspectos mentais e emocionais como comportamento, a personalidade, o temperamento, o caráter.

*Ex.: Inquieta. Era assim que passava o tempo a olhar na janela. Se fossem cumprimentá-la, resmungava e ficava toda emburrada.*

criarmos representações que nos possibilitarão entender com mais clareza a trama na qual estamos diante. Dessa forma, podemos usar dois tipos de descrição:

Vejamos outros exemplos:

*Ana era a mais baixinha da turma. Com 1, 50 de altura, metia-se no seu casacão preto com listras prateadas e ninguém podia com ela.* (descrição física)

*O que mais me encantava nele era sua doçura, companheirismo e alegre em viver mesmo diante de tantas dificuldades.* (descrição psicológica)

*Agora, que você aprendeu a diferença entre descrição física e psicológica, vamos exercitar!*

“Ela era gorda, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter; um pai dono de livraria.

[...]

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres”.

(Lispector, Clarice. Felicidade clandestina. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 7-10)

### **Atividades – Descrição física e psicológica**

Leia atentamente o texto abaixo para responder à questão 1.

1) No fragmento apresentado, o narrador nos traça o perfil físico e psicológico da personagem. De acordo com o estudo:

a) identifique três características físicas do personagem.

---

*Gabarito: “Ela era gorda, sardenta e de cabelos excessivamente crespos”; “Tinha um busto enorme”, cabelos meio arruivados.*

b) identifique duas características psicológicas do personagem.

---

*Gabarito: “Mas que talento tinha para a crueldade” e “Ela toda era pura vingança”.*

c) o fragmento apresenta a descrição do personagem em dois parágrafos. O que se destaca em cada um deles?

---

*Gabarito: No 1º parágrafo destaca-se a descrição física do personagem em relação às demais. (“Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas”);  
No 2º parágrafo destaca-se a descrição psicológica da personagem ruiva dentro do grupo no qual ela fazia parte.*

2) Para cada palavra abaixo, crie uma frase utilizando descrição física e psicológica.

a) namorada (o):

b) estante:

*(Há várias possibilidades de respostas. O professor deve atentar para o uso das descrições mencionadas).*

### APÊNDICE 3 – SEÇÃO II: Atividade 1

Nome: \_\_\_\_\_

#### Seção II: Recuperando e/ ou construindo o conceito de conto de mistério

##### Atividade 1

**Duração:** 2 tempos

**Conto:** O conto se apresenta

**Autor:** Moacyr Scliar

- *Você sabe quem foi esse autor?*

Moacyr Jaime Scliar nasceu em Porto Alegre, no dia 23 de março de 1937. Formou-se em Medicina, na década de 70, em Israel. Além disso, publicou mais de 70 livros, divididos em romances, coletâneas de contos, crônicas, literatura, infanto-juvenil e ensaios. Conquistou diversos prêmios literários como, por exemplo, três prêmios Jabuti.

(Site: Educação.uol.com.br/biografias)

*Agora, vamos à leitura!*

#### O conto se apresenta

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me enxergar. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer assim, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala dos livros que você lê.

Não fique tão surpreso assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhos amigos. Você já me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, do Saci-Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que eu vou fazer agora, em homenagem a você. E começo me apresentando: eu sou o Conto. Sabe o conto de fadas, o conto de mistério? Sou eu. O Conto.

Vejo que você ficou curioso. Quer saber coisas sobre mim. Por exemplo, qual a minha idade.

Devo lhe dizer que sou muito antigo. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. Faça o seguinte: feche os olhos e imagine uma cena, uma cena que se passou há muitos milhares de anos. É de noite e uma tribo dos nossos antepassados, aqueles que viviam nas cavernas, está sentada em redor da fogueira. Eles têm medo do escuro, porque no escuro estão as feras que os ameaçam, aqueles enormes tigres, e outras mais. Então alguém olha para a lua e pergunta: por que é que às vezes a lua desaparece? Todos se voltam para um homem velho, que é uma espécie de guru para eles. Esperam que o homem dê a resposta. Mas ele não sabe o que responder. E então eu apareço. Eu, o Conto. Surjo lá da escuridão e, sem que ninguém note, falo baixinho ao ouvido do velho:

– Conte uma história para eles.

E ele conta. É uma história sobre um grande tigre que anda pelo céu e que de vez em quando come a lua. E a lua some. Mas a lua não é uma coisa muito boa para comer, de modo que lá pelas tantas o grande tigre bota a lua para fora de novo. E ela aparece no céu, brilhante.

Todos escutam o conto. Todo mundo: homens, mulheres, crianças. Todos estão encantados. E felizes: antes, havia um mistério: por que a lua some? Agora, aquele mistério não existe mais. Existe uma história que fala de coisas que eles conhecem: tigre, lua, comer – mas fala como essas coisas poderiam ser, não como elas são. Existe um conto. As pessoas vão lembrar esse conto por toda a vida. E quando as crianças da tribo crescerem e tiverem seus próprios filhos, vão contar a história para explicar a eles por que a lua some de vez em quando. Aquele conto.

No começo, portanto, é assim que eu existo: quando as pessoas falam em mim, quando as pessoas narram histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas. Histórias que atravessam os tempos, que duram séculos. Como eu.

Aí surge a escrita. Uma grande invenção, a escrita, você não concorda? Com a escrita, eu não existo mais somente como uma voz. Agora estou ali, naqueles sinais chamados letras, que permitem que pessoas se comuniquem, mesmo à distância. E aquelas histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas – vão aparecer em forma de palavra escrita.

E é neste momento que eu tenho uma grande ideia. Uma inspiração, vamos dizer assim. Você sabe o que é inspiração? Inspiração é aquela descoberta que a gente faz de repente, de repente tem uma ideia muito boa. A inspiração não vem de fora, não; não é uma coisa misteriosa que entra na nossa cabeça. A boa ideia já estava dentro de nós; só que a gente não sabia. A gente tem muitas boas ideias, pode crer.

E então, com aquela boa ideia, chego perto de um homem ainda jovem. Ele não me vê. Como você não me vê. Eu me apresento, como me apresentei a você, digo-lhe que estou ali com uma missão especial – com um pedido:

– Escreva uma história.

Num primeiro momento, ele fica surpreso, assim como você ficou. Na verdade, ele já havia pensado nisso, em escrever uma história. Mas tinha dúvidas: ele, escrever uma história? Como aquelas histórias que todas as pessoas contavam e que vinham de um passado? Ele, escrever uma história? E assinar seu próprio nome? Será que pode fazer isso? Dou força:

– Vá em frente, cara. Escreva uma história. Você vai gostar de escrever. E as pessoas vão gostar de ler.

Então ele senta, e escreve uma história. É uma história sobre uma criança, uma história muito bonita. Ele lê o que escreveu. Nota que algumas coisas não ficaram muito bem. Então escreve de novo. E de novo. E mais uma vez. E aí, sim, ele gosta do que escreveu. Mostra para outras pessoas, para os amigos, para a namorada. Todos gostam, todos se emocionam com a história.

E eu vou em frente. Procuo uma moça muito delicada, muito sensível. Mesma coisa:

– Escreva uma história.

Ela escreve. E assim vão surgindo escritores. Os contos deles aparecem em jornais, em revistas, em livros. Já não são histórias sobre deuses, sobre criaturas fantásticas. Não, são histórias sobre gente comum – porque as histórias sobre as pessoas comuns muitas vezes são mais

interessantes do que histórias sobre deuses e criaturas fantásticas: até porque deuses e criaturas fantásticas podem ser inventados por qualquer pessoa. O mundo da nossa imaginação é muito grande. Mas a nossa vida, a vida de cada dia, está cheia de emoções. E onde há emoção, pode haver conto. Onde há gente que sabe usar as palavras para emocionar pessoas, para transmitir ideias, existem escritores.

Alguns deles – grandes escritores – você vai conhecer agora. O José Paulo Paes, que já morreu, escrevia poemas, escrevia artigos, escrevia contos... Ele adorava crianças e adorava palavras: e, por causa disso, escreveu “A Revolta das Palavras”. Você já imaginou isso, as palavras se revoltando? Pois é. Se o Conto pode falar, as palavras podem se revoltar, não é verdade? Isso é o que José Paulo Paes diz. E depois tem o Milton Hatoum. Ele é do Norte, de Manaus. E escreve uma linda história que se passa em Xapuri, no Acre. E o Marcelo Coelho, que é jornalista, fala sobre o primeiro dia na escola. Lembram disso? Lembram do primeiro dia na escola? O Marcelo vai ajudar vocês a lembrar. Já o Drauzio Varella é médico, um grande médico que é também escritor. Mas os médicos, e os escritores, também tiveram infância, também fizeram travessuras, e é disso que o Drauzio vai falar para vocês.

E, já que eles estão aqui, posso ir embora, porque agora vocês estão em muito boa companhia. Vou em busca de outros garotos e outras garotas. Para quem vou me apresentar:

– Eu sou o Conto.

Fonte: Scliar, Moacyr. O conto se apresenta. *Era uma vez um conto*. São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2002.

*O texto que acabamos de ler é um conto. Vamos relembrar o que é esse gênero!*

## **Conceituando...**

*Assim o conto apresenta-se como uma narrativa curta cuja característica principal é a brevidade. Logo, o tempo e o espaço têm de estar como que condensados para darem conta dos acontecimentos que se configurarão dentro da trama. A forma como a história será contada fica a critério de cada autor, podendo variar bastante quanto à temática, como tratar de assuntos banais do ser humano e, até mesmo, sentimentos que estão para além da lógica racional.*

*Nesse gênero as descrições devem estar voltadas para ampliar a intensidade da trama na qual os leitores/ouvintes estarão diante. O enredo se organiza em torno de um único conflito, devido à sua própria noção de limite. Logo, o contista utilizará desde as primeiras palavras ou cenas uma tensão que levará o leitor a preencher as lacunas que, por ventura, ficaram ausentes naquele texto.*

*Assim, os acontecimentos estruturaram-se a partir do conflito gerador, do clímax e desfecho. Após a descrição do espaço e personagens, o conflito é o momento em que surge*

*um fato novo na história. Esse fato pode ocorrer entre duas ou mais personagens ou entre o protagonista e forças externas etc. A partir disso, o conflito vai se desenvolvendo de modo a criar uma tensão, ou seja, o leitor vai sendo envolvido naquela atmosfera narrada, buscando encontrar respostas para aquilo que lentamente lhe é contado. Essa busca por explicações torna-se cada vez mais intensa de forma a atingir seu ápice e é nesse momento que ocorre o clímax. Por fim, a etapa final, o desfecho, que configura o final da narrativa.<sup>16</sup>*

---

<sup>16</sup> Definição pautada em Teoria do conto de Nádya Batella Gotlib e na dissertação de Iara Lopes Maiolini.

## APÊNDICE 4 – SEÇÃO II: Atividade 2

Nome: \_\_\_\_\_

### **Atividade 2**

**Duração:** 2 tempos

**Conto:** Conto de mistério

**Autor:** Sérgio Porto - Stanislaw Ponte Preta

- *Você sabe quem foi esse autor?*

Stanislaw Ponte Preta é o pseudônimo do escritor **Sérgio Porto**, um jornalista, cronista e redator de programas para a televisão. Antes da profissão de escritor, Porto foi também bancário. Como redator, demonstrava cuidado com as palavras, colocava muitas informações no texto.

Irreverente, Sérgio Porto retratava o Rio de Janeiro em suas obras. O estilo sarcástico era revelado nas obras assinadas por Stanislaw Ponte Preta, assim como o humor amargo, a linguagem pessoal e coloquial. Como o autor era um homem de muita cultura, a leveza que colocava no texto era elaborada e as frases eram bem trabalhadas. A crítica à ditadura militar também veio em forma de humor, característica muito presente nas obras assinadas por Ponte Preta.

(<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/autores/stanislaw-ponte-preta.html>)

### **Antes da leitura...**

(Professor, essa atividade prévia pode ser realizada de forma oral ou escrita.)

1. O conto que você lerá chama-se “Conto de mistério”. Você sabe o que é mistério?
2. O que, provavelmente, acontecerá na história para que ela tenha recebido esse título?

### Conto de mistério

Com a gola do paletó levantada e a aba do chapéu abaixada, caminhando pelos cantos escuros, era impossível a qualquer pessoa que cruzasse ver seu rosto. No local combinado, parou e fez o sinal que tinham já estipulado à guisa de senha. Parou debaixo do poste, acendeu um cigarro e soltou a fumaça em três baforadas compassadas. Imediatamente, um sujeito mal – encarado, que se encontrava no café em frente, ajeitou a gravata e cuspiu de banda.

Era aquele. Atravessou cautelosamente a rua, entrou no café e pediu um guaraná. O outro sorriu e se aproximou:

- Siga-me! – Foi a ordem dada com voz cava. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num beco úmido e mal iluminado, e ele – a uma distância de uns dez a doze passos – entrou também.

Ali parecia não haver ninguém. O silêncio era sepulcral. Mas o homem que ia na frente olhou em volta, certificou-se de que não havia ninguém de tocaia e bateu numa janela. Logo uma dobradiça gemeu e a porta abriu-se discretamente.

Entraram os dois e deram numa sala pequena e enfumaçada onde, no centro, via-se uma mesa cheia de pacotes. Por trás dela, um sujeito de barba crescida, roupas humildes e ar de agricultor parecia ter medo do que ia fazer. Não hesitou – porém – quando o homem que entrara na frente apontou para o que entrara em seguida e disse:

- É este.

O que estava por trás da mesa pegou um dos pacotes e entregou ao que falara. Este passou o pacote para o outro e perguntou se trouxera o dinheiro. Um aceno de cabeça foi a resposta. O que entrara com ele disse que ficaria ali.

Saiu então sozinho, caminhando rente às paredes do beco. Quando alcançou uma rua mais clara, assoviou para um táxi que passava e mandou tocar a toda pressa para determinado endereço. O motorista obedeceu, e, meia hora depois, entrava em casa a berrar para a mulher:

- Julieta! Ó Julieta... Consegui.

A mulher veio lá de dentro enxugando as mãos em um avental, a sorrir de felicidade. O marido colocou o pacote sobre a mesa, num ar triunfal. Ela abriu o pacote e verificou que o marido conseguira mesmo. Ali estava: um quilo de feijão.

(Stanislaw Ponte Preta)

1. O conto inicia-se com a descrição de um personagem.

a) Como esse personagem é descrito?

---

---

*Gabarito: “Com a gola do paletó levantada e a aba do chapéu abaixada”; era impossível ver seu rosto.*



b) Pela descrição feita no 1º parágrafo, quais aspectos podemos inferir sobre o comportamento dele?

---

---

*Gabarito: Pode-se inferir que o personagem não queria ser reconhecido ou visto por ninguém.*

2. Onde se passa a história? A descrição feita sobre o local contribui para criar suspense no leitor?

---

---

*Gabarito: A história se passa em vários locais, porém, nota-se que os ambientes são sempre escuros, silenciosos e com poucas pessoas na rua.*

3. Com base nas definições abaixo, transcreva aquela que melhor expressa o sentido da palavra *mistério* no texto. Em seguida, discorra sobre essa escolha elencando com aspectos da narrativa.

**Mistério.** 1. Objeto de fé ou dogma religioso, impenetrável à razão humana. 2. Tudo que a inteligência humana é incapaz de explicar ou compreender. 3. Coisa ou elemento oculto ou obscuro. (Minidicionário Aurélio, 2001)

*Gabarito: A terceira definição é a que melhor se adequa ao conto, uma vez que desde o seu início a descrição da personagem leva-nos a achar que a ação a ser executada por ele não poderá levantar suspeitas; precisando passar por despercebido. Por exemplo, “Com a gola do paletó levantada e a aba do chapéu abaixada, caminhando pelos cantos escuros, era impossível a qualquer pessoa que cruzasse ver seu rosto”.*

4. O mistério predomina neste texto com a intenção de cativar o leitor. Pensando nisso, indique três elementos do primeiro parágrafo que ajudam o autor a criar esse clima misterioso.

---

---

*Gabarito: “cantos escuros”, “gola do paletó levantada” e “aba do chapéu abaixada”.*

5. Sobre os personagens.

a) O conto possui quantos personagens?

---

*Gabarito: cinco*

b) Exceto a personagem Julieta, ao se referir aos demais personagens, o narrador cita-os por meio de nomes próprios?

---

*Gabarito: Não.*

c) Que recursos linguísticos (pronomes, substantivos, advérbios, verbos, etc.) são utilizados para fazer referência a esses personagens? Transcreva três exemplos.

---

---

*Gabarito: substantivo (“sujeito”; “marido”); pronome (“aquele”);*

*(Há outras possibilidades de respostas além dessas.)*

6. Atente às afirmativas:

- I. O mistério da narrativa se manifesta nas ações das personagens e na descrição dos ambientes em que elas se movimentam.
- II. Ao sair da casa misteriosa, o homem de chapéu parecia amedrontado.
- III. O mistério do conto lido só é desvendado no final. No momento em que o autor desvenda esse mistério, dá-se o desfecho.

Assinale a alternativa corretas:

- a) Apenas I e II estão corretas.
- b) Apenas I e III estão corretas.
- c) Apenas II e III estão corretas.
- d) I, II e III estão corretas. **X**

Justificativa: \_\_\_\_\_

---

*Gabarito: As três assertivas encontram-se corretas. A primeira pode ser recuperada na descrição física do local e personagens (“canto escuro”, “beco”, “gola do paletó levantando”). A segunda é confirmada devido à forma como o homem passa a andar ao sair da casa, “caminhando rente às paredes do beco”. Por fim, o mistério só é revelado na última linha do conto.*

7. Como você já deve ter percebido, o autor do texto faz uso de vocabulário específico para criar o mistério/suspense, como, por exemplo, adjetivos (que são palavras que expressam qualidade ou característica de um ser). Preencha o quadro abaixo com os adjetivos e os substantivos a que se referem, sublinhando o termo modificante, como no exemplo.

Personagens:	sujeito <u>mal-encarado</u> / aba <u>abaixada</u> / roupas <u>humildes</u> barba <u>crescida</u>
Local:	<u>Debaixo</u> do poste; Sala pequena; Cantos <u>escuras</u> ; Beco <u>úmido</u> e <u>mal-iluminado</u> .

8. Na frase “O silêncio era **sepulcral**”. Qual o significado da palavra destacada?

---

*Gabarito: O silêncio era fúnebre; sombrio; igual de cemitério. (Espera-se que o aluno associe a palavra destacada às palavras de mesmo campo semântico como: sepulcro, sepultura para relacionar ao contexto em que foi inserida)*

9. Assinale a alternativa correta:

- a) O texto mostra a pobreza e a dificuldade da vida enfrentada pelos que trabalham no campo.
- b) O texto representa de maneira ficcional, a dificuldade de sobrevivência do homem brasileiro no que se refere à alimentação. **X**
- c) O texto destaca que as dificuldades da vida só podem ser superadas com muito esforço e trabalho.
- d) .O texto procura discutir com o leitor os problemas econômicos que envolvem a compra de alimentos.

Justificativa:

---

*Essa alternativa é a correta, pois o personagem principal aparenta ter boas condições econômicas pelas roupas descritas e, ao final, pega um táxi para chegar em casa; mostrando a dificuldade do brasileiro independente da classe social encontra dificuldades para sobreviver e, principalmente, se alimentar.*

10. Para compreender os momentos que estruturam o conto, leia os quadros que se seguem e indique o parágrafo de cada um deles, analisando o conto “Conto de mistério”.

<b>Momentos da narrativa</b>		<b>Parágrafo(s)</b>
<b>1- Situação inicial (ou apresentação)</b>	Geralmente, o início do texto de base narrativa, em que podem ser apresentados os elementos da narrativa (espaço, tempo, personagens), situando o leitor.	1º e 2º
<b>Complicação</b>	<b>2- Conflito gerador</b> (Momento em que surge um fato novo que muda o rumo da história.)	3º ao 6º
	<b>3- Clímax</b> (Momento culminante, de maior tensão da história.)	7º

## APÊNDICE 4 – SEÇÃO II: Atividade 3

Nome: \_\_\_\_\_

### Aula 2

**Duração:** 2 tempos

**Conto:** O gato preto

**Autor:** Edgar Allan Poe

- *Você sabe quem foi esse autor?*

Poe nasceu em 1809 e morreu em 1849. Sua obra é vasta em qualidade artística e transita por diversos gêneros. O autor escreveu desde poemas até novelas, porém os contos são considerados a parte mais relevante de sua obra. "Crimes na rua Morgue", *short story* de sua autoria, inaugura, em 1841, o gênero policial. No entanto, o autor norte-americano pode ser considerado um escritor fantástico antes de ser contista policial, pois suas obras vão muito além de tramitações de crimes. Os crimes de Edgar Allan Poe costumam ser envoltos em situações sobrenaturais, enigmáticas e misteriosas; causando hesitação, curiosidade e aguçando a perspicácia de seus leitores.

(Site: Nova escola)

Agora que já conhecemos um pouco sobre o autor, leremos um de seus contos mais famosos!

*(Professor, é importante estimular os alunos a se interessarem pelo texto. Para isso, atividades pré-leitura são essenciais. Esse momento pode ser realizado oralmente ou escrito)*

- O título do conto é “O gato preto”. O que a escolha de um animal dessa cor, pode nos sugerir sobre a narrativa?
- Vocês conhecem algumas superstições sobre gatos pretos?

*(Os alunos, neste momento, recuperarão conhecimentos relacionados ao contexto sociocultural presentes nos “causos”, textos e filmes.)*

*Agora, vamos á leitura!*

## **O GATO PRETO / EDGAR ALLAN POE**

Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto, bastante doméstica que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda a certeza, não sonho. Mas amanhã morro e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito. Meu propósito imediato é apresentar ao mundo, clara e sucintamente, mas sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Devido a suas consequências, tais acontecimentos me aterrorizaram, torturaram e destruíram.

No entanto, não tentarei esclarecê-los. Em mim, quase não produziram outra coisa senão horror — mas, em muitas pessoas, talvez lhes pareçam menos terríveis que grotesco. Talvez, mais tarde, haja alguma inteligência que reduza o meu fantasma a algo comum — uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que, a minha, que percebe, nas circunstâncias a que me refiro com terror, nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais.

Desde a infância, tornaram-se patentes a docilidade e o sentido humano de meu caráter. A ternura de meu coração era tão evidente, que me tomava alvo dos gracejos de meus companheiros. Gostava, especialmente, de animais, e meus pais me permitiam possuir grande variedade deles. Passava com eles quase todo o meu tempo, e jamais me sentia tão feliz como quando lhes dava de comer ou os acariciava. Com os anos, aumentou esta peculiaridade de meu caráter e, quando me tomei adulto, fiz dela uma das minhas principais fontes de prazer. Aos que já sentiram afeto por um cão fiel e sagaz, não preciso dar-me ao trabalho de explicar a natureza ou a intensidade da satisfação que se pode ter com isso. Há algo, no amor desinteressado, e capaz de sacrifícios, de um animal, que toca diretamente o coração daqueles que tiveram ocasiões frequentes de comprovar a amizade mesquinha e a frágil fidelidade de um simples homem.

Casei cedo, e tive a sorte de encontrar em minha mulher disposição semelhante à minha. Notando o meu amor pelos animais domésticos, não perdia a oportunidade de arranjar as espécies mais agradáveis de bichos. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um cão, coelhos, um macaquinho e um gato.

Este último era um animal extraordinariamente grande e belo, todo negro e de espantosa sagacidade. Ao referir-se à sua inteligência, minha mulher, que, no íntimo de seu coração, era um tanto supersticiosa, fazia frequentes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas. Não que ela se referisse seriamente a isso: menciono o fato apenas porque aconteceu lembrar-me disso neste momento.

Pluto — assim se chamava o gato — era o meu preferido, com o qual eu mais me distraía. Só eu o alimentava, e ele me seguia sempre pela casa. Tinha dificuldade, mesmo, em impedir que me acompanhasse pela rua.

Nossa amizade durou, desse modo, vários anos, durante os quais não só o meu caráter como o meu temperamento — enrubesço ao confessá-lo — sofreram, devido ao demônio da intemperança, uma modificação radical para pior. Tomava-me, dia a dia, mais taciturno, mais irritadiço, mais indiferente aos sentimentos dos outros.

Sofria ao empregar linguagem desabrida ao dirigir-me à minha mulher. No fim, cheguei mesmo a tratá-la com violência. Meus animais, certamente, sentiam a mudança operada em meu caráter. Não apenas não lhes dava atenção alguma, como, ainda, os maltratava. Quanto a Pluto, porém, ainda despertava em mim consideração suficiente que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não sentia escrúpulo algum em maltratar os coelhos, o macaco e mesmo o cão, quando, por acaso ou afeto, cruzavam em meu caminho. Meu mal, porém, ia tomando conta de mim — que outro mal pode se comparar ao álcool? — e, no fim, até Pluto, que começava agora a envelhecer e, por conseguinte, se tornara um tanto rabugento, até mesmo Pluto começou a sentir os efeitos de meu mau humor.

Certa noite, ao voltar a casa, muito embriagado, de uma de minhas andanças pela cidade, tive a impressão de que o gato evitava a minha presença. Apanhei-o, e ele, assustado ante a minha violência, me feriu a mão, levemente, com os dentes. Uma fúria demoníaca apoderou-se, instantaneamente, de mim. Já não sabia mais o que estava fazendo. Dir-se-ia que, súbito, minha alma abandonara o corpo, e uma perversidade mais do que diabólica, causada pela genebra, fez vibrar todas as fibras de meu ser. Tirei do bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos! Enrubesco, estremeço, abraso-me de vergonha, ao referir-me, aqui, a essa abominável atrocidade.

Quando, com a chegada da manhã, voltei à razão — dissipados já os vapores de minha orgia noturna —, experimentei, pelo crime que praticara, um sentimento que era um misto de horror e remorso; mas não passou de um sentimento superficial e equívoco, pois minha alma permaneceu impassível. Mergulhei novamente em excessos, afogando logo no vinho a lembrança do que acontecera.

Entrementes, o gato se restabeleceu, lentamente. A órbita do olho perdido apresentava, é certo, um aspecto horrendo, mas não parecia mais sofrer qualquer dor. Passeava pela casa como de costume, mas, como bem se poderia esperar, fugia, tomado de extremo terror, à minha aproximação. Restava-me ainda o bastante de meu antigo coração para que, a princípio, sofresse com aquela evidente aversão por parte de um animal que, antes, me amara tanto. Mas esse sentimento logo se transformou em irritação. E, então, como para perder-me final e irremissivelmente, surgiu o espírito da perversidade. Desse espírito, a filosofia não toma conhecimento. Não obstante, tão certo como existe minha alma, creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano — uma das faculdades, ou sentimentos primários, que dirigem o caráter do homem. Quem não se viu, centenas de vezes, a cometer ações vis ou estúpidas, pela única razão de que sabia que não devia cometê-las? Acaso não sentimos uma inclinação constante mesmo quando estamos no melhor do nosso juízo, para violar aquilo que é lei, simplesmente porque a compreendemos como tal? Esse espírito de perversidade, digo eu, foi a causa de minha queda final. O vivo e insondável desejo da alma de atormentar-se a si mesma, de violentar sua própria natureza, de fazer o mal pelo próprio mal, foi o que me levou a continuar e, afinal, a levar a cabo o suplício que infligira ao inofensivo animal. Uma manhã, a sangue frio, meti-lhe um nó corredo em torno do pescoço e enforquei-o no galho de uma árvore. Fi-lo com os olhos cheios de lágrimas, com o coração transbordante do mais amargo remorso. Enforquei-o porque sabia que ele me amara, e porque reconhecia que não me dera motivo algum para que me voltasse contra ele. Enforquei-o porque sabia que estava

cometendo um pecado — um pecado mortal que comprometia a minha alma imortal, afastando-a, se é que isso era possível, da misericórdia infinita de um Deus infinitamente misericordioso e infinitamente terrível.

Na noite do dia em que foi cometida essa ação tão cruel, fui despertado pelo grito de "fogo!". As cortinas de minha cama estavam em chamas. Toda a casa ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi completa. Todos os meus bens terrenos foram tragados pelo fogo, e, desde então, me entreguei ao desespero.

Não pretendo estabelecer relação alguma entre causa e efeito - entre o desastre e a atrocidade por mim cometida. Mas estou descrevendo uma sequência de fatos, e não desejo omitir nenhum dos elos dessa cadeia de acontecimentos. No dia seguinte ao do incêndio, visitei as ruínas. As paredes, com exceção de uma apenas, tinham desmoronado. Essa única exceção era constituída por um fino tabique interior, situado no meio da casa, junto ao qual se achava a cabeceira de minha cama. O reboco havia, aí, em grande parte, resistido à ação do fogo — coisa que atribuí ao fato de ter sido ele construído recentemente. Densa multidão se reunira em torno dessa parede, e muitas pessoas examinavam, com particular atenção e minuciosidade, uma parte dela. As palavras "estranho!", "singular!", bem como outras expressões semelhantes, despertaram-me a curiosidade. Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem era de uma exatidão verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em torno do pescoço do animal.

Logo que vi tal aparição — pois não poderia considerar aquilo como sendo outra coisa — , o assombro e terror que se me apoderaram foram extremos. Mas, finalmente, a reflexão veio em meu auxílio. O gato, lembrei-me, fora enforcado num jardim existente junto à casa. Aos gritos de alarma, o jardim fora imediatamente invadido pela multidão. Alguém deve ter retirado o animal da árvore, lançando-o, através de uma janela aberta, para dentro do meu quarto. Isso foi feito, provavelmente, com a intenção de despertar-me. A queda das outras paredes havia comprimido a vítima de minha crueldade no gesso recentemente colocado sobre a parede que permanecera de pé. A cal do muro, com as chamas e o amoníaco desprendido da carcaça, produzira a imagem tal qual eu agora a via.

Embora isso satisfizesse prontamente minha razão, não conseguia fazer o mesmo, de maneira completa, com minha consciência, pois o surpreendente fato que acabo de descrever não deixou de causar-me, apesar de tudo, profunda impressão. Durante meses, não pude livrar-me do fantasma do gato e, nesse espaço de tempo, nasceu em meu espírito uma espécie de sentimento que parecia remorso, embora não o fosse. Cheguei, mesmo, a lamentar a perda do animal e a procurar, nos sórdidos lugares que então freqüentava, outro bichano da mesma espécie e de aparência semelhante que pudesse substituí-lo.

Uma noite, em que me achava sentado, meio aturdido, num antro mais do que infame, tive a atenção despertada, subitamente, por um objeto negro que jazia no alto de um dos enormes barris, de genebra ou rum, que constituíam quase que o único mobiliário do recinto. Fazia já alguns minutos que olhava fixamente o alto do barril, e o que então me surpreendeu foi não ter visto antes o que havia sobre o mesmo. Aproximei-me e toquei-o com a mão. Era um gato preto, enorme — tão grande quanto Pluto — e que, sob todos os aspectos, salvo um, se assemelhava a



ele. Pluto não tinha um único pêlo branco em todo o corpo — e o bichano que ali estava possuía uma mancha larga e branca, embora de forma indefinida, a cobrir-lhe quase toda a região do peito.

Ao acariciar-lhe o dorso, ergueu-se imediatamente, ronronando com força e esfregando-se em minha mão, como se a minha atenção lhe causasse prazer. Era, pois, o animal que eu procurava. Apressei-me em propor ao dono a sua aquisição, mas este não manifestou interesse algum pelo felino. Não o conhecia; jamais o vira antes.

Continuei a acariciá-lo e, quando me dispunha a voltar para casa, o animal demonstrou disposição de acompanhar-me. Permiti que o fizesse — detendo-me, de vez em quando, no caminho, para acariciá-lo. Ao chegar, sentiu-se imediatamente à vontade, como se pertencesse a casa, tomando-se, logo, um dos bichanos preferidos de minha mulher.

De minha parte, passei a sentir logo aversão por ele. Acontecia, pois, justamente o contrário do que eu esperava. Mas a verdade é que - não sei como nem por quê — seu evidente amor por mim me desgostava e aborrecia. Lentamente, tais sentimentos de desgosto e fastio se converteram no mais amargo ódio. Evitava o animal. Uma sensação de vergonha, bem como a lembrança da crueldade que praticara, impediam-me de maltratá-lo fisicamente. Durante algumas semanas, não lhe bati nem pratiquei contra ele qualquer violência; mas, aos poucos - muito gradativamente — , passei a sentir por ele inenarrável horror, fugindo, em silêncio, de sua odiosa presença, como se fugisse de uma peste.

Sem dúvida, o que aumentou o meu horror pelo animal foi a descoberta, na manhã do dia seguinte ao que o levei para casa, que, como Pluto, também havia sido privado de um dos olhos. Tal circunstância, porém, apenas contribuiu para que minha mulher sentisse por ele maior carinho, pois, como já disse, era dotada, em alto grau, dessa ternura de sentimentos que constituía, em outros tempos, um de meus traços principais, bem como fonte de muitos de meus prazeres mais simples e puros.

No entanto, a preferência que o animal demonstrava pela minha pessoa parecia aumentar em razão direta da aversão que sentia por ele. Seguia-me os passos com uma pertinácia que dificilmente poderia fazer com que o leitor compreendesse. Sempre que me sentava, enrodilhava-se embaixo de minha cadeira, ou me saltava ao colo, cobrindo-me com suas odiosas carícias. Se me levantava para andar, metia-se-me entre as pernas e quase me derrubava, ou então, cravando suas longas e afiadas garras em minha roupa, subia por ela até o meu peito. Nessas ocasiões, embora tivesse ímpetos de matá-lo de um golpe, abstinha-me de fazê-lo devido, em parte, à lembrança de meu crime anterior, mas, sobretudo — apresso-me a confessá-lo — , pelo pavor extremo que o animal me despertava.

Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico e, contudo, não saberia defini-lo de outra maneira. Quase me envergonha confessar — sim, mesmo nesta cela de criminoso — , quase me envergonha confessar que o terror e o pânico que o animal me inspirava eram aumentados por uma das mais puras fantasias que se possa imaginar. Minha mulher, mais de uma vez, me chamara a atenção para o aspecto da mancha branca a que já me referi, e que constituía a única diferença visível entre aquele estranho animal e o outro, que eu enforcara. O leitor, decerto, se lembrará de que aquele sinal, embora grande, tinha, a princípio, uma forma bastante

indefinida. Mas, lentamente, de maneira quase imperceptível — que a minha imaginação, durante muito tempo, lutou por rejeitar como fantasiosa —, adquirira, por fim, uma nitidez rigorosa de contornos. Era, agora, a imagem de um objeto cuja menção me faz tremer... E, sobretudo por isso, eu o encarava como a um monstro de horror e repugnância, do qual eu, se tivesse coragem, me teria livrado. Era agora, confesso, a imagem de uma coisa odiosa, abominável: a imagem da força! Oh, lúgubre e terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte!

Na verdade, naquele momento eu era um miserável — um ser que ia além da própria miséria da humanidade. Era uma besta-fera, cujo irmão fora por mim desdenhosamente destruído... uma besta-fera que se engendrara em mim, homem feito à imagem do Deus Altíssimo. Oh, grande e insuportável infortúnio! Ai de mim! Nem de dia, nem de noite, conheceria jamais a bênção do descanso! Durante o dia, o animal não me deixava a sós um único momento; e, à noite, despertava de hora em hora, tomado do indescritível terror de sentir o hálito quente da coisa sobre o meu rosto, e o seu enorme peso — encarnação de um pesadelo que não podia afastar de mim — pousado eternamente sobre o meu coração!

Sob a pressão de tais tormentos, sucumbiu o pouco que restava em mim de bom. Pensamentos maus converteram-se em meus únicos companheiros — os mais sombrios e os mais perversos dos pensamentos. Minha rabugice habitual se transformou em ódio por todas as coisas e por toda a humanidade — e enquanto eu, agora, me entregava cegamente a súbitos, frequentes e irreprimíveis acessos de cólera, minha mulher - pobre dela! - não se queixava nunca convertendo-se na mais paciente e sofredora das vítimas.

Um dia, acompanhou-me, para ajudar-me numa das tarefas domésticas, até o porão do velho edifício em que nossa pobreza nos obrigava a morar, O gato seguiu-nos e, quase fazendo-me rolar escada abaixo, me exasperou a ponto de perder o juízo. Apanhando uma machadinha e esquecendo o terror pueril que até então contivera minha mão, dirigi ao animal um golpe que teria sido mortal, se atingisse o alvo. Mas minha mulher segurou-me o braço, detendo o golpe. Tomado, então, de fúria demoníaca, liberei o braço do obstáculo que o detinha e cravei-lhe a machadinha no cérebro. Minha mulher caiu morta instantaneamente, sem lançar um gemido.

Realizado o terrível assassinio, procurei, movido por súbita resolução, esconder o corpo. Sabia que não poderia retirá-lo da casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos.

Ocorreram-me vários planos. Pensei, por um instante, em cortar o corpo em pequenos pedaços e destruí-los por meio do fogo. Resolvi, depois, cavar uma fossa no chão da adega. Em seguida, pensei em atirá-lo ao poço do quintal. Mudei de ideia e decidi metê-lo num caixote, como se fosse uma mercadoria, na forma habitual, fazendo com que um carregador o retirasse da casa. Finalmente, tive uma ideia que me pareceu muito mais prática: resolvi emparedá-lo na adega, como faziam os monges da Idade Média com as suas vítimas.

Aquela adega se prestava muito bem para tal propósito. As paredes não haviam sido construídas com muito cuidado e, pouco antes, haviam sido cobertas, em toda a sua extensão, com um reboco que a umidade impedira de endurecer. Ademais, havia uma saliência numa das paredes, produzida por alguma chaminé ou lareira, que fora tapada para que se assemelhasse ao resto da adega. Não duvidei de que poderia facilmente retirar os tijolos naquele lugar, introduzir o corpo e recolocá-los do

mesmo modo, sem que nenhum olhar pudesse descobrir nada que despertasse suspeita.

E não me enganei em meus cálculos. Por meio de uma alavanca, desloquei facilmente os tijolos e tendo depositado o corpo, com cuidado, de encontro à parede interior. Segurei-o nessa posição, até poder recolocar, sem grande esforço, os tijolos em seu lugar, tal como estavam anteriormente. Arranjei cimento, cal e areia e, com toda a precaução possível, preparei uma argamassa que não se podia distinguir da anterior, cobrindo com ela, escrupulosamente, a nova parede. Ao terminar, senti-me satisfeito, pois tudo correria bem. A parede não apresentava o menor sinal de ter sido rebocada. Limpei o chão com o maior cuidado e, lançando o olhar em tomo, disse, de mim para comigo: "Pelo menos aqui, o meu trabalho não foi em vão".

O passo seguinte foi procurar o animal que havia sido a causa de tão grande desgraça, pois resolvera, finalmente, matá-lo. Se, naquele momento, tivesse podido encontrá-lo, não haveria dúvida quanto à sua sorte: mas parece que o esperto animal se alarmara ante a violência de minha cólera, e procurava não aparecer diante de mim enquanto me encontrasse naquele estado de espírito. Impossível descrever ou imaginar o profundo e abençoado alívio que me causava a ausência de tão detestável felino. Não apareceu também durante a noite — e, assim, pela primeira vez, desde sua entrada em casa, consegui dormir tranquila e profundamente. Sim, dormi mesmo com o peso daquele assassinio sobre a minha alma.

Transcorreram o segundo e o terceiro dia — e o meu algoz não apareceu. Pude respirar, novamente, como homem livre. O monstro, aterrorizado fugira para sempre de casa. Não tomaria a vê-lo! Minha felicidade era infinita! A culpa de minha tenebrosa ação pouco me inquietava. Foram feitas algumas investigações, mas respondi prontamente a todas as perguntas. Procedeu-se, também, a uma vistoria em minha casa, mas, naturalmente, nada podia ser descoberto. Eu considerava já como coisa certa a minha felicidade futura.

No quarto dia após o assassinato, uma caravana policial chegou, inesperadamente, a casa, e realizou, de novo, rigorosa investigação. Seguro, no entanto, de que ninguém descobriria jamais o lugar em que eu ocultara o cadáver, não experimentei a menor perturbação. Os policiais pediram-me que os acompanhasse em sua busca. Não deixaram de esquadrinhar um canto sequer da casa. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram novamente ao porão. Não me alterei o mínimo que fosse. Meu coração batia calmamente, como o de um inocente. Andei por todo o porão, de ponta a ponta. Com os braços cruzados sobre o peito, caminhava, calmamente, de um lado para outro. A polícia estava inteiramente satisfeita e preparava-se para sair. O júbilo que me inundava o coração era forte demais para que pudesse contê-lo. Ardia de desejo de dizer uma palavra, uma única palavra, à guisa de triunfo, e também para tomar duplamente evidente a minha inocência.

— Senhores — disse, por fim, quando os policiais já subiam a escada — , é para mim motivo de grande satisfação haver desfeito qualquer suspeita. Desejo a todos os senhores ótima saúde e um pouco mais de cortesia. Diga-se de passagem, senhores, que esta é uma casa muito bem construída... (Quase não sabia o que dizia, em meu insopitável desejo de falar com naturalidade.) Poderia, mesmo, dizer

que é uma casa excelentemente construída. Estas paredes — os senhores já se vão? —, estas paredes são de grande solidez.

Nessa altura, movido por pura e frenética fanfarronada, bati com força, com a bengala que tinha na mão, justamente na parte da parede atrás da qual se achava o corpo da esposa de meu coração.

Que Deus me guarde e livre das garras de Satanás! Mal o eco das batidas mergulhou no silêncio, uma voz me respondeu do fundo da tumba, primeiro com um choro entrecortado e abafado, como os soluços de uma criança; depois, de repente, com um grito prolongado, estridente, contínuo, completamente anormal e inumano. Um uivo, um grito agudo, metade de horror, metade de triunfo, como somente poderia ter surgido do inferno, da garganta dos condenados, em sua agonia, e dos demônios exultantes com a sua condenação.

Quanto aos meus pensamentos, é loucura falar. Sentindo-me desfalecer, cambaleei até à parede oposta. Durante um instante, o grupo de policiais deteve-se na escada, imobilizado pelo terror. Decorrido um momento, doze braços vigorosos atacaram a parede, que caiu por terra. O cadáver, já em adiantado estado de decomposição, e coberto de sangue coagulado, apareceu, ereto, aos olhos dos presentes.

Sobre sua cabeça, com a boca vermelha dilatada e o único olho chamejante, achava-se pousado o animal odioso, cuja astúcia me levou ao assassinio e cuja voz reveladora me entregava ao carrasco.

Eu havia emparedado o monstro dentro da tumba!

### Compreendendo o conto

- No segundo parágrafo, o narrador relata como era sua vida antes dos acontecimentos terríveis. A insistência em falar sobre seu caráter doce e humano e a relação amorosa que mantinha com animais desperta que suspeitas no leitor?
- No segundo parágrafo, o narrador relata como era sua vida antes dos acontecimentos terríveis. A insistência em falar sobre seu caráter doce e humano e a relação amorosa que mantinha com animais desperta que suspeitas no leitor?
- O texto relata a mudança de comportamento do narrador.
  - a) Que transformação marca a trajetória do narrador?
  - b) Que relação estabelecida pelo narrador é associada a essa transformação?
  - c) Qual é o verdadeiro motivo para a mudança de comportamento do narrador?
- O sétimo parágrafo do texto narra uma atrocidade cometida pelo narrador contra o gato Plutão. a) Identifique o marcador temporal usado para introduzir a narração. b) Que maldade foi cometida? c) O que despertou a ira do narrador?

## APÊNDICE 5 – SEÇÃO II: Atividade 4

Nome: \_\_\_\_\_

**Atividade:** 4  
**Duração:** 2 tempos  
**Conto:** A porcelana  
**Autora:** Agatha Christie

- *Você sabe quem foi esse autor?*

Agatha Christie (1890-1976) foi uma escritora inglesa considerada a "Rainha do Crime", aliou uma imaginação brilhante à sua grande habilidade como narradora, para conquistar gerações de público para suas histórias de mistério e suspense. Seus livros já venderam mais de 2 bilhões de exemplares. Quando começa a Primeira Guerra Mundial, ela se alista como voluntária no Exército da Cruz Vermelha. Atuando como enfermeira na Inglaterra, aceita um desafio da irmã: escrever uma história policial em que o leitor não pudesse descobrir a identidade do assassino antes do final da narrativa. Daí surgiu *O Misterioso Caso de Styles*.

- Veja mais em <https://educacao.uol.com.br/biografias/agatha-christie.htm?cmpid=copiaecola>

### Antes da leitura do conto...

- Pense sobre o título do conto que você vai ler, “A porcelana”, e, em seguida, responda:
- Você sabe o que pode significar a palavra **porcelana**?
- O que você supõe que vá acontecer nessa história intitulada “A porcelana”?

*(Os alunos, neste momento, recuperarão conhecimentos prévios relacionados ao significado/uso dessa palavra)*

## A PORCELANA (Agatha Christie)

Era tudo muito simples. Estava então cansada de ter tais expectativas, pois ela sabia que ele não viria mais. Seu olhar foi de dúvida a contemplação e no fim atingiu em cheio o homem que tomava seu depoimento.

O delegado, interessado no que ouvia procurou manter seu olhar firme na depoente.

- E depois daquela conversa, a senhora nunca mais o viu?

- Não. Não achei conveniente. - Respondeu ela sem mostrar dúvida alguma desta vez.

- A senhora sabe se seu ex-marido tinha algum inimigo ou desafeto?

- Além de mim? - Riu-se ela. - Não. Não que eu soubesse. - Completou ao ver o rosto sério do delegado.

O delegado apoiou os braços sobre a mesa e uniu as mãos em atitude apaziguadora.

- Espero que a senhora possa entender a razão de estar aqui...

- Entendi sim, delegado. - Interrompeu-lhe brusca e inadvertidamente. - Meu ex-marido está desaparecido e não é segredo para ninguém que não nos dávamos bem, apesar de eu querer uma reconciliação, mas ele insistiu com aquela vagabunda! Destruíu minha vida, meu amor próprio desfilando com ela em frente à nossa casa para todos verem! A casa que nós dois construímos juntos! O senhor é que não pode entender a razão de eu estar aqui... - Neste momento, as lágrimas rolaram densas, enevoando os olhos amendoados.

O que se podia fazer? Ele, um homem da lei, só podia solicitar um copo d'água com açúcar e esperar que a dona se acalmasse. Até ali não tinha olhado bem ela. A bem da verdade, nela não tinha muito que se olhar. Uma dona de casa chegando aos quarenta não muito conservada, daquelas com cheiro de alho e cebola nas mãos e nas roupas, manchas brancas de desinfetante. As dela, até que estavam bem manchadas, como se ela tivesse compulsão pela limpeza. Muitas mulheres desenvolviam diversos transtornos mentais depois de serem abandonadas pelo companheiro de décadas, a quem eram devotadas toda a vida...

- O senhor sabe que tipo de bodas íamos fazer ano passado? - Perguntou ela de repente. - É claro que não sabe... Eram bodas de porcelana... Vinte anos... Vinte anos da minha vida dediquei a ele... Vinte anos. A porcelana quebra tão fácil, não é delegado? Eu tinha comprado um jogo de jantar de porcelana para comemorarmos... Mas aquela lambisgoia estragou tudo! O senhor vê o que ela fez? Vê o que aconteceu comigo?

- Senhora, eu sinto muito pelo seu sofrimento, mas precisamos esclarecer este mistério! Seu marido está desaparecido há um mês e estamos sem pista alguma do paradeiro dele... A polícia...

- Por que não pergunta a vagabunda que vive com ele? Por que me atazanam com esse assunto? O senhor não entende? ELE NÃO É MAIS MEU... ELE É DELA AGORA!

- A senhora não sabe que ela também está desaparecida? - A mulher pareceu voltar à realidade.

- Ela também... Oh! Eu não sabia! Por tantas vezes eu desejei a morte dela... E agora isso...

- É, senhora. Se o seu desejo se realizou, não sabemos, mas é fato que com ela sumiu todo o dinheiro do seu marido... Já faz uma semana.

- Deus! Mas, então... - A mulher enfim, estava compreendendo porque estava ali. O delegado suspirou aliviado.

- Se a senhora puder ajudar com qualquer informação sobre a foragida...

- Eu... Eu não posso... Desculpe... - E foi levantando-se, tropeçando nas pernas, chegando à porta balbuciando que não podia mais e sem mais partira. O delegado ainda pensou em detê-la, mas desistiu de atormentar ainda mais a pobre diaba.

A pobre diaba, agora, na rua, tentando enxugar as lágrimas, tentava se acalmar. Jurou não mais chorar. Afinal de contas não tinha com o que se preocupar. Ele não estava desaparecido. Não! Ele havia voltado para ela! E mesmo que dissessem que ela estava louca, ela voltava para casa agora, para ele!

Aquela vagabunda não ia destruir seu casamento de novo, não mesmo! Ela sumira! Estava longe, bem longe deles e agora ela iria finalmente pôr a louça nova para o jantar...

Ah! Sua casa! A mais bonita da rua, mas o jardim estava tão descuidado... Um ano sem que ela cuidasse dele. Passou a mão pelos cabelos despenteados. Ela estava tão mal quanto o jardim. Um ano.

Atravessou o portão, com coragem para derrubar um muro. Abriu a porta e deparou com a casa... Vazia. Sorriu, pois mesmo vazia, era a sua casa. Mesmo vazia, era ela mesmo. Subiu as

escadas, tomou um bom banho, vestiu-se a contento, arrumou os cabelos. Era hora de esvaziar-se mais ainda das lembranças. Ele não a esperava na sala, mas ele iria chegar, ela sabia! A outra não existia mais, sumira! E agora, ele ia precisar dela, ah sim, ia!

Desceu, preparou o jantar, mas não encontrou o seu jogo de porcelana. Uma pena; ele se quebrara. Era tão bonito. Mas ela não estava falando de seu casamento... Era da louça. Uma febre começou a queimá-la intensamente, dirigiu-se às escadas, mas não tinha nada a fazer lá em cima. De súbito, lembrou-se do jogo de louça. Ah, como poderia esquecer? Ela o havia guardado no closet embaixo da escada. Pegou a chave e abriu a porta. A princípio não entendeu muito bem a bagunça que via. Entrou, acendeu a luz e sorriu para a tétrica figura jogada a um canto, encolhida.<sup>17</sup>

## Atividades de compreensão do conto

1- O narrador participa ou não da história? Ele conhece as angústias, emoções, traumas da esposa interrogada? Transcreva um trecho que comprove sua resposta.

---

---

*Gabarito: Não participa, mas ele conhece os sentimentos e pensamentos das personagens. “A pobre diaba, agora, na rua, tentando enxugar as lágrimas, tentava se acalmar. Jurou não mais chorar”. (Há outros trechos possíveis como resposta)*

2- Quem é a personagem principal?

---

*Gabarito: A esposa.*

3- Leia.

“- E depois daquela conversa, a senhora nunca mais o viu?

- Não. Não achei conveniente. – Respondeu ela sem mostrar dúvida alguma desta vez.”

a) Foi a primeira vez que a esposa estava sendo interrogada?

---

*Gabarito: Não.*

b) Que palavra ou expressão foi utilizada no trecho para justificar a resposta da questão anterior? O que podemos inferir a partir desse uso?

---

*Gabarito: “desta vez”; pode-se inferir que ela já tinha sido interrogada anteriormente.*

4- Por que a esposa foi convocada para depor?

---

*Gabarito: O marido dela estava desaparecido.*

5- Como era o relacionamento do casal?

---

---

*Gabarito: Eles não se davam bem, apesar da esposa querer uma reconciliação.*

---

<sup>17</sup> O desfecho do conto foi propositalmente retirado para motivar os alunos a criarem outras possibilidades de desfecho e, posteriormente, confirmar ou refutar tais hipóteses.

6- O texto apresenta bastantes descrições, tanto físicas quanto psicológicas, da personagem principal.

a) Descreva fisicamente a esposa.

---

*Gabarito: Uma dona de casa chegando aos quarenta não muito conservada, daquelas com cheiro de alho e cebola nas mãos e nas roupas, manchas brancas de desinfetante.*

b) Essa descrição corrobora para a opinião do delegado sobre ela? Justifique.

---

*Gabarito: Sim, pois o delegado a partir da aparência da esposa percebe que ela estava passando por transtornos emocionais, observe o trecho “Muitas mulheres desenvolviam diversos transtornos mentais depois de serem abandonadas pelo companheiro de décadas, a quem eram devotadas toda a vida...”*

c) Escreva com suas palavras: por que o delegado chegou à conclusão de que a esposa tinha compulsão por limpeza?

---

*Gabarito: Porque as roupas da esposa estavam bastante manchadas de desinfetante.*

7- A personagem principal, no início da história mostra-se triste, enganada e humilhada. Releia o excerto e responda.

“É claro que não sabe... Eram bodas de porcelana... Vinte anos... Vinte anos da minha vida dediquei a ele... Vinte anos.”

a) O uso das reticências pode ser associado à:

- ( ) representação das pausas na fala da personagem durante o depoimento. **X**
- ( ) supressão de informações desnecessárias ao leitor durante o depoimento.
- ( ) representação dos questionamentos que não foram respondidos durante o depoimento.

8- Observe o trecho:

“- Por que não pergunta a vagabunda que vive com ele? Por que me atazanaram com esse assunto? O senhor não entende? **ELE NÃO É MAIS MEU... ELE É DELA AGORA!**  
-A senhora não sabe que ela também está desaparecida? – A mulher pareceu voltar à realidade.”

a) Por que a frase destacada está com letras maiúsculas (caixa alta)?

---

*Gabarito: (Nesta questão o aluno deverá observar que a mudança na fonte das palavras em destaque sugere que a esposa estava falando alto)*

b) O que se subentende na frase “A mulher pareceu voltar à realidade”?



*Gabarito: Subentende-se que antes a mulher estava fantasiando, pensando em uma situação irreal. (Espera-se que o aluno, como já estudado, consiga inferir a informação contida na frase por meio do verbo voltar.)*

9- Há quanto tempo o marido estava desaparecido? E a amante?

---

---

*Gabarito: O marido estava desaparecido há um mês e a amante há uma semana.*

10- No texto, a palavra porcelana adquire diversos sentidos. Cite três significados dado a essa palavra na narrativa?

---

---

*Gabarito: No texto a palavra porcelana recebe os sentidos de: a) jogo de jantar; b) bodas de vinte anos de casamento; c) o relacionamento entre o marido e a esposa. (Este último sentido requer do aluno um alto nível inferencial de compreensão, pois essa resposta não está citada no conto, porém, é percebida por meio da ação das personagens)*

11- Por que o delegado se referira à esposa como “pobre diaba”?

---

---

*Gabarito: Porque mesmo com toda a fragilidade física e emocional que a esposa apresentava, o delegado achava que ela não era uma pessoa que tivesse boa convivência com o marido.*

12- Retorne ao texto e leia esses dois trechos abaixo:

“Não! Ele havia voltado para ela!”  
“Aquela vagabunda não ia destruir seu casamento de novo, não mesmo! Ela sumira!”

Temos dois exemplos de discurso:

- ( ) direto (nesse tipo de discurso encontramos as próprias palavras da personagem)
- ( ) indireto (o narrador interfere na fala da personagem donde profere suas palavras)
- ( ) indireto livre (há uma fusão do discurso direto e indireto; as falas do narrador e personagens podem ser confundidas) **X**

Justifique relacionando ao trecho acima.

---

---

*Gabarito: Na expressão “Aquela vagabunda” as falas do narrador misturam-se a da esposa, inicialmente pensamos ser dela, mas ao continuarmos lendo, percebemos que o narrador retoma seu discurso. :*

13- O narrador relaciona o jardim ao estado físico e psicológico da personagem. Como ambos estavam?

---

---

*Resposta: Tanto a esposa quanto o jardim estavam descuidados há um na; com péssima aparência.*

14- Com base no que você leu até o momento, responda: qual o assunto do conto?

---

---

*Gabarito: O conto trata do desaparecimento de um marido que tinha cometido adultério.*

15- Até esse ponto da narrativa, o que você acha que pode ter acontecido com a amante e o marido?

---

*Gabarito: Nessa questão, o aluno será levado a criar expectativas sobre o desfecho da narrativa. (resposta pessoal)*

### **Continuando o texto...**

- Oi, amor! Desculpe se me atrasei, foram muitas perguntas que o delegado fez... Oh .... Não se assuste! Já vou limpar este sangue do seu rosto. Não devia ter batido tão forte, mas você não queria ficar quieto... E mais um pouco e o policial ia acabar te escutando, não é?

O homem gemia desesperadamente, mas a fita grudada em seus lábios não ajudava muito o seu pedido de socorro. Nem as mãos e pés atados. Como sobrevivera tanto tempo assim?

- Sabe que estão te procurando? Pois é! Eles não acreditam que você voltou pra mim... Aham que estou louca, mas não estou... Não estou... - A febre aumentava e quando ia saindo, lembrou-se de algo importante. - Já ia me esquecendo... Ela te incomodou muito? Não se preocupe, amanhã me livro dela e aí seremos só nós dois de novo... Pena ela ter feito eu quebrar nosso jogo novo de porcelana, não é?

A mulher deu um leve chute no cadáver que jazia aos seus pés, dilacerado por cortes finos e profundos e, em algumas partes daquele corpo sem vida, jaziam pedaços de porcelana cravados, como se fossem lápides em túmulos.

(<http://blogdapatylavir.blogspot.com.br/2013/03/conto-porcelana-agatha-christie.html>)

### **Finalizando o conto...**

Agora que você já sabe o final da narrativa, vamos a algumas perguntas!

- O final foi surpreendente? Por quê?
- Por que a esposa matou a amante e prendeu o marido?
- A polícia conseguiu descobrir o crime?
- Se você fosse o delegado, desconfiaria da esposa?
- Esse conto pode ser considerado de mistério? Por quê?
- Que sensações esse conto despertou em você?

## ANEXO

### ANEXO A – Termo de autorização

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Rio de Janeiro, RJ, de \_\_\_\_\_ de 20\_\_ .

Prezados pais dos (as) alunos (as) da 901

Sou professora da Área de Língua Portuguesa da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) e, atualmente, estou realizando curso de pós-graduação em nível de Mestrado do Programa PROFLETRAS na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

O meu objeto de estudo é/são \_\_\_\_\_

Dessa forma, para realizar minha pesquisa, preciso proceder à coleta de dados que inclui gravações em áudio, vídeo e registros em fotografias dos alunos em atividades

Nesse sentido, solicito a autorização dos senhores para utilizar as imagens por mim captadas e as gravações realizadas com seu (sua) filho (a) em sala de aula. Esclareço que os dados coletados serão utilizados estritamente para análise e os nomes dos (as) alunos (as) não serão divulgados. Quando for necessário me referir a eles (elas), utilizarei as iniciais do nome, resguardando totalmente a identidade dos (as) participante(s) da pesquisa.

Ao final deste estudo, a minha intenção é contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa nas escolas de Ensino Fundamental.

Desde já, agradeço a atenção dispensada e a colaboração.  
Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Profª Área de Língua Portuguesa/ SEEDUC.

Aluno(a): \_\_\_\_\_

Ciente do pai/mãe: \_\_\_\_\_

## ANEXO B – Termo de consentimento

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada "**Aspectos cognitivos e metacognitivos em atividade de leitura do gênero conto de mistério: a inferência e a descrição de personagens vinculadas aos conhecimentos prévios.**" que se refere a um projeto de Mestrado Profissional em Letras vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

O objetivo geral deste estudo é “analisar processo de aprendizagem das competências e habilidades de leitura e compreensão textual em Língua Portuguesa, a fim de entender como esse sujeito-leitor cogniza ao ler um texto, em especial as narrativas de mistério”. Os resultados contribuirão para melhor conhecermos as estratégias que possibilitarão a mediação professor/aluno nas dificuldades no processo de aprendizagem e corroborar para o aprimoramento de práticas que envolvam a leitura.

Sua forma de participação consiste em permitir que sua produção escrita e demais informações coletadas por meio de questionário, entrevista semiestruturada e anotações de campo sejam objeto de investigação e publicação na dissertação produzida.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante seu anonimato e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada; não haverá gastos, nem riscos na sua participação neste estudo; como também não estão previstos ressarcimentos ou indenizações.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para melhores informações.

Você ficará com uma cópia deste Termo e em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com o pesquisador – Nome do pesquisador – através do telefone ou e-mail:

Eu \_\_\_\_\_ (nome do participante) confirmo que \_\_\_\_\_ explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local – \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

\_\_\_\_\_  
(Identificação e assinatura do pesquisador responsável)

## ANEXO C – SEÇÃO III: Atividade 1

Agora que a leitura do conto foi finalizada, vamos às atividades textuais! Lembre-se de que neste momento você colocará em prática os conteúdos aprendidos associando-os ao conto.

1) Em muitos contos, o narrador inicia o texto fazendo a descrição do espaço em que ocorrem os fatos. Transcreva, do 1º parágrafo, as expressões que mostram essa informação.  
*Ele saltou sem pressa a vedação badina, sem se importar, e, chada em direção, badina.*

2) Personagens, narrador e enredo são elementos indispensáveis para se contar uma história. Pensando nisso, responda às perguntas:  
 a) Que tipo de narrador conta a história? Justifique a sua resposta com uma frase do texto.  
*Observador*

b) Podemos afirmar que o texto pertence ao gênero conto de mistérios? Explique. (Lembre-se de associar aos elementos do texto)  
*Ele a esperava encostado a uma árvore.*

3) Analise as expressões empregadas por Ricardo à Raquel:  
 “Minha querida Raquel.”  
 “Meu anjo”  
 Elas foram empregadas em seu sentido usual? Justifique.  
*Sim, porque ele estava apaixonado por ela e ficou preso a época em que, na mesa com*

De acordo com os conteúdos adquiridos nas aulas anteriores sobre inferência e descrição física e psicológica, responda às questões de 4 a 6.

4) Com base no texto, descreva fisicamente e psicologicamente o personagem Ricardo:  
 a) fisicamente  
*Magro e magro, metido de blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados.*  
 b) psicologicamente:  
*Ele parecia triste, desanimado.*

c) Essas descrições colaboraram para ocultar as verdadeiras intenções do personagem? Justifique.  
*Sim, porque ele a parecia ser uma pessoa boa.*

5) Como visto anteriormente, no conto as descrições não são escritas de maneira aleatória pelo autor. Podemos afirmar que nesse conto as descrições estão voltadas para ampliar a intensidade da trama? Justifique.  
*Sim, porque as descrições das misteriosas parecia que ele não fazia mal para ninguém.*

6) Observe os trechos abaixo:  
 A partir das descrições acima, respectivamente, de Ricardo e Raquel podemos

“Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.”  
 “[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?”

inferir que:  
 (a) Ricardo permaneceu sem vaidade e, por isso, não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.  
 (b) Raquel e Ricardo mudaram ao longo do tempo. Ela passou a se dedicar mais à aparência e ele melhorou a vida financeira.  
 (c) ao contrário de Raquel, Ricardo permaneceu preso à época em que namoravam, enquanto, ela adquiriu novos hábitos e estilo.  
 (d) Raquel apareceu elegante ao encontro, justamente por se tratar de um encontro e esse tipo de situação requer formalidade.  
 Justifique: *porque ele ainda amava ela e ficou preso a época em que, na mesa com*

7) O local escolhido para a trama é o cemitério.  
 a) Por que a escolha desse ambiente nada comum para um encontro? (Levante hipóteses relacionando-as ao texto e à narrativa de mistérios).  
*Não, porque ele mandou ela ir para o cemitério e porque ele queria que ela não*

Agora que a leitura do conto foi finalizada, vamos às atividades textuais! Lembre-se de que neste momento você colocará em prática os conteúdos aprendidos associando-os ao conto.

1) Em muitos contos, o narrador inicia o texto fazendo a descrição do espaço em que ocorrem os fatos. Transcreva, do 1º parágrafo, as expressões que mostram essa informação.

Até que chegou ao ponto sem retorno, muitas casas espalhadas, um melão e dadas em terreno baldio.

2) Personagens, narrador e enredo são elementos indispensáveis para se contar uma história. Pensando nisso, responda às perguntas:

a) Que tipo de narrador conta a história? Justifique a sua resposta com uma frase do texto.

Um narrador. Ele o apresenta encostado a uma árvore.

b) Podemos afirmar que o texto pertence ao gênero conto de mistérios? Explique. (Lembre-se de associar aos elementos do texto)

Sim. O encontro é em um cemitério, com um de repente que vai de um tema sério com um mistério, e como sabe se ela morreu.

3) Analise as expressões empregadas por Ricardo à Raquel:  
"Minha querida Raquel."  
"Meu anjo"

Elas foram empregadas em seu sentido usual? Justifique.

Não. Por que Ricardo sempre a trata de uma forma diferente e ele não a trata de uma forma diferente e ele não a trata de uma forma diferente.

De acordo com os conteúdos adquiridos nas aulas anteriores sobre inferência e descrição física e psicológica, responda às questões de 4 a 6.

4) Com base no texto, descreva fisicamente e psicologicamente o personagem Ricardo:

a) fisicamente

Magro e fino, com um olhar sério.

b) psicologicamente:

Reservado.

c) Essas descrições colaboraram para ocultar as verdadeiras intenções do personagem? Justifique.

Sim. Ele não se mostra muito psicológico.

mas em toda parte do texto aparece.

5) Como visto anteriormente, no conto as descrições não são escritas de maneira aleatória pelo autor. Podemos afirmar que nesse conto as descrições estão voltadas para ampliar a intensidade da trama? Justifique.

Sim. Porque as descrições do personagem são feitas que não fazem parte da trama.

6) Observe os trechos abaixo:

A partir das descrições acima, respectivamente, de Ricardo e Raquel podemos

"Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante".

"[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?"

inferir que:

(a) Ricardo permaneceu sem vaidade e, por isso, não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.

(b) Raquel e Ricardo mudaram ao longo do tempo. Ela passou a se dedicar mais à aparência e ele melhorou a vida financeira.

(c) ao contrário de Raquel, Ricardo permaneceu preso à época em que namoravam, enquanto, ela adquiriu novos hábitos e estilo.

(d) Raquel apareceu elegante ao encontro, justamente por se tratar de um encontro e esse tipo de situação requer formalidade.

Justifique: Ele não se preocupou com a aparência.

Quando se separou dela, ele não se preocupou com a aparência.

7) O local escolhido para a trama é o cemitério.

a) Por que a escolha desse ambiente nada comum para um encontro? (Levante hipóteses relacionando-as ao texto e à narrativa de mistérios).

Porque o cemitério é um lugar onde se encontra o morto e ele não deveria estar ali. Isso cria um mistério que ele não tinha por ali e agora que o encontro aconteceu a morte dela.

Agora que a leitura do conto foi finalizada, vamos às atividades textuais! Lembre-se de que neste momento você colocará em prática os conteúdos aprendidos associando-os ao conto.

1) Em muitos contos, o narrador inicia o texto fazendo a descrição do espaço em que ocorrem os fatos. Transcreva, do 1º parágrafo, as expressões que mostram essa informação.

Português lacerado, espalhado  
sem simetria e alheado em  
terrenos baldios.

2) Personagens, narrador e enredo são elementos indispensáveis para se contar uma história. Pensando nisso, responda às perguntas:

a) Que tipo de narrador conta a história? Justifique a sua resposta com uma frase do texto.

Personagem foi Observador

b) Podemos afirmar que o texto pertence ao gênero conto de mistérios? Explique. (Lembre-se de associar aos elementos do texto)

Sim ao cemitério, nella  
assustada, sacanida pela  
personagem.

3) Analise as expressões empregadas por Ricardo à Raquel:

"Minha querida Raquel."  
"Meu anjo"

Elas foram empregadas em seu sentido usual? Justifique.

nao porque ele queria me  
abrigar dela.

De acordo com os conteúdos adquiridos nas aulas anteriores sobre inferência e descrição física e psicológica, responda às questões de 4 a 6.

4) Com base no texto, descreva fisicamente e psicologicamente o personagem Ricardo:

a) fisicamente

Esguio e magro, metido blusão  
azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados.

b) psicologicamente:

Escurioso.

c) Essas descrições colaboraram para ocultar as verdadeiras intenções do personagem? Justifique.

Sim porque ele é uma pessoa  
boa.

5) Como visto anteriormente, no conto as descrições não são escritas de maneira aleatória pelo autor. Podemos afirmar que nesse conto as descrições estão voltadas para ampliar a intensidade da trama? Justifique.

Sim porque a descrição do  
personagem não pareceu  
que ele não é ruim.

6) Observe os trechos abaixo:

A partir das descrições acima, respectivamente, de Ricardo e Raquel podemos

"Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante".  
"[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?"

inferir que:

(a) Ricardo permaneceu sem vaidade e, por isso, não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.

(b) Raquel e Ricardo mudaram ao longo do tempo. Ela passou a se dedicar mais à aparência e ele melhorou a vida financeira.

(c) ~~ao contrário~~ de Raquel, Ricardo permaneceu preso à época em que namoravam, enquanto, ela adquiriu novos hábitos e estilo.

(d) Raquel apareceu elegante ao encontro, justamente por se tratar de um encontro e esse tipo de situação requer formalidade.

Justifique: porque ele amava  
ela ainda.

7) O local escolhido para a trama é o cemitério.

a) Por que a escolha desse ambiente nada comum para um encontro? (Levante hipóteses relacionando-as ao texto e à narrativa de mistérios).

nao porque ele queria matar  
um sentimento dela.

Agora que a leitura do conto foi finalizada, vamos às atividades textuais! Lembre-se de que neste momento você colocará em prática os conteúdos aprendidos associando-os ao conto.

1) Em muitos contos, o narrador inicia o texto fazendo a descrição do espaço em que ocorrem os fatos. Transcreva, do 1º parágrafo, as expressões que mostram essa informação.

Tratava-se de uma rua estreita e silenciosa, com casas de dois andares e um cemitério.

2) Personagens, narrador e enredo são elementos indispensáveis para se contar uma história. Pensando nisso, responda às perguntas:

a) Que tipo de narrador conta a história? Justifique a sua resposta com uma frase do texto.

Narrador "eu" e "narrador" "ele" e "narrador" "ela".

b) Podemos afirmar que o texto pertence ao gênero conto de mistérios? Explique. (Lembre-se de associar aos elementos do texto)

Sim, pois o texto apresenta alguns elementos característicos do gênero conto de mistérios, como a descrição do espaço físico e psicológico.

3) Analise as expressões empregadas por Ricardo à Raquel:

"Minha querida Raquel."  
"Meu anjo"

Elas foram empregadas em seu sentido usual? Justifique.

Não, pois elas são usadas para demonstrar o amor e a carinho de Ricardo por Raquel.

De acordo com os conteúdos adquiridos nas aulas anteriores sobre inferência e descrição física e psicológica, responda às questões de 4 a 6.

4) Com base no texto, descreva fisicamente e psicologicamente o personagem Ricardo:

a) fisicamente.

Ricardo é magro, cabelos crespos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.

b) psicologicamente:

Ele é apaixonado por Raquel e demonstra um comportamento de um jovem apaixonado.

c) Essas descrições colaboraram para ocultar as verdadeiras intenções do personagem? Justifique.

Sim, pois o narrador não revela as verdadeiras intenções de Ricardo.

Essa descrição do espaço físico e psicológico colabora para a criação de um clima de mistério.

5) Como visto anteriormente, no conto as descrições não são escritas de maneira aleatória pelo autor. Podemos afirmar que nesse conto as descrições estão voltadas para ampliar a intensidade da trama? Justifique.

Sim, pois o autor descreve o espaço físico e psicológico para criar um clima de mistério e aumentar a intensidade da trama.

6) Observe os trechos abaixo:

A partir das descrições acima, respectivamente, de Ricardo e Raquel podemos

"Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante".  
"[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?"

inferir que:

(a) Ricardo permaneceu sem vaidade e, por isso, não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.

(b) Raquel e Ricardo mudaram ao longo do tempo. Ela passou a se dedicar mais à aparência e ele melhorou a vida financeira.

(c) ao contrário de Raquel, Ricardo permaneceu preso à época em que namoravam, enquanto, ela adquiriu novos hábitos e estilo.

(d) Raquel apareceu elegante ao encontro, justamente por se tratar de um encontro e esse tipo de situação requer formalidade.

Justifique: Ele não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.

7) O local escolhido para a trama é o cemitério.

a) Por que a escolha desse ambiente nada comum para um encontro? (Levante hipóteses relacionando-as ao texto e à narrativa de mistérios).

Porque o local é um cemitério, o que cria um clima de mistério e suspense.



Agora que a leitura do conto foi finalizada, vamos às atividades textuais! Lembre-se de que neste momento você colocará em prática os conteúdos aprendidos associando-os ao conto.

1) Em muitos contos, o narrador inicia o texto fazendo a descrição do espaço em que ocorrem os fatos. Transcreva, do 1º parágrafo, as expressões que mostram essa informação.

2) Personagens, narrador e enredo são elementos indispensáveis para se contar uma história. Pensando nisso, responda às perguntas:

a) Que tipo de narrador conta a história? Justifique a sua resposta com uma frase do texto.

b) Podemos afirmar que o texto pertence ao gênero conto de mistérios? Explique. (Lembre-se de associar aos elementos do texto)

3) Analise as expressões empregadas por Ricardo à Raquel:

"Minha querida Raquel."  
"Meu anjo"

Elas foram empregadas em seu sentido usual? Justifique.

De acordo com os conteúdos adquiridos nas aulas anteriores sobre inferência e descrição física e psicológica, responda às questões de 4 a 6.

4) Com base no texto, descreva fisicamente e psicologicamente o personagem Ricardo:

a) fisicamente

b) psicologicamente:

c) Essas descrições colaboraram para ocultar as verdadeiras intenções do personagem? Justifique.

5) Como visto anteriormente, no conto as descrições não são escritas de maneira aleatória pelo autor. Podemos afirmar que nesse conto as descrições estão voltadas para ampliar a intensidade da trama? Justifique.

6) Observe os trechos abaixo:

A partir das descrições acima, respectivamente, de Ricardo e Raquel podemos

"Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante."  
"[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatinhos de sete léguas, lembra?"

inferir que:

(a) Ricardo permaneceu sem vaidade e, por isso, não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.

(b) Raquel e Ricardo mudaram ao longo do tempo. Ela passou a se dedicar mais à aparência e ele melhorou a vida financeira.

(c) ao contrário de Raquel, Ricardo permaneceu preso à época em que namoravam, enquanto, ela adquiriu novos hábitos e estilo.

(d) Raquel apareceu elegante ao encontro, justamente por se tratar de um encontro e esse tipo de situação requer formalidade.

Justifique:

7) O local escolhido para a trama é o cemitério.

a) Por que a escolha desse ambiente nada comum para um encontro? (Levante hipóteses relacionando-as ao texto e à narrativa de mistérios).

Agora que a leitura do conto foi finalizada, vamos às atividades textuais! Lembre-se de que neste momento você colocará em prática os conteúdos aprendidos associando-os ao conto.

1) Em muitos contos, o narrador inicia o texto fazendo a descrição do espaço em que ocorrem os fatos. Transcreva, do 1º parágrafo, as expressões que mostram essa informação.

Ela vestiu um puzo e Ventura badina  
uma simetria, e tinha um cabelo  
baixo

2) Personagens, narrador e enredo são elementos indispensáveis para se contar uma história. Pensando nisso, responda às perguntas:

a) Que tipo de narrador conta a história? Justifique a sua resposta com uma frase do texto.

El contido

b) Podemos afirmar que o texto pertence ao gênero conto de mistérios? Explique. (Lembre-se de associar aos elementos do texto)

Ele a esperava encostado a  
uma árvore

3) Analise as expressões empregadas por Ricardo à Raquel:

"Minha querida Raquel."

"Meu anjo"

Elas foram empregadas em seu sentido usual? Justifique.

Sim, porque ele estava tentando  
nao porque estava tentando  
de fazer sua intenção

De acordo com os conteúdos adquiridos nas aulas anteriores sobre inferência e descrição física e psicológica, responda às questões de 4 a 6.

4) Com base no texto, descreva fisicamente e psicologicamente o personagem Ricardo:

a) fisicamente

Magro e magro, mel do cabelo azul  
marinho, cabelos crescidos e desalinhados

b) psicologicamente:

Ele parecia, ultrassim

c) Essas descrições colaboraram para ocultar as verdadeiras intenções do personagem? Justifique.

Sim, porque ele parecia ser  
uma pessoa boa

5) Como visto anteriormente, no conto as descrições não são escritas de maneira aleatória pelo autor. Podemos afirmar que nesse conto as descrições estão voltadas para ampliar a intensidade da trama? Justifique.

Sim, porque as descrições  
são misteriosas para  
que ele não fosse mal para  
ninguém

6) Observe os trechos abaixo:

A partir das descrições acima, respectivamente, de Ricardo e Raquel podemos

"Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante".

"[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?"

inferir que:

(a) Ricardo permaneceu sem vaidade e, por isso, não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.

(b) Raquel e Ricardo mudaram ao longo do tempo. Ela passou a se dedicar mais à aparência e ele melhorou a vida financeira.

(c)  ao contrário de Raquel, Ricardo permaneceu preso à época em que namoravam, enquanto, ela adquiriu novos hábitos e estilo.

(d) Raquel apareceu elegante ao encontro, justamente por se tratar de um encontro e esse tipo de situação requer formalidade.

Justifique: porque ele ainda estava  
ela e ficou preso a época  
em que namoravam

7) O local escolhido para a trama é o cemitério.

a) Por que a escolha desse ambiente nada comum para um encontro? (Levante hipóteses relacionando-as ao texto e à narrativa de mistérios).

Não, porque ele matando ela ia  
para lá dos sentimentos e  
porque vem lá o que se ninguém  
vai

Agora que a leitura do conto foi finalizada, vamos às atividades textuais! Lembre-se de que neste momento você colocará em prática os conteúdos aprendidos associando-os ao conto.

1) Em muitos contos, o narrador inicia o texto fazendo a descrição do espaço em que ocorrem os fatos. Transcreva, do 1º parágrafo, as expressões que mostram essa informação.

Ela surgiu com pressa e vestida de lã  
em um ambiente, e olhada em Ricardo  
baixas

2) Personagens, narrador e enredo são elementos indispensáveis para se contar uma história. Pensando nisso, responda às perguntas:

a) Que tipo de narrador conta a história? Justifique a sua resposta com uma frase do texto.

El narrador

b) Podemos afirmar que o texto pertence ao gênero conto de mistérios? Explique. (Lembre-se de associar aos elementos do texto)

Ele a esperava encostado a  
uma árvore

3) Analise as expressões empregadas por Ricardo à Raquel:

"Minha querida Raquel."

"Meu anjo"

Elas foram empregadas em seu sentido usual? Justifique.

Sim, porque ele estava apaixonado  
por ela e estava falando  
de forma sua intenção

De acordo com os conteúdos adquiridos nas aulas anteriores sobre inferência e descrição física e psicológica, responda às questões de 4 a 6.

4) Com base no texto, descreva fisicamente e psicologicamente o personagem Ricardo:

a) fisicamente

Esquilo magro, mel de cabelo azul  
marinho, cabelos crescidos e desalinhados

b) psicologicamente:

Ele parecia, interessado

c) Essas descrições colaboraram para ocultar as verdadeiras intenções do personagem? Justifique.

Sim, porque ele parecia ser  
uma pessoa boa

5) Como visto anteriormente, no conto as descrições não são escritas de maneira aleatória pelo autor. Podemos afirmar que nesse conto as descrições estão voltadas para ampliar a intensidade da trama? Justifique.

Sim, porque as descrições  
são misteriosas parecia  
que ele não fazia mal para  
ninguém

6) Observe os trechos abaixo:

A partir das descrições acima, respectivamente, de Ricardo e Raquel podemos

"Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante".

"[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?"

inferir que:

(a) Ricardo permaneceu sem vaidade e, por isso, não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.

(b) Raquel e Ricardo mudaram ao longo do tempo. Ela passou a se dedicar mais à aparência e ele melhorou a vida financeira.

(c) ao contrário de Raquel, Ricardo permaneceu preso à época em que namoravam, enquanto, ela adquiriu novos hábitos e estilo.

(d) Raquel apareceu elegante ao encontro, justamente por se tratar de um encontro e esse tipo de situação requer formalidade.

Justifique: porque ele ainda ama  
ela e ficou preso a época  
em que namoravam

7) O local escolhido para a trama é o cemitério.

a) Por que a escolha desse ambiente nada comum para um encontro? (Levante hipóteses relacionando-as ao texto e à narrativa de mistérios).

Não, porque ele matou ela e  
matou todos os sentimentos e  
porque ele tem o que se ninguém  
vai

Agora que a leitura do conto foi finalizada, vamos às atividades textuais! Lembre-se de que neste momento você colocará em prática os conteúdos aprendidos associando-os ao conto.

1) Em muitos contos, o narrador inicia o texto fazendo a descrição do espaço em que ocorrem os fatos. Transcreva, do 1º parágrafo, as expressões que mostram essa informação.

vestidos de lã, modestas cores, sua  
um calcanhar, e ali está aqui e ali  
por um mata xadrez

2) Personagens, narrador e enredo são elementos indispensáveis para se contar uma história. Pensando nisso, responda às perguntas:

a) Que tipo de narrador conta a história? Justifique a sua resposta com uma frase do texto.

Observador: "Os passos de ambos  
ressoavam sonoros como uma  
estampa mística feita ao som de palha"

b) Podemos afirmar que o texto pertence ao gênero conto de mistérios? Explique. (Lembre-se de associar aos elementos do texto)

Sim, o personagem Ricardo que  
no final da narrativa, deixa Ra-  
quel presa no capelo, o mistério  
que fica é o motivo dele ter feito isso

3) Analise as expressões empregadas por Ricardo à Raquel:

"Minha querida Raquel."

"Meu anjo"

Elas foram empregadas em seu sentido usual? Justifique.

Sim, já que era a amada dele

De acordo com os conteúdos adquiridos nas aulas anteriores sobre inferência e descrição física e psicológica, responda às questões de 4 a 6.

4) Com base no texto, descreva fisicamente e psicologicamente o personagem Ricardo:

a) fisicamente:

Esguio e magro, metido num blusão  
azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados

b) psicologicamente:

Ele se foi capeto obsessivo

c) Essas descrições colaboraram para ocultar as verdadeiras intenções do personagem? Justifique.

Sim. Com sua aparência de um jovem normal  
não mostrava como ele era realmente.

5) Como visto anteriormente, no conto as descrições não são escritas de maneira aleatória pelo autor. Podemos afirmar que nesse conto as descrições estão voltadas para ampliar a intensidade da trama? Justifique.

Sim, as descrições da narrativa  
do encontro das mistérios em  
volta dela.

6) Observe os trechos abaixo:

A partir das descrições acima, respectivamente, de Ricardo e Raquel podemos

"Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante".

"[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete léguas, lembra?"

inferir que:

(a) Ricardo permaneceu sem vaidade e, por isso, não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.

(b) Raquel e Ricardo mudaram ao longo do tempo. Ela passou a se dedicar mais à aparência e ele melhorou a vida financeira.

(c) ao contrário de Raquel, Ricardo permaneceu preso à época em que namoravam, enquanto, ela adquiriu novos hábitos e estilo.

(d) Raquel apareceu elegante ao encontro, justamente por se tratar de um encontro e esse tipo de situação requer formalidade.

Justifique: Ele passou no tempo, não  
conseguindo superar o fim do  
encontro, já ele foi ao contrário  
com a

7) O local escolhido para a trama é o cemitério.

a) Por que a escolha desse ambiente nada comum para um encontro? (Levante hipóteses relacionando-as ao texto e à narrativa de mistérios).

Porque o cemitério é representação  
da morte de relacionam-se, do fim do  
amor dele ao dela-lo preso lá.

Agora que a leitura do conto foi finalizada, vamos às atividades textuais! Lembre-se de que neste momento você colocará em prática os conteúdos aprendidos associando-os ao conto.

1) Em muitos contos, o narrador inicia o texto fazendo a descrição do espaço em que ocorrem os fatos. Transcreva, do 1º parágrafo, as expressões que mostram essa informação.

*Um lugar pequeno, com um jardim  
de pedra, um jardim de pedra, um jardim  
de pedra, um jardim de pedra, um jardim  
de pedra, um jardim de pedra.*

2) Personagens, narrador e enredo são elementos indispensáveis para se contar uma história. Pensando nisso, responda às perguntas:

a) Que tipo de narrador conta a história? Justifique a sua resposta com uma frase do texto.

*Personada, tipo de uma escravidão  
ou uma coisa.*

b) Podemos afirmar que o texto pertence ao gênero conto de mistérios? Explique. (Lembre-se de associar aos elementos do texto)

*Sim, o lugar escolhido para o encontro  
é um lugar muito misterioso.*

3) Analise as expressões empregadas por Ricardo à Raquel:

“Minha querida Raquel.”

“Meu anjo”

Elas foram empregadas em seu sentido usual? Justifique.

*Não, elas foram usadas fora do sentido  
usual, para mostrar o amor de Ricardo  
por Raquel.*

De acordo com os conteúdos adquiridos nas aulas anteriores sobre inferência e descrição física e psicológica, responda às questões de 4 a 6.

4) Com base no texto, descreva fisicamente e psicologicamente o personagem Ricardo:

a) fisicamente: *Ele era alto, magro, com um longo  
cabelo escuro, cabelos escuros de  
aparência.*

b) psicologicamente: *Ele era um tipo de homem muito  
misterioso.*

c) Essas descrições colaboraram para ocultar as verdadeiras intenções do personagem? Justifique.

*Sim, pois descreve uma pessoa  
de bom parecer, de aparência.*

5) Como visto anteriormente, no conto as descrições não são escritas de maneira aleatória pelo autor. Podemos afirmar que nesse conto as descrições estão voltadas para ampliar a intensidade da trama? Justifique.

*Sim, Raquel descreve não só  
de um lugar familiar, mas de  
um lugar muito misterioso e assustador.*

6) Observe os trechos abaixo:

A partir das descrições acima, respectivamente, de Ricardo e Raquel podemos

“Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante”.

“[...] Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?”

inferir que:

(a) Ricardo permaneceu sem vaidade e, por isso, não se preocupou com a aparência mesmo indo a um encontro.

(b) Raquel e Ricardo mudaram ao longo do tempo. Ela passou a se dedicar mais à aparência e ele melhorou a vida financeira.

(c) ao contrário de Raquel, Ricardo permaneceu preso à época em que namoravam, enquanto, ela adquiriu novos hábitos e estilo.

(d) Raquel apareceu elegante ao encontro, justamente por se tratar de um encontro e esse tipo de situação requer formalidade.

Justifique: *Por que ele ficou preso a tempo  
por aquela era.*

7) O local escolhido para a trama é o cemitério.

a) Por que a escolha desse ambiente nada comum para um encontro? (Levante hipóteses relacionando-as ao texto e à narrativa de mistérios).

*Por que ele queria assustar  
muito ela.*

## ANEXO D – SEÇÃO III: Atividade 2

8) Ao longo do texto, Ricardo vai dando pistas do que acontecerá à personagem Raquel:

"- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí."

"- Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos."

Após a leitura completa do conto, podemos afirmar que o personagem usou as orações em destaque de forma ambígua.

a) Comente as duas possibilidades de sentido atribuídas às orações.

minha gente está enterrado  
na minha família

b) Que termo presente na oração destacada possibilitou a ambiguidade?

minha gente está enterrado  
e minha família.

9) Ao iniciarmos a leitura do conto, dava para prever que algo de ruim fosse acontecer à Raquel? Cite elementos do texto para comprovar sua resposta.

Ele queria que nada acontecesse com a Raquel.

10) Vimos que o clímax é momento de maior tensão na narrativa. Em que momento o identificamos no conto?

porque ele trouxe os mortos  
dequelas cemitérios com os mortos.

11) Ao deixar Raquel presa no jazigo da capela, Ricardo acaba por surpreender os leitores uma vez que ele não a tortura fisicamente, mas psicologicamente.

a) Explique, com suas palavras, de que forma isso contribuiu para tornar o desfecho surpreendente.

Ele queria que ela sentisse  
a presença dele porque  
ele gostava muito dela.  
ainda.

12) O conto apresenta bastante diálogos entre as personagens. A preferência pelo discurso direto pode ser explicada

(a) pois o narrador tentou nos aproximar do texto como se estivéssemos participando daquela conversação.

narrador sentiu ao contar tamanha crueldade.

(c) pois o narrador não queria proporcionar a impressão de que o leitor participa da cena.

(d) porque o narrador queria se participar e deixar o leitor saber da trama por ele mesmo.

Justifique: porque ele queria  
aproximar dela

13) O conto apresenta bastantes adjetivos, advérbios e verbos empregados para realçar as diferenças entre personagens. Abaixo, explique a ideia implícita nos termos destacados.

a) "- Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo."

muito ciúme.

b) "- Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado..."

antes ela não fumava.

c) "- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima."

porque ele não era fiel

d) "Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos".

porque ele quer voltar pra ela.

e) "Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda".

14) O tema do conto é:

(a) o amor

(b) a vingança

(c) a amizade de infância

Justifique associando ao conto:

porque ele queria se aproximar dela.

e) Porque ele queria uma vingança.

8) Ao longo do texto, Ricardo vai dando pistas do que acontecerá à personagem Raquel:

"- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada ali."

"- Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos".

Após a leitura completa do conto, podemos afirmar que o personagem usou asrações em destaque de forma ambigua.

a) Comente as duas possibilidades de sentido atribuídas às orações.

1ª possibilidade: que ele morreu  
2ª possibilidade: que morreu

b) Que termo presente na oração destacada possibilitou a ambiguidade?

Minha gente e meus

9) Ao iniciarmos a leitura do conto, dava para prever que algo de ruim fosse acontecer à Raquel? Cite elementos do texto para comprovar sua resposta.

sim, porque o narrador diz  
que Raquel estava com medo

10) Vimos que o clímax é momento de maior tensão na narrativa. Em que momento o identificamos no conto?

quando ele diz que  
queria que Raquel fosse  
o culpado

11) Ao deixar Raquel presa no jazigo da capela, Ricardo acaba por surpreender os leitores uma vez que ele não a tortura fisicamente, mas psicologicamente.

a) Explique, com suas palavras, de que forma isso contribuiu para tornar o desfecho surpreendente.

ele não a tortura fisicamente  
mas psicologicamente

12) O conto apresenta bastante diálogos entre as personagens. A preferência pelo discurso direto pode ser explicada

(a) pois o narrador tentou nos aproximar do texto como se estivéssemos participando daquela conversação.

(b) pois o narrador sentiu ao contar tamanha crueldade.

(c) pois o narrador não queria proporcionar a impressão de que o leitor participa da cena.

(d) porque o narrador queria se participar e deixar o leitor saber da trama por ele mesmo.

Justifique: porque ele estava  
com medo de Raquel  
morresse

13) O conto apresenta bastantes adjetivos, advérbios e verbos empregados para realçar as diferenças entre personagens. Abaixo, explique a ideia implícita nos termos destacados.

a) "- Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo."

é muito ciumento  
que quer ser o culpado

b) "- Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado..."

agora ele está fumando  
cigarros

c) "- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima."

é muito fiel  
que não se zangue

d) "Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos".

é muito atormentado  
querendo muito

e) "Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda".

de não poder levar para o meu

14) O tema do conto é:

(a) o amor

(b) a vingança

(c) a amizade de infância

Justifique associando ao conto:

tema de vingança  
que ele fez com ela e ele não foi o amor!

8) Ao longo do texto, Ricardo vai dando pistas do que acontecerá à personagem Raquel:

"- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí."

"- Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos."

Após a leitura completa do conto, podemos afirmar que o personagem usou asorações em destaque de forma ambígua.

a) Comente as duas possibilidades de sentido atribuídas às orações.

A primeira, ele fala da família dele e a segunda, ele quis dizer que ela estava lá e seria dele.

b) Que termo presente na oração destacada possibilitou a ambiguidade?

"Meus" e "minha"

9) Ao iniciarmos a leitura do conto, dava para prever que algo de ruim fosse acontecer à Raquel? Cite elementos do texto para comprovar sua resposta.

Sim. "Ao cara, iam saindo, modestas, as suas palavras, nem sempre é ilhadas em tremores felizes!"

10) Vimos que o clímax é momento de maior tensão na narrativa. Em que momento o identificamos no conto?

Quando ela lê a fábula de Dárcio que era todo mentira dele.

11) Ao deixar Raquel presa no jazigo da capela, Ricardo acaba por surpreender os leitores uma vez que ele não a tortura fisicamente, mas psicologicamente.

a) Explique, com suas palavras, de que forma isso contribuiu para tornar o desfecho surpreendente.

De forma que ele parecia com ela mas a prendeu para que não se libertasse.

12) O conto apresenta bastante diálogos entre as personagens. A preferência pelo discurso direto pode ser explicada

pois o narrador tentou nos aproximar do texto como se estivéssemos participando daquela conversação.

narrador sentiu ao contar tamanha crueldade.

(c) pois o narrador não queria proporcionar a impressão de que o leitor participa da cena.

(d) porque o narrador queria se participar e deixar o leitor saber da trama por ele mesmo.

Justifique: Eu senti como na última narrativa

13) O conto apresenta bastantes adjetivos, advérbios e verbos empregados para realçar as diferenças entre personagens. Abaixo, explique a ideia implícita nos termos destacados.

a) "- Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo."

Ela quis dizer que ele é extremamente ciumento.

b) "- Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado..."

Ele disse "agora" porque ela não fumava mais.

c) "- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima."

Ela não costumava ser tão fiel como está sendo agora.

d) "Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos".

Ele está implorando porque ela não quer aceitar.

e) "Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda."

14) O tema do conto é:

(a) o amor

a vingança

(c) a amizade de infância

Justifique associando ao conto:

porque desde o início ele parecia estar armando tudo



8) Ao longo do texto, Ricardo vai dando pistas do que acontecerá à personagem Raquel:

"- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada ali."

"- Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos".

Após a leitura completa do conto, podemos afirmar que o personagem usou as Orações em destaque de forma ambígua.

a) Comente as duas possibilidades de sentido atribuídas às Orações.

Deu a entender que ele havia  
enterrado os mortos no jardim.

b) Que termo presente na oração destacada possibilitou a ambiguidade?

meus mortos

9) Ao iniciarmos a leitura do conto, dava para prever que algo de ruim fosse acontecer à Raquel? Cite elementos do texto para comprovar sua resposta.

Sim, porque Ricardo não parecia  
uma pessoa muito boa, ele parecia  
um pouco malicioso e não tinha nenhuma  
boa intenção com ela.

10) Vimos que o clímax é momento de maior tensão na narrativa. Em que momento o identificamos no conto?

Quando ele diz para ela  
que ela não pode ir embora  
porque ela não pode ir  
para o jardim.

11) Ao deixar Raquel presa no jazigo da capela, Ricardo acaba por surpreender os leitores uma vez que ele não a tortura fisicamente, mas psicologicamente.

a) Explique, com suas palavras, de que forma isso contribuiu para tornar o desfecho surpreendente.

Ele queria que ela tivesse a  
sensação de estar dentro do  
jardim, mas não podia ir.

12) O conto apresenta bastante diálogos entre as personagens. A preferência pelo discurso direto pode ser explicada

(a) pois o narrador tentou nos aproximar do texto como se estivéssemos participando daquela conversação.

narrador sentiu ao contar tamanha crueldade.

(c) pois o narrador não queria proporcionar a impressão de que o leitor participa da cena.

(d) porque o narrador queria se participar e deixar o leitor saber da trama por ele mesmo.

Justifique: Porque ele não se sente  
como se estivesse participando  
do acontecido.

13) O conto apresenta bastantes adjetivos, advérbios e verbos empregados para realçar as diferenças entre personagens. Abaixo, explique a ideia implícita nos termos destacados.

a) "- Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo."

possessivo

b) "- Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado..."

porque ela não fumava.

c) "- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima."

fiel.

d) "Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos".

porque ela queria um  
último encontro.

e) "Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda".

14) O tema do conto é:

(a) o amor

(b) a vingança

(c) a amizade de infância

Justifique associando ao conto:

Ele queria que ela tivesse a  
sensação de estar dentro do  
jardim, mas não podia ir.  
Ele queria se vingar  
de ela por todo o mal que ela  
fez para ele.

8) Ao longo do texto, Ricardo vai dando pistas do que acontecerá à personagem Raquel:

"- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada ali."

"- Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos."

Após a leitura completa do conto, podemos afirmar que o personagem usou asações em destaque de forma ambigua.

a) Comente as duas possibilidades de sentido atribuídas às orações.

Pode ser homicidas ou pessoas que ele matou.

b) Que termo presente na oração destacada possibilitou a ambiguidade?

minhas ou meus.

9) Ao iniciarmos a leitura do conto, dava para prever que algo de ruim fosse acontecer à Raquel? Cite elementos do texto para comprovar sua resposta.

Sim, porque ele morreu um acidente, de acidente de rua, e não chegou a ser morto sem ninguém.

10) Vimos que o clímax é momento de maior tensão na narrativa. Em que momento o identificamos no conto?

porque quando ele chegou sabia que tinha mal intencões.

11) Ao deixar Raquel presa no jazigo da capela, Ricardo acaba por surpreender os leitores uma vez que ele não a tortura fisicamente, mas psicologicamente.

a) Explique, com suas palavras, de que forma isso contribuiu para tornar o desfecho surpreendente.

porque ele queria que todos vissem a tortura, psicologicamente quando chegou.

12) O conto apresenta bastante diálogos entre as personagens. A preferência pelo discurso direto pode ser explicada

pois o narrador tentou nos aproximar do texto como se estivéssemos participando daquela conversação.

narrador sentiu ao contar tamanha crueldade.

(c) pois o narrador não queria proporcionar a impressão de que o leitor participa da cena.

(d) porque o narrador queria se participar e deixar o leitor saber da trama por ele mesmo.

Justifique: porque no conto quando ele chegou, porque ele matou, canta e faz com que não participe pouco daquela conversa.

13) O conto apresenta bastantes adjetivos, advérbios e verbos empregados para realçar as diferenças entre personagens. Abaixo, explique a ideia implícita nos termos destacados.

a) "- Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é climentíssimo."

porque ele me deu presente

b) "- Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado..."

porque antes ela não fumava

c) "- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidérrimo."

porque ela deu uma fidelidade

d) "Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos".

porque ele está desesperado e ele quer muito

e) "Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda". porque ele já era um pouco pobre.

14) O tema do conto é:

(a) o amor

a vingança

(c) a amizade de infância

Justifique associando ao conto:

porque ele queria ela muito bem, mas ele tinha ela com mal intencões ele queria ver ninguém.

8) Ao longo do texto, Ricardo vai dando pistas do que acontecerá à personagem Raquel:

"- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí."

"- Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos."

Após a leitura completa do conto, podemos afirmar que o personagem usou as orações em destaque de forma ambígua.

a) Comente as duas possibilidades de sentido atribuídas às orações.

A primeira possibilidade é que Ricardo está falando para Raquel, dizendo que ela está enterrada ali.  
A segunda possibilidade é que Ricardo está falando para os outros, dizendo que eles estão mortos.

b) Que termo presente na oração destacada possibilitou a ambiguidade?

Minha gente

9) Ao iniciarmos a leitura do conto, dava para prever que algo de ruim fosse acontecer à Raquel? Cite elementos do texto para comprovar sua resposta.

Quando Ricardo diz "Conheço bem tudo isso", dá a entender que ele sabe algo de ruim que vai acontecer.  
Quando ele diz "Aqui estão meus mortos", dá a entender que ele já sabe que Raquel vai morrer.

10) Vimos que o clímax é momento de maior tensão na narrativa. Em que momento o identificamos no conto?

Quando Ricardo diz "Aqui estão meus mortos", é o momento de maior tensão.  
É quando ele diz "Conheço bem tudo isso", porque ele sabe algo de ruim que vai acontecer.

11) Ao deixar Raquel presa no jazigo da capela, Ricardo acaba por surpreender os leitores uma vez que ele não a tortura fisicamente, mas psicologicamente.

a) Explique, com suas palavras, de que forma isso contribuiu para tornar o desfecho surpreendente.

Quando Ricardo diz "Aqui estão meus mortos", dá a entender que ele já sabe que Raquel vai morrer.  
Quando ele diz "Conheço bem tudo isso", dá a entender que ele sabe algo de ruim que vai acontecer.

12) O conto apresenta bastante diálogos entre as personagens. A preferência pelo discurso direto pode ser explicada

(a) pois o narrador tentou nos aproximar do texto como se estivéssemos participando daquela conversação.

narrador sentiu ao contar tamanha crueldade.

(c) pois o narrador não queria proporcionar a impressão de que o leitor participa da cena.

(d) porque o narrador queria se participar e deixar o leitor saber da trama por ele mesmo.

Justifique: Porque o narrador quer nos aproximar do texto como se estivéssemos participando daquela conversação.

13) O conto apresenta bastantes adjetivos, advérbios e verbos empregados para realçar as diferenças entre personagens. Abaixo, explique a ideia implícita nos termos destacados.

a) "- Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo."

Como ficou em meu olho, Ricardo, não é um risco enorme.

b) "- Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado..."

Pela sua expressão, parece que não quer fumar.

c) "- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima."

Como ficava muito feliz.

d) "Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos".

Por isso, não quero mais vê-lo.

e) "Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda."

14) O tema do conto é:

(a) o amor

(b) a vingança

(c) a amizade de infância

Justifique associando ao conto:

Porque o narrador quer nos aproximar do texto como se estivéssemos participando daquela conversação.

ANEXO E – Capa de livro

